This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

THE UNIVERSITY OF IOWA
LIBRARY

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director literario

JOSEPH LUCIANO CORDEIRO

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

BIBLIOTHECA

DE

CLASSICOS PORTUGUEZES

Director litterario

CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador

MELLO D'AZEVEDO

A LIBERAL, officina typographica, R. de S. Paulo, 216.

Zurara, Gomes Eanes de

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

DIRECTOR LITTERARIO — CONSELHEIRO *LUCIANO CORDEIRO*

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

CHRONICA

DE

EL-REI D. JOÃO I

POR

Gomes Eannes d'Azurara

VOL. I

ESCRIPTORIO

147 — RUA DOS RETROZEIROS — 147

LISBOA

1899

DP
585
Z92

v.1

GL
GL
V.Beckhoven
11-5-70
8536.84-190
add not.

DUAS PALAVRAS

Tendo imposto a paz e o reconhecimento da independencia portugueza á cubiça e insolencia da Hespanha nascente que repellida e duramente castigada d'este lado da Peninsula ensaiava novamente os tentaculos do lado do Aragão, o Rei de «Boa Memoria», com os seus habeis conselheiros politicos, comprehendera naturalmente a dupla necessidade de dar emprego e campo á multidão aventurosa e guerreira, áquelle «novo mundo», como diz Fernão Lopes, que a revolução nacional e democratica fizera surgir da grande crise politica, e de crear, simultaneamente, novos esteios de força e de prestigio que intimidassem ou reprimissem futuras investidas ou recalcadas velleidades do ambicioso e vencido visinho.

Assegurar a paz publica e a consolidação economica do paiz, abrindo horisontes novos aos brios e ás paixões de fidalgos e soldados, creando-lhes como

que um viveiro e escola em que elles se formassem e exercitassem para novas contingencias bellicas; alargar o senhorio, rompendo novos veios de exploração e de accrescentamento ao trabalho e á riqueza nacional; ampliar o territorio, consequentemente o poder e o prestigio, era o necessario corolario dos ultimos acontecimentos; tinha de ser o pensamento, o interesse, a rasão historica da nova dynastia.

— «Que se os fidalgos e outros bons homens d'este Reino, — diz João I, pela penna de Azurara, — não acharem em que exercitar suas forças, é necessario que de duas cousas façam uma: ou travarão arruidos e contendas entre si, como se lê, que fizeram os Romãos depois que tiveram suas guerras acabadas, ou farão taes damnos aos de Castella que se aze de se as pazes quebrarem, a qual cousa eu não queria por nenhuma guisa.»

A primeira idéa, — como era então intelligente, e pratica a politica portugueza! — foi a de proseguir a guerra com os mouros, correndo-os das bellas terras andaluzas que elles infamavam ainda com a longa dissolução do seu dominio peninsular. Uma especie de tradição historica da politica castelhana, attribuia á Corôa de Castella o privativo direito de successão no dominio do ultimo resto do imperio hispano-mussulmano.

Para aquelle lado, pois, voltava a politica portugueza os olhos, — nem era a primeira vez, — desde que assente a paz com Castella não podia volvel-os para as bandas de Leão ou da Galliza.

«Mais azado para se poder conquistar» do que o litoral africano, ficava aquelle reino de Grada (*Granada*), observava D. João I aos filhos, accrescentando *logo*:

— «Ora que proveito tenho eu de aquelle Reino ser posto em sugeição dos Castelhanos?»

Elle não se illudia.

Sabia bem que o hespanhol havia de ser o inimigo contra o qual precisavamos precaver-nos; que, recalcadas e repellidas, a cubiça e a soberbia castelhana haviam de continuar a espreitar-nos, a ameaçar-nos, sempre.

Hontem... *como hoje.*

Foi infelizmente na altura d'estes acontecimentos novos, d'esta phase nova da historia nacional, que bem póde dizer-se a segunda fundação da nacionalidade portugueza, que Fernão Lopes, teve de largar a penna encantadora, deixando incompleta e truncada a chronica do Rei da «Boa Memoria».

Continuou-a, por commissão do neto do grande Rei, Gomes Eannes de Azurara.

E' a continuação d'este, — a 3.ª parte da bella chronica, na edição do dedicado e patriotico Antonio Alvares, — que damos em seguida, não sómente cumprindo o comprimisso tomado, mas congratulando-nos pelo acolhimento feito á republicação da 1.ª e 2.ª parte.

Aljubarrota e *Ceuta*, a grande batalha campal e a primeira conquista ultramarina, são dois feitos que valem por dois symbolos do velho e do novo Portugal: — a independencia e a expansão. Póde dizer-se que n'aquelles dois gloriosos nomes se resolvem e completam, condignas uma da outra, as obras de Fernão Lopes e de Gomes Eannes.

L. C.

LICENÇAS

Vi por mandado do conselho geral do Santo Officio, esta terceira parte da Chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, cujo auctor foi Gomes Eannes de Azurara; não tem cousa alguma que encontre nossa santa fé e bons costumes, antes muitos exemplos de extraordinario valor, que podem servir de motivo aos portuguezes d'este nosso tempo, para commeterem grandes emprezas em serviço d'el-rei nosso senhor que Deus guarde, e em honra da nação portugueza. Lisboa, no convento da Santissima Trindade, em 10 de novembro de 1642.

O D. Fr. *Adrião Pedro.*

Esta terceira parte da chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, composta por Gomes *Eannes de* Azurara, não tem cousa alguma contra a

fé e bons costumes, antes n'ella se tratam feitos heroicos de valorosos portuguezes, assim da primeira como da segunda condição, que tomaram e sugeitaram á corôa de Portugal a insigne cidade de Ceuta, dos quaes podem tomar exemplo os presentes de quem se não espera menos do que seus antepassados com tanto valor fizeram. E assim me parece este livro muito digno de se imprimir. S. Domingos de Lisboa, 16 de dezembro de 1642.

M. Fr. *Ignacio Galvão.*

Vistas as informações pode-se imprimir a terceira parte da chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, auctor Gomes Eannes de Azurara, e depois de impressa tornará ao conselho para se conferir cõm o original e se dar licença para correr, e sem ella não correrá. Lisboa, 29 de novembro de 1643.

Fr. *João de Vasconcellos.*
Francisco Cardoso de Torneo.
Pedro da Silva.

Pode-se imprimir. Lisboa, 17 de novembro de 1642.

O Bispo de Targa.

Não achei n'esta chronica d'el-rei D. João o primeiro, de gloriosa memoria, cousa por onde se possa negar a licença que pedem para se imprimir. Lisboa, 31 de Dezembro de 1642.

Diogo de Paiva de Andrada.

Que se possa imprimir esta chronica, visto as licenças do Santo Officio e ordinario que offerece, e depois de impressa torne para se taxar, e sem isso não correrá. Lisboa, 13 de Janeiro de 1643.

João Sanches de Baena.
D. Rodrigo de Menezes.
João Pinheiro.

PROLOGO

Conclusão é de Aristoteles no segundo livro da Natural Philosophia, que a natureza e o começo de movimento é de folgança, e para declaração d'esto, aprendamos que cada uma cousa tem qualidade, por a qual se demove a seu proprio logar, quando está fóra d'elle, entendendo ali ser confirmado melhor e por aquella mesma propriedade assaz assocegamento, depois que está onde a natureza requer.

Exemplo d'isto é a pedra que por sua graveza e pezo descende ao logar que lhe pertence, e depois que o percalça não se move.

Assim similhavelmente cada um homem tem desejo de conservar sua vida, á qual são necessarias muitas cousas sobre que elle não ha posição, e portanto ha mister que as peça por seu movimento a quem entender que as póde outhorgar, e depois que

as tiver cobrará folgança, usando d'ellas segundo o que deve, e portanto a grandeza de nosso Senhor Deus infindamente é liberal, a elle que em que peçamos esto se póde mostrar por algumas razões.

Para conhecimento da primeira, saibamos que no primeiro livro da gloria, diz o philosopho que se alguma propriedade convem a duas cousas, uma a tem por azo da outra, e é necessario que a tal perfeição compridamente seja em a primeira, cujo exemplo é aqueste.

Certo é que a quentura não convém ao frio esquentado, senão por o fogo, porém não embargante que elles ambos sejam, ella mais pertence ao fogo sobre o qual direitamente podemos fundar nosso proposito em aqueste meio, crendo que nenhum bem fazer convem aos homens, senão por azo do Senhor Deus, em cuja provação diz o Apostolo Santiago na sua primeira Canonica, que toda boa doação e todo liberal outhorgamento de cima descende do padre, dos lumes que sobre esto esparge os raios de sua bondade.

E porque nós tenhamos ouzia de lhe pedirmos ajuda para todas nossas cousas, elle mesmo nos convida no capitulo de S. Matheus, dizendo:

Vinde a mim todos os que trabalhaes em vossos desfallecimentos e sois encarregados, eu vos outhorgarei avondança do que desejaes. E no capitulo 16.° do Evangelho de S. João manda que peçamos e receberemos, no que parece que sem receio o devemos rogar que nos ajude, pois que elle mesmo se offerece a nos outhorgar o que lhe pedirmos.

De si o disse o propheta nos quarenta e nove psalmos, dizendo a cada um homem: — Chama-me em o dia da tribulação e eu te livrarei e tu me louvarás.

E o mestre das sentenças em a quadragessima quinta definição do quarto livro diz que a creatura racional deve dizer as cousas temporaes á verdade eternal, pedindo aquillo que bem deseja que lhe seja outhorgado. E posto que nós razoemos esto em sua presença, não cuidemos que entenderá novamente o que não conhece, cá escripto é em o Evangelho que o nosso Padre sabe as cousas que nos são necessarias primeiro que as façamos. E porém diz S. Gregorio em o dialogo, que o nosso pedir não faz mudança em a disposição divinal, mas faz-nos impetrar o que eternalmente se ordenou ser-nos outhorgado por nossas petições, e portanto em o dezoito capitulo de S. Lucas se diz: — Convem de orar.

Entonce cobraremos o que fôr bem requerido, porém devemos poer em Deus toda nossa esperança, que é poderoso pera nos ajudar em qualquer obra pera que o requeremos.

Empero esta sua ajuda não podemos assim por nós mesmos percalçar, porque elle des o começo fez em as creaturas encadeamento por guisa que as virtudes do ceu não vem á terra que não passem primeiramente por os corpos que são entre ellas, nem se move alguma cousa d'um termo pera outro que por a metade não faça movimento.

Porém como de nosso Creador infindamente sejamos alongados, e no começo são postos alguns corpos a que elle deu parte em sua gloria, e com alguns d'elles nós temos alguma natureza, cumpre que a estes roguemos por nossas petições de que desejamos haver bom desembargo. E por algumas razões se pode aquesto provar, das quaes a primeira se faz por aquesta maneira.

Quanto a petição é mais humildosa e apresentada

sem presumpção, tanto deve ser outhorgada com maior vontade, porém como mais humilde se mostrar cada um, poendo em outrem sua confiança e não presumir de si mesmo, segue-se que com maior vontade lhe deve ser outhorgado o que demanda, pois toda sua esperança põem na bondade do Senhor e nos merecimentos de quem por elle pede, e por confirmação d'esto é escripto em o quinto capitulo de Job que nos tornemos a algum santo, por cujo merecimento nos seja outhorgado o que requeremos.

A segunda razão é que todo aquelle que se conhece por vil e mesquinho em presença de quem quer demandar, esperará com razão de não ser ouvido e de o não leixarem chegar pera dizer o que ha mister, e portanto deve requerer a outrem que verdadeiramente peça por elle, e pois nós quanto aos corpos n'esta vida somos mui sujos, depois da morte seremos mui torpe vianda de vermes. E quanto ás almas diz o propheta em o pslamo cincoenta que em maldade somos gerados, e concebidos em pecado, mostra-se logo devemos rogar a quem não tenha empacho de infindamente ao glorioso Senhor apresentar nossa informação, nem duvidaremos se alguns santos esto podem fazer, que no sexto capitulo do Apocalipse é escripto que a devoção das nossas orações sóbe por mão do anjo á presença de Deus. E no doze capitulo de Thobias se lê que lhe disse o anjo como apresentara suas orações quando jejuava e fazia esmolas e soterrava os mortos, em que parece que os anjos e os santos são nossos ajudadores, quando devotamente os requeremos.

A terceira razão é aquesta, que é nescio o que trabalha de ir só pelo caminho duvidoso, tendo seguro e proveitoso guiador, portanto as petições que fazemos a *Deus* de serem quejandas, devem pela maior parte ser

duvidosas, e temos medianeiro homem Jesus Christo, segundo diz o apostolo S. Paulo em a primeira epistola a Thimoteo; a elle nos tornaremos, principalmente por nos encaminhar, pois em o decimo quarto capitulo do Evangelho de S. João disse:

Ninguem vae ao divinal Padre, senão por elle, que é caminho e claridade do mundo.

Oraremos humildosamente, que por seus merecimentos seja guardador dos nossos desejos e por sua misericordia nos queira impetrar as graças que havemos mister.

Ora fallando da quarta razão, entendemos que qualquer que leixa em as cousas necessarias a certa pratica pelo duvidoso entender, não tão sómente faz simpleza, mas ainda commete loucura, porém como nossa petição toda seja duvidosa de aprazer a Deus, porque diz a Santa Escriptura que nenhum sabe se merece odio ou amor em sua presença, e com esto somos certos que Deus outhorga a muitos grandes mercês n'aquella vida e na outra, por a bondade dos que as pedem, por elles se mostra claramente que se nós queremos bem pedir, d'esta pratica devemos uzar, em cuja provação se lê em o decimo oitavo capitulo do Genesis, que sovertendo Deus as cidades de Sodoma e Gomorra, livrou Loth por rogos do santo patriarcha Abrahão.

Quem soverteu as cidades e livrou Loth?

Muitas vezes fôra perdido o povo de Israel por sanha de Deus se o não abrandaram os rogos do propheta Moysés. E a linhagem de Salomão de todo perdera a cadeira real, senão fôra por el-rei David, servidor do mui alto; e direita razão é que pois aos homens são outhorgadas muitas graças por azo d'aquelles que podem pecar, muito mais lhe devem ser feitas mercês por rogos d'aquelles que já por sempre

não podem fallecer, e porém entenderemos que os santos rogam por nós em a outra vida.

Saibamos que o mestre das sentenças diz em as quarenta e cinco definições do quarto livro, que as almas bemaventuradas que por a esperança divinal recebem ledice em a face de Deus, entendem as cousas que se fazem de fóra, quando é compridouro pera seu prazer ou pera nossa ajuda, em que parece que os santos não dizem a Deus o que nós requeremos, mas elle lhe mostra os nossos desejos, querendo que por suas petições nos sejam cumpridos, porém a elle, segundo cada um tiver sua devoção se tornará devotamente, por guisa que aonde o seu requerimento não poder abranger chegue o merecimento d'aquelle em cuja santidade pozer confiança, especialmente poremos em a Virgem Santa Maria Senhora dos Anjos, que seja nossa advogada por sua misericordia, porque as cousas que forem requeridas por ella pera nós, sem tardança serão outhorgadas, ca diz Santo Anselmo no livro do Concebimento Virginal, que muitas vezes chamando os homens aquesta Senhora, mais trigosamente recebem graça que se Jesus Christo fosse chamado, esto não por ella ter melhoria sobre seu filho, mas por quanto Elle é julgador dos merecimentos de cada um não embargante que ouça quem quer que o chama por justo juizo, e retendo outhorgar o que não é merecido e de quem a sua Madre é chamada e requerida, posto que o pedidor não mereça ser ouvido, os merecimentos d'ella são abastosos pera comprir a petição do que fôr desejado. E por quanto eu sinto de mim tanta fraqueza pera continuar a seguinte obra, digo com toda humildade e reverencia em aquesta guisa:

Aquelle cuja graça por divinal resplendor infla-

mou os corações de seus santos apostolos da perfeita sabedoria e espiritual eloquencia, mande sobre mim alguma parte dos atomos d'aquella graça que por minha rudeza e fraco engenho possa fallar da franqueza e maravilhosos feitos d'este virtuoso e nunca vencido principe rei D. João, aquello que em seus grandes merecimentos mui inteiramente cabe, cuja historia nos seguintes capitulos entendo escrever, porque não menos me parece que deve o seguinte feito e os que detrás d'elle são escriptos, haver menos auctorizado registro do que houveram os feitos do grão Machabeu e d'outros muitos duques e principes que por suas obras a Deus muito prouveram.

Des-ahi punha fiuza em a divinal Madre mais gloriosa que outra pessoal creatura e virtuosa, possuidor em sobreavondavel cumprimento, em cujo ventre de virtuosa pureza fez a divindade graciosa morada e foi gerado finito temporalmente Deus Nosso Senhor Jesus Christo, porque ella é exalçada sobre todas tres hierarchias dos santos principados que por este seu infindo merecimento, pois ella de todas graças é ministradora, não tanto por meus fracos rogos, como por a singular devoção que este glorioso principe na santissima pureza sempre houve, impetrará por mim tal graça que eu possa escrever sua historia, segundo seus grandes merecimentos requerem, conhecendo que por mim nenhuma cousa posso sem sua graça e ajuda, segundo é escripto por Avicena em sua Metaphisica, dizendo que o não ser vem de nós e o ser de outrem, s. de Deus nosso creador em cuja provação diz S. Gregorio que todas as cousas seriam tornadas em nada se as mãos do todo possante Deus as não conservassem, porque nenhuma condição é tanto izenta que em fallecimento não haja sua parte.

TERCEIRA PARTE

DA CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO O PRIMEIRO
E DOS REIS DE PORTUGAL O DECIMO
EM QUE SE CONTEM A TOMADA DE CEUTA
COMPOSTA POR GOMES EANNES DE AZURARA
CHRONISTA MÓR D'ESTES REINOS

CAPITULO I

Do começo da historia e fundação de Ceuta.

O tempo e grandeza das obras, nos constrange fortemente que escrevamos nos seguintes capitulos a gloriosa fama da mui notavel empreza tomada por este virtuoso e nunca vencido principe, senhor rei D. João, que em seu proposito determinou forçosamente por armas conquistar uma tão nobre e tão grande cidade, como é Ceuta, no qual feito consirando podemos esguardar quatro coisas, a saber, grande amor da fé, grandeza de coração, maravilhosa ordenança e proveitosa victoria, a qual foi maravilhoso preço de seu grande trabalho, e pas-

saremos ao presente pela declaração de aquestas coisas, porque se de alguma d'ellas singularmente fallando pouco dissessemos, nossa força seria ingrata, e se de todas assaz fallassemos, pareceria infinda, empero sob muita brevidade algumas coisas diremos de cada uma, porque os ledores saibam como o dito rei se em ellas houve ácerca d'este feito.

Grande ardor foi o de sua fé em todas suas obras, singularmente em esta, ca todo seu principal movimento foi serviço de Deus e grande desejo que tinha de emendar alguma cousa, se a contra vontade de Deus fizera no tempo da guerra passada, e assim o dizia muitas vezes em sua vida, quando se acertava em ello fallar, que posto que em ello houvesse guerra, mui justa com seus inimigos, a qual era por defensão de sua terra, na qual suas armas muitas vezes foram tintas de sangue, que elle não entendia d'ello fazer, senão lavando suas mãos no sangue dos infieis.

Oh! maravilhosa caridade de principe, cuja similhança em homem d'aquelle tempo não foi achada, que com tamanho temor divinal tratava suas obras, que certo não era sem rasão que tão catholico e religioso principe cobrasse bemaventurados aquecimentos, pois sob o jugo da fé com tanto temor de Deus trabalhava seus feitos, que escripto é por Valerio Maximo, no seu primeiro livro, que porque os Romãos guardavam reverencia aos Deuses e sem sua vontade alguma cousa não faziam, por isso durou longamente o seu senhorio; e fallando da grandeza de seu coração, que poderemos dizer, senão que foi uma coisa mais pera maravilhar, que pera fallar de grandioso homem, sendo de tamanha edade era pouco seguro de seus imigos, porque as pazes que com elles tinha não eram tão firmes que se ligeiramente não podessem

quebrar, maiormente não sendo outhorgadas por el-rei, a qual cousa muitos consiravam que podia empachar sua obra, mas elle com nenhuma cousa poude receber embargo, antes com aquella firmeza e ardor da fé, que já fallámos, desprezou todos os contrarios que o poderiam empachar pera cobrar aquella victoria a que o seu coração prophetizando o chamava, não se contentando ainda por si só cobrar este feito, mas de seis filhos que tinha, os quatro que eram pera tomar armas áquelle tempo, levou comsigo.

Mas da postura de seus feitos e de como os tres d'elles foram cavalleiros, fallaremos ao deante mais cumpridamente, leixando sómente o rei no sob governança de um antigo cavalleiro, creado seu, que era mestre d'Aviz. Mas a ordenança de seus feitos foi cousa maravilhosa pera aquelles que viviam n'aquella edade, a qual pela historia adeante será devisada cumpridamente a quem em ella esguardar, porque achará que nem o cerco de Troia nem a passada de Sipião em Africa, foram de tanta excellencia.

Pois da victoria que lhe o Senhor Deus outhorgou em fim de seus grandes trabalhos, por contrato de suas famosas cavallarias, bem pode ser exemplo a todos os principes do mundo.

Muitos suficientes historiadores escreveram cavalleirosos feitos e façanhosas historias de muitos reis, duques e principes passados, mas por certo em nenhuma escriptura se achará que em tão breve tempo uma tão notavel e tão grande cidade fosse filhada por força d'armas, não porque ella de muitos por sua grande nobreza, não fosse cobiçada e desejada, mas punha espanto aos rostos dos que a olhavam e esguardavam seu temeroso semblante.

Santo Agostinho, que foi bispo em Africa, dá tes-

temunho da nobreza d'esta cidade, e que de todos os senhores, d'aquella terra foi sempre desejado seu senhorio.

Conta um senhor d'ella, Abdabiz, que foi grão doutor entre os mouros, que esta cidade foi fundada depois da destruição do diluvio, annos duzentos e trinta e tres, e assim havia a aquelle tempo que ella foi filhada quatro mil duzentos e oitenta e tres annos, e havia oitocentos e dezoito que era em poder de mouros, e diz que o fundador d'ella foi seu neto de Noé, e que esta foi a primeira que elle fundou em toda aquella terra d'Africa, e que portanto lhe poz o nome Ceyt, que quer dizer em lingua caldea, começo de formosura, e diz que mandou escrever umas letras em a primeira pedra que se poz no alicerce que diziam:

Esta é a minha cidade Ceyt, a qual eu povoei primeiramente de companhas de minha geração; os seus cidadãos serão estremados de toda nobreza d'Africa; dias virão que sobre o seu senhorio se espargirá sangue de diversas nações, e o seu nome durará até o acabamento do derradeiro segre. E assim deveis de saber que depois que esta cidade foi primeiramente fundada até o tempo que el-rei D. João a filhou, nunca foi nenhum principe nem senhor que cobrasse seu senhorio por força d'armas, porque ella foi primeiro de gentios, como dito é, e depois foi convertida á fé de nosso Senhor Jesus Christo, na qual durou até o tempo que o conde Julião a entregou aos mouros, quando por vingança d'el-rei D. Rodrigo, os mouros primeiramente passaram em Hespanha, segundo conta Santo Isidro e mestre Pedro e D. Lucas de Tuy.

Oh! cidade de Ceuta, diz o doctor, ante todas as de Africa mais exalçada, muito favoraveis te foram

os planetas e os signos muito sujeitos á tua constellação, em que primeiro foi teu fundamento, pois tão longamente guardaste tua virgindade em desprezo de tantos e tão ricos barões de quem sempre foste tão desejada, por te dares inteira e só a um tão alto e glorioso rei, o qual te depois tanto amou e tão valentemente defendeu. Dina será a tua façanha de perpetua remembrança, eras tu primeiramente de nação barbara, mais baixa de todas as nações, e agora acompanhada e guardada por força de linhagem dos reis de Hespanha e da casa de Inglaterra.

Partidas são de ti as ensujentadas cerimonias do abominavel Mafamede, e as suas mesquitas sagradas com elle são todas tornadas em templos do não mortal Deus, e n'elles tratado o mysterio do divinal sacrificio. Qual cidade é hoje no mundo mais temida e prezada que ti? Por certo grande gloria te será quando pensares quanto nobre sangue é espargido por teu defendimento, alegre e com grado deverás tu receber tal senhor.

Ora com graça de Deus começaremos nossa historia, repartida em capitulos segundo real ordenança dos antigos historiadores. Empero não será tão compridamente contada como foi o feito, porque nós começamos de escrever trinta e quatro annos depois de sua tomada, e afóra os impedimentos que ao deante serão contados, no dito tempo falleceram quasi a maior parte das auctorisadas pessoas que foram no conselho e feito da dita obra, que d'elle perfeitamente sabiam, e os que ficaram de que tinhamos razão saber, eram tão grandes senhores que pela excellencia de seu estado foram sempre tão ocupados que perderam a lembrança de mui grão parte das circumstancias d'aquellas cousas, maiormente que o principal d'estes

era o infante D. Henrique, o qual foi sempre tão occupado nos feitos do reino, des-ahi teve sempre em elle muito grandes encarregos cuja força occupou muito seu accordo em este feito, a qualidade dos quaes contaremos ao deante.

Proseguindo nossa força e tomando porém alguns pedaços que ficaram pegados nas paredes do entendimento d'este senhor, cheias de mui grandes cuidados e cercadas de feitos estranhos, com algumas migalhas que de fóra apanhamos, trabalharemos de fazer cousa que pareça inteira, segundo a fórma do processo que se segue.

CAPITULO II

Em que se declaram as razões porque esta força foi começada tão tarde.

Qual foi o primeiro movimento d'aquella demanda que era entre o reino de Castella e Portugal, des-ahi todos os aquecimentos que se d'elle seguiram, assaz tenho que fica declarado em um livro que d'elle é escripto, o qual foi posto em ordenança por uma notavel pessoa que chamavam Fernão Lopes, homem de communal sciencia e grande auctoridade, que foi escrivão da puridade do infante D. Fernando, ao qual el-rei D. Duarte em sendo infante, commetteu o cargo de apanhar os avisamentos que pertenciam a todos aquelles feitos, e os ajuntar e ordenar segundo pertencia á grandeza d'elles

e auctoridade dos principes e outras notaveis pessoas que os fizeram.

E por quanto o dito Fernão Lopes não pôde mais chegar com a dita historia que até a tomada de Ceuta, assim pela grandeza da obra que se n'aquelles feitos passados requeria, como pelos avisamentos d'elle serem caros e maus de apanhar, e esto porque a dita historia foi começada tão tarde que muitas das pessoas que verdadeiramente sabiam, eram já partidas d'este mundo, e outras que ficaram estavam departidas pelo reino, cada um onde lhe a ventura ordenara de serem, com galardão de seu trabalho segundo a parte de seu merecimento, ca não foi algum que servisse em alguma maneira a aquelle grande principe e senhor rei D. João, que ficasse sem maravilhosa satisfação de seu serviço, não ainda segundo a qualidade de seu merecimento, mas muito melhor e mui grandemente, segundo em sua historia em algumas partes podereis achar, ca entre os reis que foram em Portugal até sua edade elle foi havido por mais grande, e a sua magnificencia procedia de sua mui grande magnanimidade, e assim foi necessario ao dito Fernão Lopes de andar por todas as partes do reino pera haver cumprida informação do que havia de começar, e não tão sómente por aquelles que os ditos feitos trataram pôde ser perfeita informação, por quanto os mais d'elles eram chegados a derradeira edade, onde a memoria perde muito das primeiras cousas, que os velhos por natureza, por razão de esfriamento do sangue, perdem muitas cousas que na mancebia aprenderam, como escrevia S. Jeronymo em uma epistola a Nepociano, que sendo elle mancebo todas as cousas retinha vivamente, mas depois que a cabeça foi cã e a face enverrugada, logo um sangue frio lhe cercou o coração,

de guisa que muitas cousas que vira e aprendera na mancebia lhe esqueceram na velhice, e des-ahi os grandes trabalhos em que aquelles velhos andaram com el-rei todo o outro tempo passado, foi grande azo de se não lembrarem de todo compridamente, por cuja razão o dito Fernão Lopes despendeu muito tempo em andar pelos mosteiros e egrejas buscando os cartorios e os letreiros d'ellas, pera haver sua informação, e não só em este reino, mas ainda ao reino de Castella mandou el-rei D. Duarte buscar muitas escripturas que a esto pertenciam, por quanto o seu desejo não era que os feitos de seu padre fossem escriptos, senão mui verdadeiramente, e assim por esta tardança e por a historia ser começada tarde, o dito Fernão Lopes não pôde com ella chegar mais que até o tempo que os embaixadores d'este reino foram a Castella primeiramente firmar as pazes com el-rei D. Fernando de Aragão, e com a rainha D. Catharina, que áquelle tempo eram tutores d'el-rei.

E porquanto o mui alto e mui poderoso principe e senhor el-rei D. Affonso o quinto, ao tempo que primeiramente começou de governar seus reinos, soube que os feitos de seu avô ficavam por acabar, considerando como o tempo escorregava cada vez mais, e que tardando de ser escriptos, poderiam as pessoas que alli foram fallecer, por cuja razão se perderia a memoria de tão notaveis cousas. Portanto mandou a mim Gomes Eannes d'Azurara, seu criado, que trabalhasse de as ajuntar e escrever por tal guisa que ao tempo que se houvessem de ordenar em chronica, fossem achadas sem fallecimentos. E eu em cumprimento de seu mandado e por satisfazer a seu desejo, como de meu senhor e meu rei, me trabalhei de eu querer e saber as ditas cousas

e as escrevi em estes cadernos pela guisa que ao deante é conteuda, com tenção de as accrescentar ou mingoar em quaesquer logares em que foi achado, por verdadeiro juizo que o merecem, e a auctoridade d'aquellas pessoas, porque fui avizado, em ellas haverá pouco fallecimento, ca é cousa certa, que nos feitos que muitos viram e sabem, nunca homem tantas vezes pode perguntar quem sempre não ache cousas novas que saber, e isto porque cada um conta o feito por sua guiza, buscando muitos homens que vissem uma cousa e perguntando a cada um por si, achará que o primeiro não concerta com o segundo, nem o terceiro com o derradeiro, quanto a circumstancias da obra, e esto sei eu bem porque o pratiquei por muitas vezes.

Ora quando se esto faz em uma cousa pequena, que se fará no filhamento de uma cidade, ou no revolvimento d'uma batalha campal, onde a occupação de cada um não se póde mais entender, que a defensão de sua vida, em que elle tem tanto que fazer, que não é de crêr que pera outra nenhuma parte reparta seu cuidado? E quem quizer escrever os falamentos de todos seria uma cousa defusa, ou mais direitamente impossivel, ca elles não se contentam de contarem o que sabem, mas ainda accrescentam no que ouvem, e em muitas partes tão largamente, que fazem aquelles que hão de escrever a sustancia dos feitos, pôr em mui grandes duvidas, de guiza que é mais segura parte perguntar a poucas e a certas pessoas, que demandar a todos o que perfeitamente não ha razão de saber.

CAPITULO III

Da tenção que el-rei houve de mandar requerer pazes a Castella.

Mas é agora primeiramente de saber o grande desejo que el-rei havia de vêr acabados os feitos da guerra, que era entre elle e o reino de Castella, não porque elle em seu coração temesse o poder dos castellãos, nem d'outras nenhumas pessoas, que assás era de esforçado e valente em todos os casos perigosos, e quanto o trabalho e o espanto era maior, tanto o seu esforço era mais grande, segundo bem ouvistes nos grandes e perigosos logares em que foi, como os susteve esforçadamente; nem ainda havia elle razão de desejar paz, porque lhe as cousas até alli não accudissem segundo sua vontade, ca em todos aquelles feitos a fortuna lhe rendera melhor do que elle desejara, por cuja razão os feitos d'aquella guerra eram por todas as partes do mundo mui nomeados, ca fallamos ainda mais pelos damnos e perdas que os castellãos receberam, que elle nem os seus, mas de tal guisa pelejava que sempre pelejando parecia que buscava a paz, segundo se claramente mostrou por todos os seus feitos, a qual cousa foi sempre muito louvada, assim pelos douctores da santa egreja, como pelos philosophos historicos e peripaticos, e por todos os outros auctores historiaes, assim gregos como latinos, os quaes todos juntamente e cada um por si accordaram esta será mais excellente virtude que se

pode achar em um principe, nas adversidades ser forte e nas prosperidades humildoso, e por fallecimento de cada uma d'ellas cahiram já muitos principes mui grandes quedas, segundo conta João Bocacio, um poeta que foi natural de Florença.

Nem entendaes que el-rei assim desejava a paz por força de cansaço que houvesse em suster os trabalhos da guerra, os quaes são por si tão grandes que sobre elles não ha outros maiores, ca não ha principe que os continuadamente supporte, que se lhe a velhice não antecipe antes muitos annos, do que a sua natureza requer, e como o podereis vêr na segunda decada de Tito Livio no decimo livro, onde falla das razões que houve Annibal com Sipião chamando-se velho, sendo elle em edade de trinta e seis annos, sómente por o trabalho da guerra que sustivera em Hespanha e Italia por espaço de dezeseis annos; e se el-rei D. João este cansaço e enfadamento sentira, não movera logo tanto que a paz foi acabada tão grandes cousas, como achareis adeante que moveu, e pois medo das aventuras da fortuna, nem o espanto da grande multidão dos inimigos, não foi o principal azo porque elle buscasse paz, nem outrosim vontade pera se afastar dos trabalhos e buscar repouso e assocego, senão esta sua vontade de paz se atribuiram aquelles dois principios, que são escriptos na primeira taboa pelo dedo de Deus, dados a Moysés no monte Oreb, nos quaes se encerram todos outros segundo o diz a Santa Escriptura, o que amará a Deus sobre todas as cousas e a seu proximo como a si mesmo.

E amava Deus emquanto cobiçava e desejava de o servir n'aquelle officio; quem a seu estado convinha, offerecendo seu corpo de receber muitas chagas e fe-

ridas, não estimando trabalhos corporaes nem espalhamento de sangue pelo seu amor, e o que mais caro era, não perdoar a sua vida por exalçamento de sua santa fé catholica.

E posto que alguns nescios e covardes digam que a guerra dos mouros não é o maior serviço que a Deus pode ser feito por os seus fieis christãos, erram gravemente, que se assim foram os mui nobres reis de Hespanha que lançaram os mouros d'ella depois da morte d'el-rei D. Rodrigo, não fizeram hoje tão grandes milagres, como Deus cada dia por elles faz nas sepulturas onde jazem, nem se lhe fizera tanto serviço como se lhe faz nas sés, mosteiros e egrejas que elles tão grandemente edificaram e dotaram, e deixando-lhes mui grandes rendas de que se mantiveram e mantem muitas pessoas religiosas, que cada dia louvam e adoram o nome do Senhor e os bemaventurados martyres, que por exalçamento de sua santa fé se foram entre os mouros a receber corôa de martyrio, não teriam taes sedas como tem e possuem eternalmente entre o throno do imperador celestial.

Amava ao proximo emquanto se doia de qualquer damno que lhe viesse, ca posto que aquellas victorias houvesse contra elles, sempre os requeria e amoestava que todavia houvessem paz, esto era forte cousa, que elle que havia de ser requerido pera ella pela victoria que havia, e elle a mandava requerer.

Mas isto fazia elle a dois fins por duas cousas, a primeira porque lhe pezava de seu damno emquanto eram christãos, a segunda porque guerreando com elles não podia haver logar para servir a Deus, como desejava, em este passo tem alguns pouco menos que hereges, que todas as creaturas racionaes de qualquer lei que sejam, devemos de contar por proximos, o que

se assim fosse seria erro fazermos-lhes damno de certa sciencia, mas a isto posso eu dar aquella resposta que já dei acima com outras muitas auctoridades da Santa Escriptura que eu bem poderia amostrar, posto que fraco letrado eu seja, as quaes ficam por escrever porque não são pera declarar de todos em similhantes logares, porém concluindo este capitulo, o victorioso rei D. João, em cumprimento de seu grão desejo, segundo os mandamentos de Nosso Senhor, tanto que elle pôde buscou e requereu paz, a qual lhe Deus encaminhou, conhecendo sua vontade, pela maneira que adeante ouvireis.

CAPITULO IV

Como os embaixadores foram a Castella e da resposta que houveram.

Depois da morte d'el-rei D. Henrique, que foi filho d'aquelle rei D. João, que veio á batalha de Aljubarrota, ficaram d'elle dois filhos, a saber, um filho que chamavam D. João como seu avô, e uma filha que houve nome D. Catharina, como sua madre, e porquanto aquelle filho d'el-rei D. Henrique que lhe succedeu no reino era de muito pequena edade, quando primeiramente começou de reinar, ficaram por seus tutores a rainha D. Catharina sua madre, que era irmã da rainha D. Filippa, e o infante D. Fernando seu tio, que depois foi rei de Aragão, e logo a cabo de tempo el-rei enviou seus embaixadores

áquelles tutores d'el-rei, com suas cartas de crença pera acertarem com elles as pazes entre ambos os reinos, assim e por aquella guiza em que fosse achado por direito que se devia de fazer, os quaes embaixadores eram João Gomes da Silva, alferes d'el-rei e rico homem e de seu conselho, e Martim Docem, governador da casa do infante D. Duarte, seu filho herdeiro, e o doutor Beliago, Adayão da Sé de Coimbra, todos tres em seus estaos eram notaveis pessoas e de grande auctoridade, e tanto que chegaram á corte d'el-rei, lhe deram suas cartas de crença e começaram de acertar seus feitos com aquelles tutores d'el-rei, os quaes mostraram logo pelo presente que eram bem contentes que a paz se fizesse, comtanto que fosse buscado caminho, como se bem e direitamente podesse fazer, deveis de saber que as boas vontades d'aquestes, eram movidas por esta guisa.

Primeiramente a da rainha precedia por causa do divido que havia tamanho com a rainha D. Filippa, cujos filhos eram primos com irmãos dos seus, e por ello desejava que se fizessem entre elles taes amizades, por que ao deante não houvesse nenhuma contenda entre si e o infante D. Fernando, trazia seus trautos no reino de Aragão pera haver de ser rei, como ao deante foi, e esto era porque por morte de el-rei D. Martinho não ficou nenhum filho nem neto que herdasse o reino, e porém eram em contenda sobre a herança d'aquelle reino, el-rei Reynel, que era rei de Napoles, o infante D. Fernando e o conde de Urgel, padre que foi da mulher do infante D. Pedro, e o duque de Gandia, empero este não pode muito seguir sua demanda por azo do padre que lhe falleceu pera ello, os outros tres ficaram em contenda, e por quanto o conde de Urgel era natural do reino e se criára em

elle, sentia o infante D. Fernando que com qualquer parte do direito que tivesse, seria mais favorecido no reino que elle que era estrangeiro, pela qual razão tinha vontade de proceder poderosamente no regimento d'aquelle feito, e porque elle cada dia estava em esperança de se ir ao reino de Aragão, com poderio de gentes pera tomar posse do senhorio, sentindo que se a guerra de entre Portugal e Castella ficasse em aberto, que não poderia tão bem acabar seus feitos, porque era necessario que elle fosse o principal governador d'ella, e que sendo occupado em similhante trabalho perderia de todo o reino de Aragão, que lhe era tamanha honra e acrescentamento, e porém não sómente lhe aprouve de se a paz requerer em tal tempo, mas ainda teve que lhe fazia Deus mercê por lhe trazer tamanha segurança pera seus feitos, empero ao tempo que os embaixadores ácerca d'ello fallaram apartadamente, elle não mostrou outra necessidade, porque o fizesse sómente,por lhe parecer razão e direito de se fazer, e assim pela boa vontade que mostrava a el-rei D. João, de maneira que toda a duvida e tardança d'aquelle feito ficou nas egualanças que se haviam de fazer por causa dos damnificamentos que foram feitos entre um reino e o outro no tempo das guerras passadas, sobre as quaes foram tiradas suas inquirições por todos os logares do estremo, assim d'um reino como do outro, e por todas outras partes onde quer que os ditos damnos foram feitos, des-ahi fizeram seus descontos e finalmente firmaram as pazes entre ambos os reinos com todo bom amor e concordia pera todo sempre, das quaes foram feitos certos capitulos firmados por aquelles tutores d'el-rei e por todos os outros principaes do reino, ficando resguardado de ser depois requerido a el-rei D. João de

Castella, como fosse de edade que firmasse e jurasse os ditos capitulos, porque d'alli adeante não os podesse contradizer nem revogar, e des-ahi os embaixadores d'el-rei de Portugal, por poder de suas procurações que pera ello tinham mui sufficientes, juraram e firmaram as pazes até que os embaixadores de Castella viessem a este reino e as firmassem de todo, assim el-rei e seus filhos, como todas as outras pessoas grandes do reino, e esto todo acabado, foram dados pregões por todo aquelle logar, onde a côrte era, com toda a solemnidade que a tal feito cumpria, e assim feitas cartas pera todas as cidades, villas e logares d'aquelles reinos, pera que as fizessem apregoar por todas as suas praças e ruas principaes, a firmeza com que as ditas pazes eram feitas, mandando-lhe que d'alli em deante tratassem com os d'este reino com todo bom amor e concordia.

CAPITULO V

Como os embaixadores tornaram de Castella e como as pazes foram divulgadas por todas as partes do reino.

Como as novas chegaram a Lisboa onde el-rei estava, da vinda dos embaixadores, mandou logo que lhe tivessem prestes suas pousadas e os fez nobremente agazalhar, assim pelo merecimento de suas pessoas, como por razão da embaixada que traziam, e des-ahi teve seu conselho, no qual os ditos embaixadores foram ouvidos, da resposta que tra-

ziam, contando a el-rei toda a maneira que se com elles tivera n'aquelle reino de Castella, dando-lhe encommendas da rainha e do infante D. Fernando, assim a elle como a seus filhos e a todas as outras grandes pessoas do reino, e des-ahi entregaram a Gonçalo Lourenço todas as escripturas que traziam das firmezas das pazes, as quaes logo alli foram lidas e publicadas em presença d'el-rei e de todos os outros senhores que alli eram; el-rei agradeceu muito aos embaixadores o que assim trataram e encaminharam por seu serviço, porque fôra todo muito bem tratado e encaminhado.

Depois que esto todo foi acabado, mandou que se apregoassem logo aquellas pazes em aquella cidade, com aquella festa e solemnidade que tamanho auto requeria, e mandou isso mesmo que fossem feitas cartas pera todas as cidades e villas do reino e pera alguns nobres homens que alli não eram de presentes, por as quaes lhe fazia saber como por graça de Deus entre os seus reinos e os de Castella eram firmadas pazes e amigaveis lianças para todo sempre, e porém lhes encommendava que dessem por ello muitas graças a Deus e que fizessem apregoar as ditas pazes, cada um em seus logares. As quaes cartas assim feitas e enviadas, foi feito por todo o reino o que lhe el-rei assim mandara.

Mas pera fallarmos direitamente, é bem que digamos a diversidade das opiniões que havia nas gentes do reino, cada uns em sua parte; primeiramente todos os velhos e aquelles que haviam direito juizo, eram muito alegres, ouvindo a certidão d'aqueste feito, e convidavam seus amigos pera suas casas e logares, fazendo mui grandes convites, nos quaes faziam mui grandes despezas, sómente por se alegrarem de tama-

nho bem, e não podiam em alto fallar, emquanto assim estavam em seus ajuntamentos, senão nas grandes virtudes d'el-rei D. João.

«Agora, diziam elles, é Portugal o maior e mais bem aventurado reino que ha no mundo, ca nós temos entre nós todas as boas cousas que um reino abastado deve ter, nós temos grande abundancia de pão, por tal guiza que nunca a destemperança dos tempos pode ser tamanha que sempre em algumas de nossas comarcas não haja pão com que se as outras possam repairar, e ainda quando os annos forem eguaes, de nossa abundancia poderemos aproveitar a muitos de nossos amigos.

Temos muitos vinhos de desvairadas nações, de que não sómente a nossa terra é abastada, mas ainda se carregam muitas naus e navios pera soccorrimento das terras estranhas.

Pescados do mar e do rio são tantos e taes que em outras nenhumas partes do mundo são achados, e em maior abundancia, ca dos nossos portos se mantem mui grande parte da Hespanha.

Azeites e melles são entre tantos e tão bons, que os nossos visinhos hão mister de nós e não nós d'elles.

Carnes de todas as maneiras proveitosas e de grande sabor, que nas nossas terras e campos se criam por todos os tempos do anno, quaes e quejandas as naturezas dos homens sãos e doentes hão mister.

Fructas e legumes com todas as outras cousas nascem em nossas terras sem grão trabalho dos homens. E assim havemos estas cousas em tamanha abastança que a multidão d'ellas nos faz desprezar sua valia.

Os nossos portos e ancorações são tão seguras de todos os tempos contrarios, que tarde ou por grande

ventura recebem os navios nenhuns damnos em elles, porque hajam razão de se perder.

Ora pois, que assim é que nós temos tanta abundancia entre nós, qual cousa poderemos mais rasoavelmente desejar que a paz, que sem ella por grande e boa que seja a cousa, não se póde em seu perfeito estado conservar, e os damnos que da guerra se seguem assaz são muitos e grandes, porém pois que a Deus aprouve de dar tanta victoria e tanto bem ao nosso bom rei, que nos procurasse a paz com o reino de Castella, temos grande rasão de nos alegrar e rogarmos a Deus pela saude e estado d'el-rei nosso senhor, que pois nós temos com Castella paz todo o outro poder do mundo não no havemos que temer, cá nós de uma parte nos cerca o mar, e da outra temos muro no reino de Castella.

Ora d'aqui ávante poderemos aproveitar nossos bens e vender nossos fructos sem alguma torva nem empacho, e já agora os nossos mercadores poderão ir seguramente por toda a Hespanha a vender suas mercadorias, de que nos poderão trazer muitas nobres cousas, para guarnição de nossas casas, e os nossos lavradores que moravam n'aquelle extremo tornarão a povoar os casaes e herdades que desampararam com temor dos inimigos, e nós outros jazeremos nas camas repousando sem esperança dos trabalhos da guerra para que hajamos de ser chamados, nem ouviremos os gemidos das mulheres a que chegarem as novas das mortes de seus maridos, e quando andarmos pelas nossas praças, não teremos nenhum temor de nos chegarmos ao ajuntamento de nossos amigos, por recearmos de ouvir as desaventuras de nossa terra, porque quando se as cousas revolvem por similhante maneira, ameude correm as novas pelas cidades e

villas, as quaes continuadamente não podem ser alegres.

Nós andaremos por nossas romarias, visitando as reliquias dos santos, pera que possamos cobrar salvação pera nossas almas, e quando jouvermos em nossas camas, chegados a morte, teremos vagar pera fazer nossas mandas e testamentos, com grande segurança que se nos hajam de cumprir nossas postrimeiras vontades, depois do acabamento de nossas vidas, e alegres nos partiremos d'este mundo, quando certamente soubermos que as nossas carnes se hão-de gastar nos cemiterios d'aquellas egrejas, onde os dizimos dos nossos fructos e as primicias dos nossos gados démos aos reitores, padres de nossas almas, e que será outra cousa a terra que nos gastar, senão carne de nossos padres e avós, filhos e parentes? Em cuja companhia nos alevantaremos quando derradeiramente formos chamados para irmos juntamente áquelle juizo no qual o Filho da Virgem determinará nossas maldades, como por sua mercê, os quaes proveitos todos nos trouxe a bem aventurança da paz.

Outras departições mui contrarias d'aquestas eram entre os fidalgos mancebos, com todos os outros de sua edade, e assim alguns homens que não tinham outro bem senão esperança do ganho que lhe havia de ser dado pela avantage que fizessem no feito das armas.

Certamente, diziam elles, não tinha el-rei menos cuidado de tratar pazes com Castella, que se na guerra tivera perdido os melhores castellos do de seu reino.

Que queria elle mais senão que os castellãos viessem requerer pelos damnos que lhe cada dia eram feitos, nós tinhamos agora tempo de cobrarmos de Castella quamanha parte quizeramos, cá el-rei é em mui

pequena edade, por cuja rasão todo seu reino se rege por tutores, os quaes continuamente não podem serem em um accordo, e com qualquer pequena desavença que entre elles houvera, logo fôra necessario que todo o reino fôra devizo, que fôra grande azo para nós fazermos nossas entradas por aquelle reino, de cujos roubos enriqueceriamos toda nossa terra, e os nobres homens tiveram tempo e azo de exercitar suas forças e valentias, segundo pertence a ardideza de sua edade; quanto o trabalho fôra maior e a guerra mais continuada, tanto elles tiveram mais uzado o officio das armas e mais cousas e melhores experimentadas com que poderam fazer grande empecimento a seus inimigos, o que agora será pelo contrario, cá os mancebos perderam a melhor parte da sua edade, ou se irão fóra do reino, onde os galardões de seus trabalhos serão atribuidos aos estranhos, empero esta culpa não é senão da velhice, ca el-rei e todos aquelles que algo seguiram nas guerras primeiras, são já cansados e enfadados pela grande soffrença dos trabalhos que houveram, e porém desejam repouso, pelo qual trabalharam de trazerem todos os feitos a este fim, cá se elles foram dos nossos dias, não se trigaram tão azinha de buscar assocego pera si ném pera o reino, salvo se fôra com outra muito maior avantagem.

Quem será aquelle que possa em este mundo fazer cousa por santa e boa que seja, que haja de aprazer a todos, quando aquelle que fez todas as cousas, obrando tão justamente, não pôde fazer cousa com que approuvesse a todos, ca se fôr obra de sizo, é necessario que aborreça ao sandeu, e se fôr feito de fortaleza enteja ao fraco, e assim que cada uma cousa aborrece seu contrario.

Outras departições houve em aquelle feito como ge-

ralmente se faz em todas as obras dos homens, das quaes não curamos, porque não é bem que vamos pelo rasto de todas as cousas.

CAPITULO VI

Como el-rei D. João enviou requerer ao infante D. Fernando a conquista de Grada.

Assim trazia o mui nobre rei D. João prantado o amor da santa fé nas entranhas de seu coração, que tanto que aquella paz teve cobrada, logo se trabalhou de imaginar logar e maneira como podesse fazer serviço a Deus, segundo tinha desejo, e porquanto o reino de Grada lhe pareceu mais azado pera guerra que outro algum, fez saber sua tenção ao infante D. Fernando, porquanto os reis de Castella tem assim aquelle reino quasi em sujeição, dizendo que é de sua conquista, que por tanto não o deve guerrear nenhuma pessoa, sem sua auctoridade e mando, e isto ficou assim assentado em uzo des o tempo que os reis de Hespanha tinham os mouros entre si, que já agora convinhavelmente o hão por direito, e tanto que aquelle recado foi ao infante D. Fernando, deu em resposta que os feitos de Castella estavam assim empachados, que elle por entonce não podia determinar direitamente a resposta que n'aquelle feito houvesse de dar, e tambem tinha sua demanda começada por parte do reino de Aragão, a qual entendia proseguir até haver cumprimento de seu direito,

e que por ello tinha feito treguas com o reino de Grada por certo tempo, e que elle repouzasse assim até as ditas cousas serem findas, e que se a guerra com aquelle reino começasse, que elle lh'o faria saber, e que entonce poderia enviar seu recado por declaração de sua vontade, sobre a qual se teria conselho e lhe seria dado determinadamente resposta.

CAPITULO VII

Como el-rei tinha vontade de fazer grandes festas em Lisboa pera fazer seus filhos cavalleiros, e como os infantes fallaram ácerca d'ello entre si, que similhante maneira de cavallaria não era honrosa pera elles.

Em este capitulo nos é necessario que tornemos atraz por trazermos nosso processo em sua direita ordenança, cá muitas vezes se acerta que jazem as primeiras pedras ao pé da obra, esperando por seu proprio logar, e as derradeiras são postas no fundamento do alicerce, quando o mestre da geometria lavra em seus officios.

Onde assim é verdade que antes muitos dias do presente negocio, o mui nobre rei D. João dissera como tinha grande vontade de fazer seus filhos cavalleiros, o mais honradamente que se bem podesse fazer.

Esto fallara elle já por vezes antes d'aquelle tempo, e não é duvida ser esto a principal cousa em que seu coração por entonce fosse mais occupado, cá via ante

seus olhos taes tres filhos barões fortes e mancebos, como de uma edade, que pouco levava mais um ao outro que um anno, os quaes cada vez que pareciam diante seu padre, lhe acrescentavam o desejo sobre o primeiro pensamento, como e porque maneira poderia mais honradamente dar estado cavalleiroso áquelles filhos que lhe Deus por sua mercê quizera dar, com tanta apostura de todas as cousas que a nobres principes convinha. E fallando sobre ello uma vez disse assim:

«Se me Deus por sua mercê traz assocego a este reino por firmeza de pazes com Castella, eu queria ordenar umas festas reaes, que durem todo um anno, pera as quaes mandarei convidar todos os fidalgos e os gentis homens que tiverem edade e disposição pera tal feito, que houverem em todos os reinos da christandade, e ordenarei que nas ditas festas haja notaveis justas e grandes torneios, e mui abastosos convites, servidos de todas as viandas que por todo o reino e fóra d'elle se possam haver, e assim danças e outros jogos, e serão tantos e taes que assim d'elles como de todas as outras cousas as gentes que o virem tenham que sobre a grandeza d'ello não se possam fazer outras maiores, e com esta darei tantas e tão grandes dadivas, principalmente áquelles estrangeiros que a grandeza e doçura dos beneficios que lhe eu assim fizer lhes ponha necessidade de os apregoarem grandemente ante todos seus amigos. E em fim d'estas cousas farei meus filhos cavalleiros.»

E isto foi assim dito por el-rei, a qual cousa bem queriam todos que se pozesse em obra, tanto que el-rei houvesse logar pera ello, empero os infantes lembrados de quem eram, e a alteza do sangue que tinham, posto que este feito a outros alguns parecesse

grande, a elles pareceu mui pequeno, empero supportaram-no assim emquanto o feito das pazes era em duvida, considerando que se as pazes não firmassem e a guerra ficasse aberta, que taes cousas lhe viriam ás mãos em que honrosamente podessem receber sua cavallaria, mas depois que as pazes foram firmadas, entenderam elles que não ficava ahi cousa certa em que elles podessem ser cavalleiros pela guisa que elles desejavam.

E sendo um dia todos tres juntos e ainda o conde de Barcellos com elles, trataram em aquella razão, como cousa que não andava muito longe de suas lembranças, e isto era na camara de seu padre, sendo elles apartados de sua presença, dando-lhe logar alguns feitos em que por entonce estava occupado, e tanto fallaram n'aquelle feito de sua cavallaria, movendo-se entre elles muitas razões, que ordenaram de fallar a el-rei.

—Vamos, disseram elles, fallar a el-rei nosso senhor e padre, e digamos-lhe que ordene alguma cousa em que possamos fazer de nossas honras, onde nos elle possa fazer cavalleiros, como pertence á grandeza de seu estado e á excellencia de nosso sangue, ca pois as pazes de Castella são firmadas e da parte de Grada não temos esperança certa, não ha ahi, pelo presente, cousa nenhuma azada em que possamos receber estado de cavallaria, se novamente não fôr buscado.

Pela maneira que sua senhoria tem vontade de o fazer todo, é cousa de pequeno valor pera a grandeza de tamanho feito, que, por grandes que as festas sejam, nunca seu nome é de grande valia pera similhante caso, porque similhantes pessoas, nos grandes feitos de fortaleza, com grandes trabalhos e perigos, vendo o sangue de seus inimigos espargido ante seus pés, só é

de receber agrado de sua cavallaria, e os filhos dos cidadãos e dos mercadores, cuja honra se não póde mais estender, que a similhante estado, o de serem cavalleiros, a estes é cousa convinhavel de serem festas feitas e jogos, porque toda a força de sua honra, está na fama de sua despeza.

O conde de Barcellos era mais velho que nenhum d'elles, o qual, posto que fallecesse na nobreza de geração, quanto a parte da madre, fizera-o Deus tão virtuoso e de tamanha grandeza de coração, que em todas as cousas de honra, escondia a baixeza do sangue da madre, e, com isto, havia elle mui grande sizo pelo qual havia no reino grande logar pera conselho, quanto mais que elle fôra já fóra d'estes reinos, por espaço de grande tempo, e fôra por casas de grandes principes e senhores, onde lhe fôra dada grande auctoridade, assim por ser filho de quem era, como pela grandeza de seu corregimento, porque além dos seus corregimentos serem grandes e bons, levava comsigo muitos senhores e grandes homens, com outros muitos fidalgos d'este reino de que sempre foi muito bem acompanhado, e foi tão longe a sua ida, que chegou á casa santa de Jerusalem, e em esta viagem, que elle assim fez, aprendeu e soube muitas cousas que viu n'aquellas partes estranhas, as quaes acrescentavam muito em seu bom conselho, assim que, por todas estas cousas, posto que os infantes fossem tão prudentes e discretos, tomaram porém grande ouzio pera fallarem a seu padre quando viram que o conde lhes louvou tão grandemente seu proposito.

CAPITULO VIII

Como João Affonso, vedor da fazenda, fallou aos infantes na cidade de Ceuta, e como os infantes fallaram a el-rei seu padre.

NÃO eram ainda estas razões de todo postas em fim, quando logo ahi chegou João Affonso, vedor da fazenda d'el-rei, o qual posto que determinadamente não ouvisse a certidão do proposito, pelas conjecturas que viu, entendeu que o feito em que aquelles senhores fallavam era de grande pezo, ca em similhantes cousas são apartados os homens avisados dos outros de grosso engenho, os quaes por pequeno movimento que aconteça e se faça, interpretam grande parte do que o homem tem na vontade. E, porém, João Affonso, cuja clareza de entender fôra a principal causa de seu acrescentamento, quando assim achou os infantes, desejou de saber o fim de seu proposito, por lhe parecer a qualidade da sustancia de tamanha força de que não podia nascer senão um feito grande e pezado, e pediu-lhes de mercê que lhe quizessem dizer o fundamento de sua tenção, e como quer que os infantes quizessem dissimular o proprio motivo de seu razoado conhecimento, como elle era homem seguro e bom e que tinha grande auctoridade no reino pela grande fiança que el-rei seu padre em elle havia, vieram-lhe a contar declaradamente sua tenção.

—Vossos pensamentos, disse elle, são assás de grandes e bons, e pois que vós tal vontade tendes, eu vos

posso ensinar uma cousa em que o podeis bem e honradamente executar, e esto é a cidade de Ceuta, que é em terra d'Africa, que é uma mui notavel cidade e mui azada pera se tomar, e esto sei eu principalmente por um meu criado que lá mandei tirar alguns captivos de que tinha encarrego, e elle me contou como é uma grande cidade, rica e mui formosa, e como de todas as partes a cerca o mar, afóra uma bem pequena parte porque hão sahida pera terra, e segundo o grão desejo de vosso padre e o vosso, não sinto pela presente cousa em que mais honrosamente podesseis fazer de vossas honras, como no filhamento d'aquella cidade, porém me parece que havereis bom conselho fallardes em ello a el-rei e pedir-lhe que encaminhe como se faça, ca esto é cousa pera ter em conta, ca não festes de convite de comer e beber, em que não ha senão despeza de vianda e occupação de tempo, cuja memoria prescreve com pequeno louvor.

—Pois, disseram elles, porque não fallaveis isto a el-rei primeiro, contando-lhe todas estas cousas por meudo, pera verdes o que respondia acerca d'ello?

—Si, lhe fallei, disse João Affonso, e não me parece que me respondeu como eu quizera, antes passou o feito como quem o tinha em jogo, mas pera isto melhor ser, chegae-vos a elle assim como estaes todos quatro, e fallae-lhe no feito, dizendo-lhe todo o que sobre ello vos parecer, e póde ser que vos entendera melhor do que entendeu a mim.

Os infantes disseram que era mui bem.

Des-ahi foram-se todos quatro juntamente pera onde estava seu padre, e começaram-lhe a fallar em todo o que passaram n'aquella camara, dizendo-lhe que posto que elle tivesse vontade de fazer assim

aquellas festas com grandes despezas, que a honra que se d'ellas seguia, sempre foi pequena a respeito da obra que elle em ellas queria fazer, a qual cousa seria boa pera outro algum principe cujo nome e fama fosse de mais pequeno valor, mas pera elle que tantas e tão grandes cousas tinha acabadas, não era similhante cousa pera ter em grande extremo, razoando acerca d'esto estas e outras muitas rasões, cada uma segundo as melhores podia entender.

Mas el-rei, cujo coração não se movia assim ligeiramente, começou de se rir contra elles, mostrando que tinha em jogo suas palavras, como ante fizera a João Affonso, e este é o verdadeiro coração do magnanimo, o qual logo no primeiro movimento, por grande que seja a cousa, não se derriba consentir em nenhum proveito nem perda que acerca d'ello se lhe possa mostrar, mas está posto em uma firmeza pela qual livremente consira quaesquer azos ou estorvos que se lhe de aquelle feito possam seguir, e assim respondeu passamente, como quem não tem a grandeza do feito em tal estima, que lhe faça espanto.

Os infantes assim como homens desejosos de similhantes novidades, como quer que lhe seu padre aquella resposta desse, não se poderam partir assim ligeiramente de seu proposito, antes consiraram em ello por alguns dias, e quanto mais em ello consiravam tanto a cousa lhe parecia melhor e mais honrosa, e porém juntaram-se outra vez e fallaram ante si o que antes consirara cada um em sua parte, sobre todo houveram seu conselho e se tornaram outra vez a el-rei, mostrando-lhe todo o que haviam consirado, porque quanto era o que a elles pertencia, a cousa era tão boa que não tinham senão que lh'a trouxera Deus á memoria por grande milagre, e assim

foram a el-rei, havendo por boa determinação de lhe fallarem todavia, não sómente aquella vez, senão outras muitas até que lhe fosse outhorgada, e já esta derradeira vez fallaram a seu padre com muito maior pezo, como aquelles que tiveram maior espaço pera cuidarem no feito, e pera isso traziam muitas sufficientes razões e induzidoras a seu proposito, entre as quaes disseram que lhe pediam por mercê que esguardasse bem n'aquelle feito, porque sendo bem consiradas todas as partes do seu movimento, o acharia que dando-lhe Deus victoria, que acabaria tres cousas mui boas, as quaes nenhum grande principe devia engeitar quando se lhe assim offerecessem, como se a elle em tal caso offereciam, s.

A primeira grande serviço de Deus, que se elle no similhante caso engeitasse, tarde ou por grande ventura lhe sobreveria, outro similhante; e se vós, senhor, disseram elles, todo este tempo trabalhastes por paz, assim de fazerdes serviço a Deus, muito mais é razão que o sirvaes agora em este caso, pelo qual seguireis a boa intenção dos bemaventurados reis de Hespanha, de cuja linhagem descendeis por real geração.

A segunda cousa é honra que se vos d'ello segue, cá posto que vos Deus desse muitas e grandes victorias contra vossos inimigos, esto foi em defensão do vosso reino, a qual cousa em muitos logares vos apresentava a necessidade, porque vergonhosa cousa seria, nenhum grande principe que possue nome real, leixar guerrear seus reinos, que antes não offerecesse a si e a seu corpo por defensão d'elles, e esto é pelo contrario, porquanto vós por vossa eleição propria, sem constrangimento de nenhuma pessoa vos offereceis a este perigo e trabalho, não por outra necessidade, senão por serviço de Deus e por accrescentamento

de vossa honra, e esto assim como um sêllo firme, que poerá grande firmeza em vossas victorias.

A terceira cousa é a grande e boa vontade que tendes de nos fazeres bem e honradamente cavalleiros, o que por outra guisa não podereis fazer de que se a vós siga maior honra, pois que outra nenhuma conquista tendes em que o possaes fazer.

Porém vos pedimos por mercê que queiraes sobre todo consirar, provendo sobre nossas razões com outras muitas que o vosso nobre e grande entendimento concebera, e nos respondaes com effeito a nossa petição, a qual quanto a nosso juizo, não pode ser melhor nem mais direita, segundo as muitas razões que vos acerca d'ello temos dito, e outras muitas que leixamos perder.

CAPITULO IX

Como el-rei disse que não queria determinar alguma cousa d'aquelle feito até que soubesse se era serviço de Deus fazer-se, e como mandou chamar os letrados pera o saber.

NEM na verdade, posto que el-rei fizesse aquellas demonstrações em não querer consentir no requerimento de seus filhos, sua vontade porém não era menos que a de cada um d'elles, mas quanto elle mais retardava o feito, tanto fazia maior desejo aos infantes, e ainda provava seus entendimentos e engenhos, negando-lhe o que elles tanto desejavam, porque as duvidas trazem muitas vezes azo pera

que a cousa seja melhor entendida, e por ello tem os velhos mestres em costume demoverem grandes e muitas questões aos seus discipulos, porque o trabalho que elles tomam em buscar as provações, traz grande acrescentamento a sua sabedoria, porque a maior parte da sua logica é fundada em argumentos grandes e duvidosos, em que os escolares apuram todas as partes das outras sciencias.

PRATICA QUE FEZ EL-REI

«Bem ouvi, respondeu el-rei, o que até agora me dissestes, e posto que vossas razões sejam justas e razoadas, eu tenho ainda outras contrarias que vos responder, quando quer que sobre ello fallarmos acerca da determinação, empero ante que eu nenhuma cousa responda, quero primeiramente saber se esto é serviço de Deus de se fazer, cá por mui grande honra nem proveito que se me d'ello possa seguir, senão achar que é serviço de Deus, não entendo de o fazer, porque sómente aquella cousa é boa e honesta na qual Deus inteiramente é servido, porém vos ide pera vossas casas e cada um em sua parte consire quaesquer duvidas que se possam seguir acerca do serviço de Nosso Senhor Deus, e entretanto mandarei chamar meu confessor e assim outros alguns letrados, e fallarei com elles toda a ordenança d'este feito, e encomendar-lhes-hei que provejam em seus livros e consciencias se por ventura terei algumas duvidas em contra do que eu devo fazer, segundo fiel e catholico christão, e eu de minha parte consirarei em ello, e emfim de todo, ao tempo que houver sua resposta, nos juntaremos todos e teremos nossa falla, onde se tratará de toda a sustancia d'este feito, sobre o qual determinaremos se é bem de se fazer ou não.

Assim ficou el-rei com aquelle encarrego, e os infantes e conde de Barcellos foram pera suas casas, onde cada um tomou seu apartamento pera cuidar com muito mais diligencia as circumstancias e casos duvidosos, que o proseguimento d'aquelle feito podia trazer, quanto a fé e serviço de Nosso Senhor.

El-rei mandon logo chamar o mestre Frei João Xira e o douctor Frei Vasco Pereira, que eram os seus confessores, e o infante D. Duarte, e assim outros alguns principaes letrados que se n'aquella cidade poderam achar, e tambem fez chamar alguns principaes do conselho, ainda que poucos fossem, e sobre grande segredo lhe disse por esta guiza:

«Amigos fiz-vos aqui ajuntar conhecendo de vós, que assim por natural entender, como por abundancia de sciencia de que vos Deus guarneceu entre todos os outros do meu reino, me podereis sã e proveitosamente aconselhar em todo aquello em que minha alma possa ser em alguma duvida, e pera esto sei certo que vos não fallecerão tres cousas principaes, que se requerem pera os conselheiros dos grandes senhores, entre outras muitas que bem sabeis que são determinadas em todos os livros, que os antigos escreveram pera ensinança dos principes.

A primeira que hajam amor áquelle principe ou senhor que hão de aconselhar, porque o amor traz uma necessidade pela qual move o coração de seu possuidor a enquerer e buscar todas as cousas proveitosas e honrosas pera aquella cousa que ama, e porque as cousas que desejamos ter a nossos amigos hão nascimento d'aquellas que pera nós queriamos, ca cada um naturalmente deseja ao seu amigo o que pera si mesmo queria, e se os conselheiros dos reis fallecessem d'esta paixão, muitas vezes aproveitariam

com maior força seus conselhos, e porém disse Nosso Senhor Jesus Christo aos seus apostolos, depois que lhe revelou seus segredos, que lhe não chamaria mais seus servos, porque os servos não sabem a vontade de seu senhor, mas que lhe chamaria amigos, porquanto lhe tinha já ensinado a vontade de seu Padre.

A segunda cousa que se requer ao conselheiro, é que haja sabedoria, porque sem ella não se poderá direitamente aconselhar, ca posto que tivesse boa vontade, se lhe faltasse saber, não poderia muito aproveitar a aquelle que seu conselho houvesse mister, porque a boa vontade sem a obra não é cousa perfeita, e porém diz Salomão que dos conselheiros um se havia de escolher entre mil, o que se entende principalmente por rasão de ser sabedor, e porque guiza e em que cousas esta sabedoria se deva entender, seria sobejo de vos ser por mim relatado por extenso, porque sou bem certo que vos não fallece por entender em este caso o que vos eu leixo por declarar.

A terceira cousa que no conselheiro se requer, é grande segredo, por quanto o rompimento do conselho traz desfazimento da obra, e sabeis como no tempo dos romanos, que bem e proveitosamente regiam a grandeza d'aquelle imperio, uma das cousas porque seus feitos são tanto louvados por seus auctores, assim é por guardarem com grande diligencia a puridade de seus conselhos, e de eu ser bem certo que em vós ha cumprimento d'estas cousas, e que a mim pertence vossa natureza e auctoridade, e ainda a minha boa vontade me faz crêr, e affirmar, e porque communalmente em vós outros, que aqui sois presentes, está toda a força do conselho que pertence a saude de minha alma, e alguma parte da que perten-

ce ao corpo, vos rogo e encommendo, que com toda vossa diligencia, queiraes esguardar e consirar sobre todo o que agora entendo de propôr.

Ora é assim, que posto que eu trabalhasse por firmar as pazes em o reino de Castella, como vós outros todos sabeis, este Deus sabe que principalmente era por serviço seu, e por mim grande victoria, que eu contra elles houvesse, nunca em minha vontade poude receber alguma intrinseca alegria, sómente quanto era que pois elles queriam contra direitos e razão, aprumar as cousas de meus naturaes, e porque meu senhorio não devia sugeição, sómente me prazia, porque Deus por sua grande mercê me queria dar esforço e ajuda, como os podesse contrariar seu mau proposito, que contra mim e contra meus reinos haviam.

Empero Deus é verdadeiramente sabedor, e minha Senhora a Virgem Maria, a que muitas vezes pedia ajuda em minhas orações, que sempre lhe roguei e pedi que por mim nem por meu azo, nunca nenhuma geração dos christãos recebesse algum mal nem damno, antes pelo seu amor todo favor e ajuda, e desejando sempre vêr algum azo porque o podesse empecer, ainda que fosse com grande meu trabalho e perigo, aos inimigos de sua santa fé, e de tal ser meu desejo e vontade, é bem certa testemunha o requerimento que eu acerca d'ello comecei a fazer ao infante D. Fernando, que ora é defensor do reino de Castella, por cuja resposta senti que meu desejo não se podia cumprir, segundo meu requerimento, e porque não sentia cousa que pelo presente podesse torvar meu estado, não senti al que podesse fazer senão pedir a Deus que minha boa vontade recebesse por obra, pois por mim não fallecia de a cumprir.

D'outra parte considerada a edade de meus filhos, e como os Deus por sua mercê quiz fazer taes, que com grande direito devem receber estado de cavalleria, a qual pera ter alguma similhança de honra, pois que se por outra guiza não podia fazer, quizera que fôra em esta cidade, com umas mui grandes festas, porque ao menos a sua grandeza trouxesse azo de se soar pelas partes estranhas a honra d'este feito, mas elles consirando em ello entre si, tinham que se não podia por similhante maneira fazer cousa, por grande que fosse, que ácerca de similhante feito não fosse pequena, movendo-me ácerca d'isto muitas e justas razões porque devia buscar outra cousa em que os fizesse cavalleiros, as quaes posto que me justas e razoadas parecessem, não podia porém mais fazer, ca o azo pera similhantes cousas não se acha assim ligeiramente.

Estando em isto cuidoso, fallou-me João Affonso na cidade de Ceuta, como é grande e nobre e azada pera se tomar, a qual cousa parece que soube por avisamento d'um seu homem que lá mandou tirar alguns captivos.

Empero eu assim pelo presente levei o feito a jogo, porque era cousa em que ainda não consirava pouco nem muito, mas os infantes e o conde de Barcellos meus filhos, a quem o dito João Affonso fallou, consiraram melhor em ello e fallaram-me já por duas vezes, mostrando-me muitas razões porque me devia despôr a este trabalho, sobre a qual cousa lhe eu não quiz dar alguma resposta, antes que primeiramente não saiba, se o proseguimento d'ello é serviço de Deus.

Eu o não teria por victoria, nem o faria em boa verdade, ainda que soubesse cobrar todo o mundo

por meu, se não sentisse que em alguma maneira era serviço de Deus; porém porque eu possa saber certamente se isto é seu serviço ou não, vos fiz aqui juntar, porque sinto pelo grande conhecimento que tendes da lei de Nosso Senhor Deus, me podereis bem d'ello avizar, a qual cousa vos encommendo e mando que com toda diligencia queiraes escoldrinhar, assim por vossos bons livros e santas escripturas como pela alteza de vosssos entendimentos, e me torneis d'ello resposta o mais cedo que bem poderdes.

CAPITULO X

Como os letrados tornaram com resposta a el-rei dizendo que era serviço de Deus tomar-se a cidade de Ceuta.

Os confessores sobre quem principalmente o encargo d'esto ficava, não tomaram aquelle feito com pequeno cuidado, assim pela necessidade que os tanto constrangia a seguir os mandados d'el-rei, como por a sustancia do feito ser de tamanho peso, que nenhum homem de são entender o não devia ter em pequena conta, e porém foram-se logo pera seus mosteiros, e com grande cuidado prouveram seus estudos por tal guiza que lhe não ficou nenhuma cousa por vêr d'aquelles textos e glosas da sagrada escriptura, em que os santos douctores determinaram taes conclusões, mas pero que o seu cuidado fosse assaz de grande no escoldrinhamento d'esta duvida, com muito maior diligencia e vontade filha-

ram os infantes a força d'aquelle encargo, ca nunca seus pensamentos podiam ser livres nem apartados d'aquella maginação, e tanto corriam por ella em deante que passavam por todas as duvidas e começavam e proseguiam o feito por tal guiza, que se esqueciam do ponto em que estavam, e viam-se no meio d'aquella cidade envoltos entre os mouros, alegrando-se com o espalhamento do seu sangue, e tanta doçura sentiam em taes maginações, que lhes pezava quando se lhes offerecia cousa porque se tiravam d'ellas, e porque assim como naturalmente os feitos em que maginação do homem é occupada de dia, esses se lhe representam des que o somno tem occupados seus sentidos, assim aquelles senhores pela grande deleitação com que tomavam aquelles cuidados, a maior parte da noite, depois de jazerem em suas camas, não podiam ser livres da similhança d'aquellas cousas, e uma vez lhes parecia que viam grão multidão de naves carregadas de gentes d'armas, outras vezes viam as torres da cidade apendoadas de suas bandeiras, outras vezes lhes parecia que se achavam entre as forças dos mouros e que continuavam tanto suas pelejas que por força os affastavam d'entre si, ca não menos trabalhados achavam seus corpos que depois de acordados sentiam algum descanso, tão grande era o trabalho em que a vontade passava aquellas cousas.

Nós tomemos o entendimento d'estas cousas como christãos, como quer que muitos dos antigos tiveram que muitas das cousas que hão de vir, parecem aos homens em similhantes tempos, segundo Valerio escreve no seu primeiro livro e Marco Tulio no Livro da Velhice.

O dia em que el-rei havia d'haver sua resposta, foi assignado a aquelles senhores e letrados, no qual

cada um disse sua rasão e intenção, segundo a quantidade de seu entender e saber, não porém affastados de um proposito, e assim por reverencia da santa egreja, como pelo principal encarrego ser d'aquelles, fallaram primeiro os letrados, e disseram assim:

Resposta dos letrados

«Em esta presente materia, senhor, disseram elles, não houve mister de queimar muitas candeias requerendo seu estudo, e esto é por não ser cousa nova nem sobre tal escureza posta na escriptura, porque o seu intento nos pozesse em muitas duvidas, pera cuja declaração nosso entendimento sómente podesse abastar, antes são cousas tantas vezes limadas e desputadas que em qualquer parte que homem vá pela santa escriptura, póde achar mui largamente qualquer cousa que acerca d'esto queira escrever, e pera que são mais outras escripturas, senão as historias que tendes nos outros principes em vossas camaras, pelos quaes vossos antecessores são ante vossos olhos, e por ellas achareis o grande milagre que Nosso Senhor Deus fez por aquelle bom remigio rei, que prometteu os votos ao apostolo Santiago, pelo qual lêmos que o bemaventurado apostolo visivelmente appareceu em sua batalha, e por sua divinal virtude houve em ella tamanha victoria como sabeis, em cujo testemunho lhe ainda hoje pagam aquelles votos em todas as terras que a aquella sasão eram de christãos.

El-rei D. Affonso, sendo na batalha das Naves, querendo passar uma serra pera ir pelejar com o grande Miramolim de Marrócos, sendo elle duvidoso de seu caminho, pela grande fragua que havia n'aquella serra, por onde elle de necessidade havia de

passar, Nosso Senhor Deus, querendo approvar a boa tenção e desejo que em elle sentia, enviou um anjo do ceu que o levou por meio d'aquella serra, mostrando-lhe caminho largo e chão porque sua hoste passasse, onde antes nem depois nunca foi achado.

Que foi, senhor, d'el-rei D. Fernando, que tomou Coimbra aos mouros e fez outras muitas batalhas com elles no reino de Castella, e d'el-rei D. Affonso seu filho, que tomou Toledo, e do conde Fernão Gonçalves, e do Cid Ruy Dias, e dos outros bons cavalleiros fieis e catholicos que por amor de Nosso Senhor Jesus Christo, com tantos e tão grandes trabalhos e com tanto espalhamento de seu sangue, passaram sua vida? Ou em que logar alojaremos suas almas, segundo nossa piedosa crença, senão na companhia dos bemaventurados martyres e apostolos? E que elles não morressem deante as sédas dos principes infieis, como muitos d'aquelles santos faziam, não era porque o seu desejo se affastasse d'aquelle proposito por nenhum receio nem temor, antes com mui grande fortaleza, armados de santa fé, commettiam ardidamente os inimigos em tal guiza, que rindo esperavam a sua derradeira hora, em meio d'aquelles trabalhos.

Mas pera que lembro eu, mui excellente principe, outros nenhuns reis nem senhores, apartados de vosso senhorio, pois temos ante nossos olhos a memoria do mui notavel fiel e catholico christão, el-rei D. Affonso Henriques, cujas reliquias tratamos entre nossas mãos.

Vede, senhor, os signaes que trazeis em vossas bandeiras, e perguntae e sabei como e porque guiza foram ganhados, os quaes certamente de todas as partes mostram a paixão de Nosso Senhor Jesus Christo, por cuja reverencia e amor o bemaventurado rei of-

fereceu seu corpo em o campo d'Ourique, vencendo aquelles cinco reis como vossa mercê sabe.

Consirae isso mesmo senhor, se elle duvidára se o seguinte trabalho era serviço de Deus, não tivereis vós hoje em dia esta mui nobre cidade, nem a villa de Santarem, com outros lugares em vossos reinos, onde foram por elle começadas muitas e grandes egrejas e mosteiros, e acabados por outros fieis e catholicos christãos, em que o officio divino, com tanta solemnidade cada um dia é tratado e adorado, e se isto assim não acontecera, muito pequena parte houvera no mundo, onde os mandamentos do santo evangelho, inteiramente foram guardados, saiba vossa mercê que o estado militar não é por outra cousa tanto louvado entre os christãos, como por guerrearem entre os infieis, cá não é necessario, nem ha ahi mandamonto de Deus que façamos guerra a nenhuns christãos, antes nos encommenda que nos amemos uns aos outros, como irmãos que devemos ser em Elle, que é Nosso Senhor, segundo é escripto por S. Paulo em muitos logares de suas epistolas.

Bem é verdade que todo rei deve guardar seu povo, assim como cousa que lhe é encommendada por Nosso Senhor Deus, assim como o pastor deve guardar suas ovelhas, não tão sómente dos infieis, mas ainda dos christãos, quando por alguma maneira de soberba lhe quizessem empecer, cá malaventurado é o rei em cujo tempo os seus senhorios recebem queda.

Mas esto porém deve cada um de fazer com tamanha examinação e madureza de conselho, que antes que nenhuma cousa comece, proveja e saiba se ha ahi justiça e direito em aquella cousa que por similhante maneira quer começar, cá não deve ser sua intenção fazer ajuntamento de gentes por se deleitar

de andar sobre os campos empecendo aos visinhos, sómente deve guardar sua terra pela guisa que lhes é encommendado, e tanto que tiverem sua terra bem reparada deve de leixar as armas e buscar a paz, por quantas maneiras poderem, como fazia o S. Propheta Moysés, e outros alguns bons duques guiadores do povo de Deus.

Mas os infieis por nenhuma guisa devemos consentir em quanto pertinazmente aturarem sua perversa intenção, e o bom imperador Justiniano que com tanto trabalho fundou as primeiras leis, e todos os jurisconsultos ordenadores do direito civil, muitas vezes nos amoestam e mandam que arranquemos de nós com todas as nossas forças, esta má e damnada seita dos infieis, e assim as sagradas leis juntamente com os decretos dos santos padres se o não tivessem, quem daria ouzio ao nosso Summo Pontifice vigario geral sobre toda a universal egreja, cujo poderio cremos e confessamos por auctoridade do sagrado evangelho, que é tão abastante que pode ligar e absolver nossas almas, e assim é o que tem pela guiza que o teve o apostolo S. Pedro primeiramente, e este nos dá absolvição perpetua, quando direitamente morremos guerreando os infieis.

Ora, senhor, disseram elles, não temos porque acrescentar mais somma de palavras, basta que nós que aqui somos presentes, por auctoridade da sagrada escriptura, assim como homens que sem nosso merecimento temos graus na sacra theologia, determinamos que vossa mercê pode mover guerra contra quaesquer infieis, assim mouros como gentios, ou quaesquer outros que por algum modo negarem algum dos artigos da santa fé catholica, por cujo trabalho merecereis grande galardão de Nosso Senhor Deus,

pera vossa alma, e além d'esto não ouçaes cousa que vos acerca d'ello seja dito nem ainda que vos pareçam visões em similhança de cousas divinaes, não lhe deis fé, cá entendei verdadeiramente que o espirito malino vem pera vos tirar de vosso bom e santo proposito.

CAPITULO XI

Como el-rei moveu outras duvidas que tinha pera filhar aquella cidade.

Todas estas razões foram alli allegadas em presença d'el-rei, e outras muitas de que não curamos fazer expressa menção, assim pelos infantes e conde seus filhos, como por outros do conselho, empero el-rei não quiz logo assim de presente responder nenhuma cousa, antes mandou que lhe pozessem assim todo em escripto pera o elle melhor poder vêr e examinar com algum socego e repouso, e depois tornaria a ello sua resposta, como entendesse que era razão, e assim lhe ficou aquelle escripto, o qual elle proveu, examinando cada uma cousa em sua sustancia, empero tem muitos, e eu que esto escrevi com elles, que a necessidade não era tanta porque el-rei assim houvesse de retardar aquella resposta, mas que o fez por ser azo de guardar melhor o seu segredo, porque de trinta e uma virtude, que ao principe são apropriadas, muito lhe convem que seja cauteloso, segundo escreve Santo Agostinho no Livro da Cidade de Deus, louvando muito em os romanos o seguimento d'esta virtude.

Não tardou muito el-rei em prover seu escripto, como aquelle cujo coração andava muito acerca da obra, se não tivesse contrarios que razoadamente o podessem empachar sobre toda a efficacia de seus filhos, os quaes traziam assim tal viveza em aquelle requerimento, que nunca o leixavam haver nenhum repouso, como eram acerca d'elle.

Um dia os mandou chamar todos quatro e fallou com elles em esta guiza:

Pratica d'el-rei a seus filhos

«Pode ser que cuideis que me leixo repousar na ordenança do que tendes a mim fallado com mingua de vontade, a qual cousa certamente é muito pelo contrario, ca posto que eu em esta edade seja, não daria avantage a nenhum de vós em cobiçar a hora em que este feito podesse acabar, mas porque vi outros mui grandes feitos e experimentei seus grandes cargos, conheço como são caros de acabar, a qual cousa ainda a vós outros é escura de conhecer.

Disse o outro dia que antes de dar nenhuma resposta em este feito, queria saber se era serviço de Deus, porque sobre este devemos de fazer nosso alicerce, quanto á primeira intenção, e quanto á segunda, devemos de saber se o podemos fazer ou não, porque muitas cousas são boas e desejadas em algumas vontades dos homens, fallece-lhe porém o poderio pera as poderem acabar.

Porém já sei que esto inteiramente é serviço de Deus, e quanto é o que pertence a elle, que o devo de fazer, mas é agora de vêr quanto eu sou poderoso pera o fazer, sobre a qual consiração eu achei muitas e grandes duvidas, das quaes principalmente direi

cinco que não tão sómente todas juntas, mas cada uma por si é abastante pera empachar afim d'aqueste feito, e queremos dizer quaes são, porque possaes conhecer a força de sua valia.

Primeiramente consiro como pera similhante feito se requerem grandes despezas, pera as quaes hei mister muito dinheiro, o qual eu não tenho nem sei pelo presente d'onde o haja nem como, ca posto que o quizesse haver do povo, lançando-lhe alguns pedidos, acho que se o fizer que se me seguem d'ello duas perdas, a primeira escandalo do povo, a segunda rompimento do segredo.

Secundariamente consiro como a cidade de Ceuta é tão alongada de nós pera cujo combate não sómente havemos mister as gentes d'este reino, mas ainda outras de fóra, se se offerecerem pera nossa ajuda, e estas gentes hão de levar armas e fardagem e outras bitualhas que lhe são necessarias, e nós havemos mister artelharias de muitas maneiras e mantimentos em grande abundancia, porque não sabemos quanto tempo estaremos sobre aquella cidade.

Ora pera todas estas cousas serem passadas além, é necessaria uma mui grande frota de muitos navios e grandes, afora os pequenos de que não faço grande conta, os quaes não ha em meus reinos, nem posso achar caminho como os de fóra possa haver, nem porque guisa.

A terceira causa acho que é abastança de gente, que não tenho, porque como já disse, não tão sómente aquella que tenho, mas outras muitas mais que seriam necessarias se as razoadamente podesse haver e eu não tenho as de fóra, nem esperança como as haja, principalmente pelo fallecimento do dinheiro que sinto em meu reino, e sobre todo porque o não

posso haver de meu povo, pelos empachos que vos já disse, e assim que com as minhas gentes me convém sómente fazer todo meu feito.

Mas que será que eu tenho grande duvida e pouca segurança no reino de Castella, cá póde ser que sentindo como sou fóra de minha terra, poder-se-hão mover contra meus senhorios, a qual cousa será mui má ao deante de repairar, porque acharão toda a terra desapercebida e sem alguma contradição, obrariam todo o que quizessem, e assim que pela segurança d'esto convinha que eu leixasse minhas fronteiras ao menos acompanhadas d'alguma gente, e se as quizer leixar, não terei abastança pera o que de outra parte houver mister, cá a cidade de Ceuta é mui grande e mui forte, pera cujo combate e cerco ha mister muitas maneiras de gente, da qual se homem perfeitamente não fôr percebido, não será outra cousa senão começar feito de cujo doesto fique memoria pera todo sempre.

A quarta duvida que tenho, é consirando que posto que me Deus desse victoria, como em Elle confio, o filhamento d'esta cidade me pode fazer maior damno do que proveito, porque o reino de Grada, fica mais azado pera se poder conquistar.

Ora que proveito tenho eu d'aquelle reino ser posto em sogeição dos castelhanos?

Antes me é conhecida perda, por quanto sou bem certo que a mim e a meus naturaes tiveram e tem mui grande odio, quanto mais ainda agora, em cujo tempo a memoria de seus vencimentos está tão resente.

Assim que o filhamento da cidade de Ceuta pode ser azo pera que se cobre e haja o reino de Grada, da qual cousa eu por razão devo estar em maior es-

perança de perda que de proveito, porquanto o acrescentamento de seu senhorio fará menos fortaleza aos meus pera sua defensão, e a elles maior esforço e poder pera vingarem seus damnos passados.

A quinta cousa me parece que é muito pera duvidar, porque todo o sages ou discreto, antes que comece a cousa, deve de escoldrinhar até onde chega seu encargo, assim como aquelle que de todo se deve prover e avisar, quanto mais nos feitos grandes e pezados de que homem não deve tão sómente consirar as cousas presentes, mas as que hão de vir vem ainda temer e arrecear os casos duvidosos, que communalmente aquecem, mas os que podem aquecer.

Ora sendo assim que Deus nos queira fazer tanto bem que cobremos esta cidade a nosso poder, que nome ou que honra nos vem se ao deante a não podermos manter ou defender?

Nós certamente teriamos duas duvidas mui grandes sobre este ponto.

A primeira que nosso trabalho não seria mais, senão como um pau, que o homem lança de sua mão, o qual sómente aproveita emquanto mata ou derriba, porque ao depois fica em duvida de se poder cobrar; nós se esta cidade cobramos e se a não podermos manter e deffender, não nos fica nenhuma cousa de que nos arrezoadamente possamos louvar, cá posto que matemos no seu filhamento grão multidão de mouros, esto não póde ser sem nosso damno e perigo; quanto vemos que uma alimaria por seu bestial sentir trabalha de se amparar e deffender de qualquer cousa, porque espera fazer sua fim, cá esto lhe é dado des o começo de sua nascença naturalmente, que busque mantimentos morada e ajuntamento pera fazer geração e defensão pera si e pera seus filhos, e pera

isto foram providos cada um em seu grau, de maravilhosas maneiras de defensões por aquelle que criou a natureza, porque a cada um foi posta fortaleza em seus braços, assim como aos ursos, e a outros similhantes e aos leões, poderio nos dentes e nas unhas, e a outros fortaleza nos cornos, assim como aos touros e bois, e a outros deu estremada ligeireza, assim como a toda veação e lebres, que se criam nos campos, e a outros deu entendimento e engenho, que fizessem moradas nas cavernas dos montes e nas concavidades da terra, em cuja profundeza podessem ter sua defensão, mas por certo mais grande e liberal foi a natureza aos homens, dando-lhe caminho e maneira como podessem além do natural, por sua industria e saber, buscar desvairadas maneiras de artificios pera sua defensão, encaminhando-lhe primeiramente como fizessem ajuntamento em certos logares, des-ahi que os cercassem de grandes torres e muros fortes, e que fizessem espadas e lanças, fachas, dardos com todas as outras cousas que vedes porque se os homens defendem; pois entendeis que os homens que tal engenho teem, ainda que de todo não sejam perfeitos, que quando matarem algum d'elles, que mataram elles a quem os quizesse matar?

Certamente não é de presumir o contrario; cá se esto assim não fosse, toda sua victoria seria de baixo valor, mas tanto a fortaleza dos vencedores ficará maior, quanto os vencidos são mais fortes.

Pois que nos queiramos gloriar na grandeza e valor do esbulho da cidade, esto é assaz de pequena victoria, porque por mui grande que a riqueza seja, nunca poderá ser egual á grandeza de nossa despeza, e não ha nenhum que por sua vontade queira empregar seu dinheiro em similhante mercadoria.

E' pois a honra que devia ser o principal preço e galardão de nossos grandes trabalhos, camanha pode ser, quando nós, ainda não estando ainda bem descançados em nossas casas, ouviremos pelo meio de nossas ruas que os mouros estão já em sua cidade buscando novas maneiras de fortaleza, além da que d'antes haviam, por que jámais outra vez por similhante modo ligeiramente não possam ser entrados.

Quanto certo é que os aquecimentos da perda, trazem novos avisamentos, se é em logar que a pessoa avisada possa receber emenda, e quanto a perda é maior tanto os avisos por seu azo são buscados por mais proveitosa subtileza de que se nos seguira a segunda duvida.

Esto é que os mouros que estão n'aquella cidade, registarão nas taboas de seus corações a lembrança d'aquelle damno e injuria, por cuja vingança carregarão suas fustas e navios da flôr de sua mancebia e virão aos nossos do reino do Algarve, que jaram desegurados em suas quintas, e roubal-os-hão de suas vidas e haveres, e sobre todo perderemos a esperança de jámais nenhumas de nossas mercadorias poderem, sem grande temor, passar em nenhuns navios pera nenhum porto nem cidade que haja no mar Mediterraneo, pela devisa que muitas vezes por necessidade vão fazer em aquella parte, e que ainda que quizessemos poer caso não certo que esta devisa se podia escusar, elles teriam as tarcenas de suas cidades cheias de fustas e de navios, sómente afim de impedir a nossos naturaes; a sentença qual seria sobre as cabeças d'aquelles que ahi tomassem, não é necessario a mim que vol-o haja de declarar.

Ora vêde que nos aproveita tantas e tão grandes despezas, com tamanha força de trabalho e cuidado,

com esperança de tão pequena victoria, cá a força principal da honra está na mantença da cidade, a qual eu não vejo caminho nem maneira como se por nós longamente possa manter nem governar.

Certamente eu diria que seria muito melhor pormos em esquecimento o movimento d'este feito, que de o abalarmos nem seguirmos, pois esta só cousa é bastante, afóra as outras quatro que são taes como ouvistes pera nos empachar todo nosso proposito; e se por ventura algum de vós entende que estas duvidas não são justas nem razoadas, mostre-me o contrario; eu lh'o reconhecerei segundo fôr direito e razão.

CAPITULO XII

Como os infantes fallaram entre si ácerca d'aquellas duvidas, e da resposta que trouxeram a el-rei.

QUEM poderia declarar por escripto quanto aquellas palavras d'el-rei eram contra o que os infantes desejavam, pelas quaes foi entre elles um silencio, como se lhe fossem dadas outras algumas novas porque lhes certificassem alguma perda que por razão devesse ser d'elles muito sentida, e por dizer verdade quanto a aquella sazão não podia no mundo ser cousa que elles mais sentissem, que o fallecimento d'aquelle feito, empero porque o caso não ficava ainda todo determinado por negação, tomaram já quanto quer de conforto e entendimento de prover sobre os contrarios que pertenciam áquellas razões.

Parece-me, diz aquelle que escreveu aquesta historia, que vejo os entendimentos d'estes grandes principes andar por as vagas assim como a nau quando no alto mar, onde com fortuna de tempo contrario perde o conhecimento de sua direita viagem, cujos regedores são entre si em mui grande desaccordo, porque cada um em similhante tempo por muito sabedor que seja, nunca inteiramente confia de seu saber e muito menos de conhecimento de nenhum outro, porque quando as vontades são postas em algum grande temor, não ha ahi parte tão segura, que lhe não pareça duvidosa, quanto mais onde os homens tem alguma esperança de grande honra ou proveito, quaesquer contrarios que lhe sobrevenham principalmente, são d'elles muito sentidos, bem assim segundo o juizo d'estes senhores, estimado pelo trigoso desejo de suas vontades, não lhe parecia que seu padre uzava na determinação d'este feito, como quem desejava de vel-o acabado; porém accrescentavam em suas orações, pedindo ás virtudes do ceu que lhes apresentassem a hora em que se aquelle feito havia de acabar.

Ora leixemos seus pensamentos desvairados e concludamos na certidão de sua resposta, onde haveis de saber que elles tomaram assim a força d'aquellas razões, com todas suas circumstancias e particularidades, sobre as quaes fallaram entre si por tantas vezes, até que finalmente tornaram com a resposta a el-rei seu padre.

Resposta dos infantes

«Senhor, disseram elles, consirando nós sobre todo o que vossa mercê nos tem dito, achamos que á maior parte das vossas duvidas tendes mui sufficientes con-

trarios pelos quaes podeis todavia determinar vossa ida, cá não ha ainda empacho que nos torve, comtanto que a vossa vontade seja boa.

Dissestes primeiramente que pera tamanho feito era necessario abastança de dinheiro, a qual vós não tendes nem podeis haver.

A esto, senhor, se podem achar muitos remedios, assim como por provimento de metal d'aquella sorte de que se o dito dinheiro deve de fazer, que se poderá haver por escaimbo de mercadores de vosso reino, fallando vossa mercê com elles, por cujo trato se esto mais largamente pode encaminhar.

D'outra guisa se podem ainda haver os ditos dinheiros, e esto é fazer-se bom provimento em vossas rendas, abatendo em algumas despezas menos necessarias, prover as outras que forem mister pera vossa ida, e ainda das pessoas principaes do reino pode cada uma fazer de suas rendas mui grande parte de seus corregimentos, e assim como vossa mercê entendia buscar dinheiro pera as despezas das festas que tinheis vontade de ordenares pera nos fazerdes cavalleiros, assim podereis buscar pera este feito em que ha muitas e maiores avantages, que no outro das festas.

Ainda, senhor, consire vossa mercê quantas vezes começastes em vossos trabalhos passados, muitos e grandes feitos, em cujos começos não tinheis abastança de dinheiro com que tão sómente podesseis chegar a metade do feito, e prouve a Nosso Senhor Deus de vos prover pera tudo muito melhor do que poderieis pensar, assim prazerá a Elle por sua mercê de vos ajudar em este feito, que não é menos de seu serviço do que eram os outros.

Ainda, senhor, este é um arrependimento que nenhum principe deve nunca de tomar, porque nunca

homem póde ter tamanha abastança de dinheiro, que lhe não pareça que é pouco, nem as rendas do reino nunca podem ser tão certas que a homem não pareça que são muito áquem do necessario. E quanto é, senhor, aos navios que dizeis que não tereis em abastança, esto, senhor, é a mais pequena torva que vós n'este feito podeis haver, e isto é porquanto vós podeis enviar vossos recados por toda a costa de Galliza e de Biscaia, e assim a Inglaterra e Allemanha e a outras partes, d'onde vos podem vir navios em grande abastança, de cuja vinda homem póde tomar pequeno receio, consirando com quanta diligencia elles vem ao frete do sal e dos azeites e vinhos, quando quer que pera ello são requeridos, e sobre todo podemos entretanto repairar vossas galés e fazer outras de novo, e avizar os navios que ha em vossos reinos que sejam prestes pera aquelle tempo que vossa mercê ordenar de partir, e ainda se segue um mui grande proveito, porque por azo do chamamento d'estes navios, que assim mandaes avisar pera seu frete, correrá fama de vossa armada, á qual muitos homens bons estrangeiros virão pera vos servir, desejando de fazer de suas honras.

Quanto á terceira cousa, em que me parece que mostraes que tendes receio de mingua, que vos a gente pode fazer, especialmente pela pouca segurança que tendes do reino de Castella, por cuja razão vos é necessario leixar as frontarias de vossa terra acompanhadas d'algumas gentes, pelo qual não tereis cumprimento, segundo o que nos é necessario pera tamanho feito.

Esto, senhor, com a graça de Deus não é pera arrecear nem temer, cá em vosso reino ha muita e boa gente e bem disposta pera qualquer trabalho, que a

vosso serviço e honra seja necessario, e posto que assim fosse que de necessidade vos conviesse leixar vossas frontarias repairadas, ainda ahi haveria gente pera se de todo remediar, quanto mais que com a graça de Deus, não ha ahi razão porque se espere similhante duvida, e esto por duas cousas: a primeira pela firmeza das pazes que são entre vós e elles, nas quaes ha tanta força de juramento, que não tão sómente entre os christãos, mas ainda entre os mouros, seria feio de quebrar; a segunda porquanto o infante D. Fernando, que é a principal pessoa do reino, por cujo azo o tal feito se havia de mover, é assim occupado em seus negocios, que não é de crêr que leixe a certa esperança que tem de haver o reino d'Aragão, por se entremetter em similhante novidade, a qual ainda ficaria em duvida se lhe dariam os do reino consentimento pera ello ou não, e sobre todo sendo lá a senhora rainha, á qual não prazeria de similhante feito, por onde deveis ter segurança pera começardes vossos feitos, sem receio nem empacho que vos d'aquelle reino possa vir, nem é bem que similhante duvida vá fóra de vosso segredo, porque os bons d'aquelle reino teriam razão pera receber escandalo d'elle pela pouca fé que se mostraria ácerca de suas verdades.

Até que chegaram a estas palavras, segundo achamos por verdadeiro acordo d'aquelles senhores que ahi estavam, não entendeis que por similhante palavra se deve entender que ahi estava mais que el-rei e seus filhos, mas eu digo que o houve por seu acordo, porquanto tendo o infante D. Pedro carrego do regimento d'estes reinos, me contou grande parte d'estes feitos, com intenção de o assentar todo em chronica, segundo d'ello fiz algum começo.

Depois me contou assim o senhor infante D. Henrique, duque de Vizeu e senhor de Covilhã, em cuja casa estive alguns dias, por mandado do senhor rei, o qual dos ditos feitos havia mais certa lembrança, que nenhuma outra pessoa do reino, quanto á sustancia das principaes cousas, em que está a força da historia, e esto era por duas cousas, a primeira principal porquanto elle do ventre de sua mãe trouxe comsigo abraçada a similhança da cruz de Nosso Senhor Jesus Christo, por cujo amor e reverencia sempre teve mui grande desejo de guerrear aos infieis, no qual desejo viveu e aturou toda sua vida, como ao deante será contado.

E esta declaração fiz aqui, porque vejo em muitas chronicas escriptas por mui sufficientes auctores, nascer mui grandes duvidas por fallecimento de mui pequena declaração.

E tornando a meu primeiro proposito, digo que sobre a quarta razão, em que el-rei dizia que filhando a cidade de Ceuta, daria azo ao reino de Castella como filhasse o reino de Grada, sobre esto se falou algum pouco, principalmente pelo infante D. Henrique, e assim esta quarta duvida, como a quinta, ficaram por aquella vez sem determinação, e esto foi porquanto el-rei por sua vontade se apartou d'entre seus filhos, mostrando que por entonces não queria mais ouvir d'aquellas razões.

CAPITULO XIII

Como el-rei mandou chamar ao infante D. Henrique e das razões que lhe disse, e como determinou ir tomar a cidade de Ceuta.

Ficaram assim aquellas duas conclusões pera determinar; não porque a resposta fallecesse aos infantes pera ellas, mas sómente por vontade d'el-rei, como acima é declarado, mas não passaram muitos dias, quando el-rei mandou chamar o infante D. Henrique seu filho, e apartou-se com elle dizendo: porque te vi o outro dia fallar mais que nenhum de teus irmãos, ácerca dos feitos de Grada, quero que me digas agora o que inteiramente te parece.

Pratica do infante D. Henrique

Senhor, disse o infante, todo o que eu entonces fallei, é a melhor parte do que sobre ello entendo, nem é cousa que por minha determinação só entendesse que se havia de acabar, mas eu fallava como quem tinha taes tres ajudas acerca de si, como eram meus irmãos, mas agora que eu de minha parte sómente haja de dar inteira resposta, parece-me que me deve abastar minha pouca edade e pouco conhecimento que tenho de similhantes feitos pera minha escusa, e sobre tudo a pobre deliberação que sobre ello tenho posta, empero porque hei de cumprir vossos mandados como de meu senhor e padre, assim como melhor

poder entender, direi o que me parecer, senhor, disse elle; eu acho que todas as cousas que fazemos n'este mundo, se resolvem em tres pontos principalmente, s. no passado, no presente e no vindouro, e quanto é ao passado, eu consiro como ao tempo que Deus por sua graça quiz que vós houvesseis nome de rei, como não tinheis outra cousa senão uma pequena parte n'esta cidade, cá o castello era contra vós e assim o de Almada, Cintra, Torres Vedras, Obidos, Santarem e quasi pela maior parte todos os outros do reino, e quiz Deus por sua mercê encaminhar vossos feitos por tal guisa, que sem vosso grande damno vieram todos a vossa obediencia e sujeição.

Pois não menos deveis esperar agora, porque posto que aquelle reino de Grada fosse de todo livremente em poderio d'el-rei de Castella, ainda vos ficara poder com ajuda de Deus, de lhe poderdes contrariar qualquer damno ou offensa que vos novamente quizessem fazer, cá mais ligeira cousa vos seria de o fazerdes agora, antes que no primeiro começo, por muitas razões que pelo presente não são necessarias serem-vos declraradas pelo grande conhecimento que d'ellas haveis, e quanto é ao presente, consiro o serviço de Deus e a vossa grande fé e christandade, e a razão que não consente que hajaes de negar a guerra contra os infieis, por se d'ella seguir alguma ajuda e favor a el-rei de Castella, em acrescentamento de nossa fé, por muito nosso inimigo que elle fosse, porque os infieis por natureza nos querem mal, e elle por accidente.

Quanto é ao vindouro, eu tenho esto assim, que o filhamento d'aquella cidade, não póde ser azo por alguma maneira porque a amizade e paz que ora novamente filhastes com aquelle reino se haja por ello

de gastar, nem destruir, antes o sinto pelo contrario, porque elles conheceram pela grandeza d'este feito a ardideza e boa disposição de vossos naturaes, e isso mesmo a maravilhosa fortaleza com que obrastes tamanho feito, conheceram outro sim como o filhamento d'aquella cidade será azo grande pera melhoramento de sua conquista, e quando de todo em todo em elles fallecesse tal conhecimento, ainda sua má vontade não tinha pera ello perfeito cumprimento de execução, assim pela conquista não ser tão ligeira de acabar, como depois de seu acabamento não se lhe seguir menos cuidado de a conservar e manter, e sobre todo Nosso Senhor Deus, que é perfeição de todas as cousas, sentindo vossa boa vontade e disposição, será sempre pela vossa parte, onde direitamente podereis dizer com o santo Propheta: pois que o Senhor é em minha ajuda, não temerei cousa que me faça o homem.

E por esta guisa acabou o infante D. Henrique sua resposta, da qual el-rei seu padre ficou muito ledo, e assim com a bocca cheia de riso, lançou os braços em elle e lhe deu a sua benção.

— Ora, disse, meu filho, eu não quero mais resposta pera derradeira conclusão, por quanto eu mesmo a tenho consirada, e isto é que eu acho que nenhuma virtude póde ser em perfeição sem algum exercicio, e assim todos os officios, cada um em sua guisa, principalmente dos cavalleiros em que se requer fortaleza, que se os fidalgos e outros bons homens d'este reino não acharem em que exercitar suas forças, é necessario que de duas cousas façam uma: ou travarão arruidos e contendas entre si, como se lê que fizeram os romanos, depois que tiveram suas guerras acabadas, ou farão taes damnos aos de Castella que se aze de se as pazes quebrarem, a qual cousa eu não

queria por nenhuma guisa, e porém me parece que ainda que por al não aproveitasse o filhamento d'aquella cidade, pera esto sómente devemos d'haver por bem despendido nosso trabalho e gasto de dinheiro, e quanto é ácerca do mantimento que pera sua governança ao deante pertence este carrego, quero eu leixar de todo ao Senhor Deus.

E assim como Elle é poderoso pera fazer de pouco muito e de pequenas cousas muito grandes, assim poderá por sua grande mercê abrir azo e caminho como se aquella cidade governe e mantenha, se fôr sua vontade de a trazer a nosso poder, e porém determino com a sua graça e ajuda de começar a proseguir este feito até o poer em fim; não me fallecendo alguma d'aquellas cousas porque razoadamente deva ser estorvado, e pois nos Deus aqui trouxe em ora que eu assim esto houvesse de determinar, praz-me que vós sejaes o mensageiro que leveis as novas a vossos irmãos e lhe declareis toda minha intenção pela guisa que vol-a já tenho dito.

Bem é verdade que todos aquelles filhos d'el-rei, tinham mui grão desejo de vêr aquelle feito posto em fim, mas nenhuma d'aquellas vontades era egual á do infante D. Henrique, cá esto nascera com elle, como já disse, e porém assim como homem a quem muito prazia d'aquellas novas, poz os giolhos em terra e beijou as mãos a seu padre, dizendo-lhe que lh'o tinha em grande mercê.

CAPITULO XIV

Como o infante D. Henrique levou as novas a seus irmãos e do grande prazer que houveram.

O infante D. Henrique, que sabia com que vontade havia de ser recebido de seus irmãos, quando lhe levasse as novas d'aquelle feito, logo com grão trigança se foi a elles, contando-lhe toda a vontade de seu padre, segundo o que com elle passára, de cujas novas e recados os infantes e conde houveram grande prazer, como senão poderia dizer cousa que os mais alegrasse, e porém cavalgaram logo todos cada um de sua casa, e foram-se ao paço pera mostrarem a el-rei agradecimento de tamanha mercê, beijando-lhe as mãos por ello, como aquelles que bem mostravam que até aquelle tempo nunca viram prazer similhante, nem el-rei dentro em sua vontade não sentia pequena ledice, vendo as vontades de seus filhos assim dispostas pera as cousas de honra, pelas quaes conhecia todo o conhecimento de suas virtudes.

Bem é verdade que em todas as outras manhas que a grandes homens pertenciam, conhecia elle toda sua disposição, cá os via bem dispostos a cavallo e a pé, grandes monteiros e caçadores ligeiros, desenvoltos pera correr e saltar, lançadores de barra e remessão e desenvoltos nas armas pera justar, e assim pera quaesquer outros actos que a cavallaria pertencessem; não porém que diga que todos egualmente haviam

estas cousas e perfeição, cá antes digo, que é erro em ello e em todas as cousas, porque a virtude que em um fallece em acabado cumprimento, é achado no outro, e assim em estes senhorés, posto que em todos houvesse boa diligencia pera experimentar todas as cousas que a elles pertenciam, algumas das quaes cousas eram cumpridamente em um, que não eram em outro, e n'aquelle que alguma cousa fallecia, acrescentava-se em elle outra, não porém que a algum d'elles fallecesse disposição boa pera todo fazer.

E deveis de saber que em cada uma sciencia ou virtude, são achados quatro graus ou quatro differenças pelas quaes o entendimento sobe e desce, assim como por uma escada, pera entender claramente as definições das cousas, e quanto á virtude temos quatro graus por esta guisa, a saber: bom, melhor, muito melhor, perfeito; assim como dizemos que ha ahi temperança, continencia, perseverança e o quarto modo d'estes se chama virtude heroica sobre a qual não ha ahi outra maior, e pozeram-lhe tal nome porque os gregos chamam aos seus principes heroes, e dizem que a estes convem esta virtude, principalmente, e assim na sciencia são achadas quatro differenças, a saber: a primeira, que é a mais baixa, se chama singular substancia, sob a qual não poderemos achar alguma outra; a segunda se chama substancia commum a muitas sciencias, a qual será principio de sua definição, se as primeiras substancias esto receber podêssem; a terceira se chama substancia geral, a qual encontra essencialmente na definição d'outras muitas; a quarta é chamada muito alta, e muito geral substancia, que de sob si comprehende todas as outras, e esto escrevemos assim, porque os exemplos são azo a cousa ser melhor entendida.

E porém el-rei todas estas boas disposições e actos de virtudes conhecia em seus filhos, mas não era ainda em certa segurança, com que coração supportariam os verdadeiros actos de cavallaria e fortaleza, os quaes principalmente são nos trabalhos das guerras mais que em outra cousa, porque ali é presente muitas vezes perigo da morte, da qual o philosopho disse que era o fim de todas as cousas terriveis e espantosas, e, porém, é o estado da cavallaria muito mais prezado entre os homens, da qual cousa el-rei via assim aquelle começo, porque havia grande parte do conhecimento de todo o que elle desejava de vêr.

Seus filhos passaram assim todas aquellas reverencias e agradecimentos, e des-ahi foram escorregando tanto por suas razões, até que el-rei disse:

«A mim me parece que o principal começo que a mim convem fazer n'este feito, assim é que primeiramente haja de saber o assentamento d'aquella cidade e a fortaleza e muros e altura d'elles, e como são acompanhados de torres, e caramanchões, pera saber que artilherias me convem de levar pera ser combatida.

Outro sim, convem que saiba as ancorações que tem, e com quaes ventos trabalham os navios mais lá estando sobre ancora, e se por ventura as praias são assim livres e desempachadas, que nossas gentes possam sahir sem grão trabalho ou perigo, ou que o mar é tão chegado ao muro que dos navios mesmo se possam combater, consirando ácerca d'isto quaes pessoas lá posso melhor enviar, porquanto cumpre que sejam homens discretos e entendidos e taes que possam bem todo prover segundo é necessario pera tal caso, e não me parece que tenha outros que o melhor possam fazer, que o prior do Hospital e o

capitão Affonso Furtado, a saber o prior pera divisar a cidade e o capitão pera divisar o mar, com todas as outras cousas que a elle pertencem, mas como seja que elles hajam logar pera isso poderem vêr e saber sem ser entendida nem sabida a fim porque elles vão, pera a qual cousa tenho vontade de fingir uma formosa dessimulação, e isto é que quero dar voz que os envio com embaixada á rainha de Sicilia, a qual ao presente está viuva e em ponto pera casar, a qual cousa eu sei pelo requerimento que me ella enviou fazer, que me prouvesse de casar meu filho o infante D. Duarte com ella, e eu agora mandal-a-hei requerer pera o infante D. Pedro, a qual cousa eu sei bem certo que ella não ha-de fazer, empero aproveitará muito similhante cometimento, porquanto meus embaixadores terão azo de ir e vir pela cerca d'aquella cidade, onde poderão divisar todo o que lhe por mim fôr mandado.

Aos infantes pareceu mui bem a consiração de seu padre, e porém ficou a el-rei encarregado de o poer todo em obra, segundo o tinha consirado.

CAPITULO XV

Como el-rei mandou chamar o prior do Hospital e o capitão, e o que lhe disse que haviam de fazer.

El-rei mandou logo chamar o prior do Hospital e fez-lhe saber como sua vontade era de os enviar a casa da rainha de Sicilia com sua embaixada, empero, que seu principal fundamento e

tenção, era que elles divisassem a cidade de Ceuta, de todas as cousas que antes dissera, portanto lhes mandava que se fizessem logo prestes pera seguir sua viagem, pera a qual cousa logo mandou desembargar-lhe dinheiros pera alguns corrigimentos que lhe fossem necessarios, e mandou logo correger e aparelhar duas galés, as melhores que estavam em suas taracenas, as quaes foram assim corregidas de todas as cousas, como se houveram d'andar d'armada, esto era porque além da nobreza com que lhe convinha de os enviar, segundo seus embaxadores que eram, quiz que fossem de tal guisa apercebidos, que não podessem receber algum damno d'alguns mouros, se os achassem, e mandou el-rei fazer mui nobres librés de seu modo e devisa, pera todos aquelles que nas ditas galés haviam d'ir, e isso mesmo embandeirar e toldar aquellas galés desde a proa até á popa de pannos de suas côres, a qual cousa nunca ainda até aquelle tempo fôra vista em nenhuns navios similhantes, e des-ahi avante o começaram a poer em uzo até agora que se faz como vêdes, e por este modo foram assim as ditas galés aparelhadas e corregidas, e os embaxadores despedidos por tal guisa que em breve tempo começaram de seguir sua viagem, e partindo de Lisboa com aquella voz e fama chegaram sobre a cidade de Ceuta, onde lançaram suas ancoras, mostrando que queriam dar algum descanso á sua gente, e o prior assentado em sua galé, assim como homem muito sages e indiscreto, olhava muito bem o assentamento da cidade, como quem sabia a fim porque o fazia, e o capitão d'outra parte com grande aviso esguardava sobre a praia olhando qual era mais limpa de pedras, pera poderem em ella mais desempachadamente sahir as gentes d'armas, quando viesse a

hora do mester, e depois que foi noite soldou, andando em um batel mui passamente todas as ancoragens d'arredor da cidade, de guisa que pela maior parte foi de todo em conhecimento, e ao outro dia levantaram suas ancoras e seguiram sua viagem.

Des-ahi chegaram ao reino da Secilia onde era a rainha, a qual fizeram logo saber como ali eram, porém que fosse sua mercê de lhes lavrar mandado da maneira que haviam de ter.

As quaes novas ouvindo a rainha, mandou que se viessem logo a sua côrte, onde foram assim recebidos e agazalhados como convinha a embaixadores de tamanho principe, e leixando suas maneiras, que cada um tem em seu senhorio, como lhe praz por guarda do seu estado, finalmente depois que deram suas saudações da parte d'el-rei á rainha e apresentaram suas cartas de crença, deram sua embaixada por esta guisa.

EMBAIXADA Á RAINHA DA SICILIA

Muito alta e muito excellente senhora, rainha, nosso senhor el-rei D. João de Portugal, vos faz a saber por nós, seus embaixadores, como os dias passados vossa alteza enviou a elle por rasão de casamento de vossa senhoria com o infante D. Duarte seu filho, da qual cousa elle fôra muito contente, se o feito estivera em azo de se poder acabar, e lhe não fôra fallado primeiramente da parte da infanta D. Catharina, irmã d'el-rei de Castella, por cuja rasão não podia começar cousa alguma em similhante acto, até que elle de todo fosse posto em fim de si ou de não, quanto mais que aquelle casamento é mui proveitoso pera ambos os reinos, pela grande discordia que se tão longamente entre elles seguiu; a qual posto que a Deus

graças, agora seja finda por firmeza de pazes, que entre elles são tratadas, todavia por azo d'este casamento se firmaram melhor, e que esta foi a causa principal porque vossa embaixada não houve outra mais graciosa resposta, empero que elle consirando a disposição de vossa edade e como o infante D. Pedro seu segundo filho é um principe dotado de muitas virtudes, do qual vossa senhoria seria mui bem casada, que lhe prazeria muito que o dito casamento se fizesse.

Porém que elle vos roga e encommenda que esguardeis muito bem como o dito infante é seu filho, e a mui real geração de que descende, assim de sua parte como de sua madre, da qual o dito infante por seu merecimento não fallece cousa alguma, e como lhe será dado tão grande casamento como a excellencia de seu grande estado convem, e que havido sobre todo vosso bom conselho lhe envieis vossa resposta com effeito, crendo que além de ser vossa honra e proveito, fareis cousa que vos muito agradecerá, sobre as quaes palavras a rainha lhe disse que elles se fossem por entonces pera suas pousadas e que ella fallaria com seus conselheiros e que lhe daria sobre ello sua resposta.

Todos aquelles grandes homens, que eram com a rainha, esguardaram mui bem como aquelles embaixadores d'el-rei de Portugal eram homens de grande auctoridade, e assim por ello como pelo mui nobre corregimento que levavam, representavam mui bem a grandeza d'aquelle senhor que os lá enviava, pela qual cousa ponderaram mui mal a dissimulação que jazia n'aquelle feito, des-ahi começaram a tratar sobre aquella embaixada da qual a rainha era muito pouco contente, por quanto lhe parecia que seu estado re-

ceberia abatimento, mandando ella primeiramente tratar casamento com o infante D. Duarte, que era herdeiro no reino, e tornar a casar com o infante D. Pedro, que era sujeito a seu irmão, por rasão de sua primeira nascença, porém respondeu aos embaixadores d'el-rei, como ella por entonces não estava em ponto pera dar resposta em similhante feito, por alguns negocios que tinha em seu reino, nos quaes de necessidade entendia de tratar, porém que se tornassem com boa ventura pera seu reino e lhe saudassem el-rei e a rainha e toda a nobreza de sua geração, que com elle fosse em sua côrte.

Os embaixadores, como quer que lhe bem mostrassem que lhe prouvera levar outra melhor resposta, não curaram de replicar mais sobre aquella materia, porque bem sabiam que não era aquella a principal causa de sua primeira viagem, e porém espediram-se da rainha e meteram-se em suas galés e tornaram-se pera Portugal, mas não lhe esqueceu de tornarem outra vez ácerca da cidade de Ceuta, fazendo algum mais repouso que da ida, pera acabarem de todo o que lhe fallecera da primeira vista, e tal maneira tiveram em todo, que lhe não ficou nenhuma cousa por tentar, d'aquellas que a el-rei prazia saber.

Alguns mouros d'aquella cidade, que depois do filhamento d'ella consiraram na vinda d'aquestas galés, maldiziam a si, e a fraqueza de seus entendimentos, porque tão tarde conheceram a sagacidade com que se tratára sua destruição ; e entonces se acordavam como viram ao prior ir com sua galé ao longo da cidade assim vagarosamente, como quem se trabalhava de a esguardar com femença. E chegando a Lisboa, el-rei havia dias que estava em Cintra, e com elle seus filhos, afóra o conde de Barcellos que se tornara pera

sua terra, porquanto era já casado e lhe mandára seu padre que se tornasse pera sua casa.

CAPITULO XVI

Como o prior e capitão partiram pera Lisboa e da embaixada que levavam e das cousas que fizeram em sua viagem.

PEQUENA detença fizeram as galés, depois que partiram de Ceuta, pera chegar a Lisboa, cá o vento foi mui prospero e as galés vinham mui bem apparelhadas, de guisa que lhe não fallecia nenhuma cousa pera seguirem brevemente sua viagem, e quiz Deus assim ordenar por que todo aquelle porto de Lisboa estava muí bem acompanhado de muitas naus e outros navios pequenos que vieram ahi descarregar suas mercadorias, com intenção de ir ao Algarve carregar figo, pera levarem a suas terras, porquanto o tempo da carregação era já acerca, e as galés acertaram de trazer assim sua viagem ordenada, que um domingo a horas da missa, appareceram á bocca da foz de Lisboa, e como era dia em que os homens não eram occupados em nenhuns trabalhos, começaram de correr pera a ribeira, como commummente tem por costume, quando algum grande navio entra por aquella foz.

As galés com a descente da maré que era contraria, fizeram tanta detença por aquelle rio, que as gen-

tes tiveram espaço de comer e tornaram a olhar como se vinham chegando pera a cidade, e certamente que era grande prazer assim dos que estavam na terra como dos que vinham pelo mar, porquanto as galés vinham nobremente embandeiradas e toldadas, e cada uma trazia duas mui reaes trombetas, cujo som alegrava os corações d'aquelles que as estavam olhando, e não era pequeno descanso aos das galés, vendo os ajuntamentos que a gente da cidade fazia pera olharem sua chegada, cá todas aquellas torres e muros eram cheias d'homens e mulheres, que se chegaram pera alli por esguardarem a doçura d'aquella vista, e os mercantes estrangeiros eram muito maravilhados com aquella novidade que viam, no corregimento das galés, o qual certamente era assim formoso e bom, que lhe fazia representar mui grande estado; certamente, disseram elles, este rei de Portugal, assim como é grande em todos seus feitos, assim faz grandiosamente todas suas cousas.

Os outros da cidade moviam entre si muitas porfias, sophismando cada um o fim d'aquella embaixada.

Em esto, chegaram as galés d'avante da cidade, onde já estava a mór parte dos grandes e bons que ahi havia, pera acompanharem aquelles embaxadores assim por seu merecimento, como pela honra da embaxada que traziam, e assim eram todos cegos no entender que não havia ahi nenhum que podesse maginar outra cousa, senão que toda a força d'aquella embaxada fôra sómente pera tratar aquelle casamento.

O repouso que os embaxadores fizeram na cidade, foi pequeno, cá logo no dia seguinte fizeram saber a el-rei novas de sua chegada, e entretanto concertaram suas bestas, de guisa que a quarta feira muito cedo, partiram pera Cintra, onde os el-rei mandou mui bem

receber e agazalhar, segundo mereciam taes pessoas, quanto mais por virem assim novamente com similhante embaxada de fóra do reino, e por quanto todos os conselheiros outrosim tinham que aquelles embaxadores não foram a outra cousa enviados, sómente por tratar aquelle casamento, teve el-rei maneira de os ouvir logo perante elles, onde cumpridamente disseram todos os aquecimentos de sua viagem, calando aquelle principal que se guardava pera outro maior segredo, e porque ainda esta dissimulação podesse ser melhor tratada, quando el-rei ouviu determinadamente a vontade da rainha, fez semblante como que lhe desprazia d'aquelle feito não vir a fim, mas os outros dois lhe razoaram sobre os remedios que lhe pareciam que eram necessarios pera tornar outra vez a replicar no cometimento d'aquelle feito, el-rei não desprezando seus arrazoados, mostrou que era muito melhor leixar assim o feito quedo por algum espaço de tempo, mas não tardou muito que o prior e o capitão foram avisados da maneira que haviam de ter quando lhe fossem dar o verdadeiro recado d'aquella cousa porque os elle enviára, tendo maneira como os infantes se chegassem aquelle tempo pera a camara de seu padre, sob similhança d'alguma outra necessidade que cada um fingisse aos seus, por melhor encobrimento d'aquelle segredo.

Juntos assim todos, primeiramente perguntou el-rei ao capitão pela resposta de seu encargo, a que elle sem outra solemnidade de palavras disse:

—Senhor, eu não trago outra resposta, senão que tendes mui boa praia e mui boa ancoração, e que podeis encaminhar vossos feitos e ir muito em boa hora, quando quizerdes, e a cidade sem grande tardança com a graça de Deus será em vosso poder posta.

—Assim prazerá a Deus, disse el-rei, empero quero saber principalmente a ancoração com todas as outras cousas que vos encommendei.

—Não mais, disse o capitão, senão que podeis ir como já disse, que todo tendes bom e á vossa vontade, e ainda mais senhor, entendo que não sómente cobrareis aquella cidade, mas ainda outros muitos logares que por seu azo virão a vosso poder ou de vossa geração.

Isto, senhor, sei eu por um maravilhoeo acontecimento que me aconteceu quando era moço, do qual sempre trouxe mui grande lembrança pelos maravilhosos azos que sempre depois ácerca d'ello vi seguir, e porque vem a proposito, não é mau de o saberdes pela guisa que me aconteceu, e foi assim que el-rei D. Pedro vosso pae, cuja alma Deus haja, mandou meu padre fóra d'este reino com uma sua embaxada, e como quer que eu fosse moço de poucos dias, levou-me porém meu padre comsigo pera vêr terras e aprender, e seguindo nós assim nossa viagem chegámos a um porto ácerca d'um logar d'Africa, que chamam Ceuta, onde me eu trabalhei de vêr algumas d'aquellas cousas que me pareciam mais especiaes, e andando assim cheguei-me a uma fonte que alli estava, com um nobre chafariz, onde me eu acostei um pedaço, tomando desenfadamento em vêr a formosura dos cavallos que alli traziam a beber, os quaes eram muitos e bons, e estando assim, sobrechegou ahi um homem de comprida edade, cujos habitos e barba era manifesto signal de sua velhice; o qual chegando-se a mim começou-me d'olhar perguntando-me d'onde era, e eu lhe disse como era hespanhol. Não vos pergunto disse elle, senão de que logar sois á Hespanha? eu lhe respondi como era natural da cidade de Lisboa.

— Essa cidade, disse o velho, em que reino é? Eu lhe respondi como era do reino de Portugal.

— E qual é o rei que agora reina n'esse vosso reino? disse o velho.

— E' um mui bom rei, disse eu, que se chama D. Pedro, filho que foi do mui nobre rei D. Affonso, que foi na batalha do Salado, o qual D. Pedro é um rei mui justiçoso e amador do seu povo.

— Que hajaes prazer, disse o velho, dizei-me quantos filhos barões tem esse vosso rei? Eu lhe disse como tinha tres, o primeiro havia nome D. Fernando, o segundo D. João, o terceiro D. Diniz. E não tem mais? disse o mouro, certamente não, disse eu, de que eu saiba parte. Elle começou-me de rogar que consirasse bem se tinha outro algum filho, e por vossa mui pequena edade, não me veiu á memoria vosso nascimento, porém como quer que me aquelle velho muitas vezes aficasse, requerendo-me sempre que esguardasse bem se além d'aquelles tres filhos tinha el-rei outro algum, o qual lhe eu sempre negava, e ainda muitas vezes conjunctamente como quem lhe não vinha á memoria mais d'aquello que lhe sempre dizia, empero a fim vendo-me afficado d'elle, comecei de consirar com semença, até que me cahiu no entendimento a verdadeira lembrança de vossa nascença, entonces lhe disse:

— Amigo, é mui grande verdade que el-rei tem ainda um filho pequeno, que se chama D. João, mas eu não me lembrava d'elle, porque entre nós os filhos bastardos não são havidos em tamanha honra como os lidimos. Por isso vos perguntava, disse elle, e em dizendo esta palavra, deu um mui grande suspiro e abaixou o rosto chorando, da qual cousa eu fui muito espantado, e por elle assim continuar em seu choro e

tristeza, roguei-lhe muito que me dissesse a causa que o assim movera a chorar, como quer que m'o por muitas vezes negasse, a conclusão afficado com meus requerimentos, me disse:

— Amigo, o meu choro não é tanto como eu tenho rasão, nem entendeis que choro cousa nenhuma que seja presente, mas pelo conhecimento que tenho da perda que ha-de vir a meus naturaes e amigos, e porque a tua ventura te trouxe aqui, nota bem o que te agora disser.

— Sabei que esse rei D. Pedro que vós agora tendes por vosso rei em esse reino, não ha muito de viver, por cuja morte reinará em seu logar o infante D. Fernando seu primeiro filho, o qual será casado com uma mulher, por cujo azo o reino depois da morte de seu marido ficará em grande revolta, e os outros dois filhos por engano de sua cunhada serão lançados em Castella, onde farão fim de seus dias.

Finalmente esse filho pequeno que tu vês desprezado, em comparação de seus irmãos, será ainda n'esse reino, como uma pequena faisca de que se levanta mui grande fogueira, cá dias virão em que elle primeiramente vingará a deshonra de seu irmão, e depois por escolhimento do povo será alevantado por rei; o qual haverá grandes demandas com o reino de Castella, de que sempre ficará vencedor, e elle será o primeiro rei de Hespanha que terá posse em Africa, e será o primeiro começo da destruição dos mouros, e ainda elle ou os da sua geração, virão a este chafariz dar de beber a seus cavallos.

— Ora vêde, senhor, quem estas cousas assim ouviu e as viu passar por aquella propria ordenança, se crerá que a cidade de Ceuta é já posta em vosso poder, e porém torno a dizer o que já disse, que podeis ir

com boa ventura, quando quizerdes, cá tendes todo á vossa vontade, assim a praia como as ancorações.

El-rei era homem que tinha em pouco similhantes juizos, e porém começou de se rir, tendo em jogo as palavras de Affonso Furtado, dizendo-lhe que todavia lhe dissesse a certidão do que lhe encommendára, que bem sabia elle que o não mandára fóra d'estes reinos, senão principalmente áquelle fim, crendo que elle era tal pessoa, que saberia provar e conhecer não tão sómente similhante cousa, mas ainda outro muito maior feito, quando quer que fosse necessario, que porém passasse por aquellas palavras e dissesse se aquella ancoração era sobre pedra, ou sobre areia, ou sobre vaza, ou se por ventura era alli o mar tão alto que os grandes navios podessem ancorar perto dos muros da cidade, ou se por ventura, por azo das marés ou correntes, seriam os navios em algum trabalho na enchente ou vazante da maré.

Todas estas razões prestaram pouco acerca do capitão, cá elle por nenhuma guisa quiz mais dizer do que tinha dito, entonce perguntou el-rei ao prior que lhe dissesse do assentamento da cidade, e as mais cousas que lhe encommendára.

CAPITULO XVII

Da resposta que o prior deu a el-rei ácerca do assentamento de Ceuta, e mais cousas que lhe encommendára.

SENHOR, disse o prior, de cousa que visse nem achasse, não vos hei de dar resposta, até que me façaes trazer quatro cousas, duas cargas d'areia e um novello de fita e meio alqueire de favas, e uma escudella.

— Cuidaes, disse el-rei, que não temos aqui o capitão com suas prophecias?

Entonce começou de se rir, e disse que lhe leixasse o jogo, e que lhe desse recado do que lhe perguntava.

—Senhor, disse o prior, eu não tenho costume de jugatar com vossa mercê, mas ainda vos torno a dizer que sem as ditas cousas vos não direi nenhuma resposta.

Já el-rei começava de tomar algum queixume, pensando que os embaxadores não arrecadaram seu feito pela guisa que lhe elle mandára.

— Vêde, disse elle contra seus filhos, que bem concertadas duas respostas pera homens de tal auctoridade; estou-lhe perguntando pelas cousas que lhe mandei, e um me falla em astrolomia, outro me falla em similhança de feitiços, quem havia de cuidar que taes dois homens houvessem de trazer similhante recado?

Os infantes conhecendo quem era o prior, não podiam crêr que elle tornasse de sua viagem sem trazer certo recado, porém lhe disseram que se arrecadára como d'elle confiavam, que désse a resposta a el-rei seu padre. O prior estava-se rindo porque via que el-rei não conhecia sua tenção, porém disse que ainda que elle quizesse responder, que não saberia, sem lhe trazerem as ditas cousas, as quaes lhe foram trazidas pela guisa que as elle requeria, e tanto que as teve dentro em uma camara, metteu-se só n'ella e com a areia, começou a devisar sua embaixada por esta guisa: tomou aquella areia e fez logo o monte d'Almina, com toda a cidade, assim como jaz com suas alturas e valles e fundos d'ellas, e des-ahi a Aljazira com a serra de Ximeira, assim como jaz em sua parte e onde havia de fazer demonstração d'um muro, cercava com a fita, e onde havia de assignar casas, punha aquellas favas, em tal guisa, que lhe não ficou nada por divisar, e depois que todo houve assim acabado, chamou el-rei e seus filhos e disse-lhe:

Agora podeis vêr a similhança de meus feitos, é perguntar-me por todo o que vossa mercê fôr, e eu poder-vos-hei responder com experiencia ante vossos olhos.

Esguardou el-rei mui bem toda aquella mostra, como estava, des-ahi o prior começou-lhe a devisar todo mostrando-lhe logo toda a largura do muro como estava da parte do mar, e quanto era acompanhado de torres e de que altura eram a maior parte d'ellas, e depois lhe mostrou o castello com todo seu assentamento, e quaes eram os logares por onde a cidade podia receber combate, com todas as mais cousas que a el-rei prouve de saber, e como quer que o philosopho diga que mais forte é o conhecimento

da cousa conhecida por si mesmo, que por sua similhança, não reprovando seu dito, que seria escarneo pera mim, certamente não falleceu nenhuma cousa d'aquellas que eram na cidade pera vêr e saber, que todas ahi não fossem mui bem declaradas e conhecidas, segundo cumpria, da qual cousa foi el-rei muito contente, louvando muito a boa discripção do prior e muito lhe pareceu aquella cidade asada pera o que elle desejava, e depois d'algum pequeno razoado que sobre aquelles feitos houve, mandou el-rei que tirassem a areia e aquellas cousas que alli estavam, e por entonce não se fallou mais nada em cousa que áquelle caso pertencesse.

CAPITULO XVIII

Como el-rei disse a seus filhos que duvidava muito começar aquelle feito antes de primeiro o saber a rainha e o Condestabre.

Visto aquella mostra que o prior fez, el-rei consirou sobre todo alguns poucos dias, e depois que todo teve bem consirado, fallou com seus filhos em esta guisa:

—Consirei ácerca de nossos feitos começados, e acho que pera se bem pederem executar, tenho dois mui grandes inimigos ou impedimentos.

O primeiro é a rainha minha sobre todas muito amada e prezada mulher, a qual por suas grandes

virtudes e bondades, é assim amada de todos geralmente, que se ella em este feito não dá consentimento, nenhum dos do povo, nem dos outros maiores, não porão mão em este feito, com nenhuma fiuza nem esforço; o segundo impedimento é o Condestabre, o qual sabeis que por sua mui boa vida e pelos grandes e bemaventurados agradecimentos que houve, tem assim as gentes do reino chegadas á sua amisade, que se elle por ventura contradisser esse conselho, todos terão que não era feito direitamente, a qual cousa lhes faria menos esforço pera nos ajudarem a ello quando fosse requerido.

Porém antes de nenhuma cousa é bem que vejamos porque maneira lhe faremos saber a determinação que em ello havemos, porque ao depois por seu desprazimento não recebamos algum pejo.

Os infantes foram algum tanto descontentes no movimento d'aquelle feito, pensando que em ambas aquellas pessoas teriam mui grandes contrarios, e esto consiraram por esta guisa.

Primeiramente que a rainha era mulher, a qual segundo sua natureza não lhe poderia desejar nenhuma cousa perigosa, e quanto era a parte do Condestabre, consiraram como era homem velho e que toda sua mancebia despendera em tantos trabalhos, dos quaes pela graça de Deus havia dias que tinha repouso com grande e proveitoso galardão de seus merecimentos, a qual cousa porventura seria azo de o poer em duvida, na esperança da victoria que lhe d'aquelle feito poderia vir.

Empero assim como homens em que morava uma formosa e maravilhosa fortaleza, não quizeram mostrar que aquelles eram os maiores impedimentos que n'aquelle feito podiam haver, e consirando em ello, o

disseram a el-rei, que similhantes cousas não eram pera ter em grande estima, porque o disseram elles, tanto que a rainha nossa senhora e madre, fôr contente, ácerca de nosso movimento, o Condestabre não é homem que contradiga nenhuma cousa que vós ordenardes por serviço de Deus e por accrescentamento de vossa honra e estado. Porém quanto á rainha nós iremos a ella e lhe fallaremos por tal guisa que ella mesmo seja a que vos peça que nos outhorgueis o proseguimento d'este feito.

A el-rei pareceu bom conselho o que tinham seus filhos, e disse que se trabalhassem de o poer em fim, por quanto sentia que estes dois impedimentos tirados não tinha outra duvida pera que leixasse de proseguir sua demanda.

Os infantes se foram logo á rainha e apartaram-n'a em seu estrado, dizendo por esta guisa:

Pratica dos infantes á rainha

Senhora, bem sabe vossa mercê a alteza do sangue d'onde por graça de Deus viemos a este estado em que de presente somos, a qual cousa nos acarreta continuadamente mui grandes cuidados, porque possamos conseguir a virtude d'aquelles principes, de cuja linhagem a Deus prouve de nos trazer a este mundo, e sobre todo consirando a edade em que somos, e como poderemos mais honradamente receber estado de cavallaria, em algum logar onde se movessem alguns grandes feitos d'armas, ou trabalhos perigosos, onde nossa virtude podesse ser demonstrada ante a vista de todos, pois que os cavalleiros principalmente foram ordenados porque entre os outros homens tenham vantagem nos feitos das armas, quanto mais aquelles

a quem Deus quiz dar nobreza de geração nos logares onde se provam as forças e se experimentam os corações, devem mais honrosamente receber a ordem d'aquelle estado, e por quanto el-rei nosso senhor e padre desejando nossa honra e accrescentamento, como de seus filhos, quizera fazer grandes festas e convites pera honrar nossa cavallaria, da qual cousa nós por nenhum modo podiamos ser contentes, consirando o que dito é, e estando em esta duvida, quiz Deus que sobrechegou ahi João Affonso, vedor da fazenda, e fallou-nos em uma cidade que é em Africa que chamam Ceuta, mostrando-nos como era mui azada pera ser filhada, a qual cousa nós fallámos a el-rei nosso senhor e padre, o qual enviou lá o prior e o capitão, por devisarem o assentamento da cidade, se porventura seria tal como João Affonso dizia.

Ora são já chegados de lá e segundo o recado que trouxeram, a cidade é mui azada pera se filhar, havendo bom aviamento pera ello, e porquanto, senhora, nós temos mui grande vontade de se este feito poer em fim, e sentimos que el-rei senão quer despoer a ello assim despachadamente, como nós queriamos, pedimos-vos por mercê que primeiramente vos praza consentirdes em ello, porque sentimos certamente, que o principal impedimento que el-rei ha-de ter, é a duvida em que estará, não sabendo se vos prazerá d'ello ou não, por quanto cuidará que por o amor que vos nos tendes, segundo a condição das outras mulheres, que não vos prazerá que cometamos cousa de que nossas vidas fiquem em perigo, e des-ahi que lhe peçaes da vossa parte seja sua mercê de encaminhar como isto seja posto em fim.

«Bem é verdade, respondeu a rainha, que eu vos tenho assim aquelle amor que qualquer madre por

obrigação natural deve ter a seus filhos, e ainda muito maior, por duas cousas.

A primeira pelo grande amor que tenho a el-rei vosso padre, assim pelas grandes virtudes que em elle ha, como por ser meu senhor e marido, e sentir que me tem tão grande amor, como homem do mundo que o mór tenha a sua mulher, e a segunda por vos Deus fazer taes, de que eu espero que não nascerá outra cousa, salvo aquella que requer o estado que tendes, e grande linhagem de que descendeis, empero quanto pera similhantes feitos eu nunca vos poderia privar vossas boas vontades, antes vos ajudarei a ellas com todas minhas forças e poder, e certamente que eu não podera hoje ouvir novas com que me mais provera, cá por similhante requerimento me fazeis entender que taes vontades tereis ao deante pera obrardes aquellas cousas que sempre obraram e obram aquelles reis e principes da lingahem de que descendeis.

Porém a mim me praz muito de poer logo mão em este feito, por tal guisa, que com a graça de Deus vossas boas vontades hajam effeito, segundo desejaes e quereis.

CAPITULO XIX

Como a rainha fallou a el-rei no requerimento de seus filhos, e da resposta que lhe el-rei ácerca d'ello deu.

Não quiz a rainha poer aquella cousa em tamanha tardança, porque lhe parecia que minguava na boa vontade que mostrava a seus filhos, e fez logo saber a el-rei como lhe era necessario fallar-lhe, porém que fosse sua mercê servido de lhe fazer saber a disposição em que estava, mas el-rei usando de sua nobre cortezia, não quiz consentir que se ella mettesse em tal trabalho, e disse ao mensageiro que lhe dissesse que elle iria onde ella estava, como de feito logo foi.

PRATICA DA RAINHA A EL-REI

«Senhor, disse a rainha, eu vos quero requerer uma cousa, que é muito contraria pera requerer madre pera filhos, porque commummente as madres requerem aos padres, que arredem seus filhos dos trabalhos perigosos, tendo sempre grande arreceio de queasquer damnos que lhe podem acontecer.

Eu tenho tenção de vos requerer que os arredeis dos jogos e das folganças e os metaes nos trabalhos e perigos, e isto senhor é por esta guisa: vossos filhos e meus vieram hoje a mim e me contaram todo o feito que tinheis passado ácerca da cidade de Ceuta,

sobre que vos fallou João Affonso, vosso vedor da fazenda, dizendo-me como sentiam que vos não despunheis a encaminhar seu filhamento como elles desejavam, porém que me pediam que me prouvesse de vos fallar em ello e vol-o requer da sua parte e da minha.

Eu, senhor, esguardando como elles vem de linhagem de imperadores e reis, e de outros mui notaveis e grandes principes, cujo grande nome e boa fama é hoje por todas as partes do mundo nomeada, não queria por nenhuma guisa, pois lhe Deus por sua mercê quiz dar a disposição dos corpos e do entender, que elles por seus trabalhos fallecessem de conseguir os feitos d'aquelles que disse, e portanto eu acceitei seu encargo e me prougue muito de seu requerimento, havendo seu desejo por bom pera começo de sua nova edade, pelo qual vos peço por mercê que queiraes encaminhar como elles possam exercitar suas forças e provar suas virtudes segundo devem, pera a qual cousa parece que tendes mui bom azo querendo-vos aviar que se ponha em obra aquillo que já tendes fallado, e além da parte que a vós ácêrca d'ello acontece, eu da minha vol-o terei em mercê.»

«Senhora, respondeu el-rei, tal requerimento me fazeis vós de que eu recebo mui grande empacho, e esto é por me requererdes primeiramente o que vos eu houvera de requerar a vós, metendo a mim em prazimento o que eu por ventura duvidára muito de vós quererdes outhorgar sem constrangimento de rogos.

Porém, dou muitas graças a Deus, porque vos trouxe a tempo de me tal cousa requererdes, da qual eu sou muito ledo e me praz de o poer em obra segundo me requereis, o que com graça de Deus espero

que venha a proveitoso fim, e por quanto, senhora, me vós tendes feito este requerimento, prazer-vos-ha que eu vos faça outro não mui longe d'este proposito, que vos praza de eu ser onde vossos filhos forem, assim participador de seus conselhos e companheiro de seus perigos.

Bem foi a rainha leda d'ouvir as razões que se até alli passaram, mas quanto a aquelle ponto bem mostrou que lhe não prazia de o ouvir, e disse:

«Senhor, a mim será muito grave de poder com meu coração que outhorgasse cousa similhante, cá por aquella guisa que a mim pareceu razoado o requerimento que vos primeiro fiz, por essa me parece, quanto a meu juizo, o vosso fóra de razão, porquanto aquello que meus filhos requerem, é pera ganharem honra, que vós já tendes ganhada, a qual elles ainda não tem senão por razão de vós e d'aquelles reis e senhores d'onde descendem, e porém lhe é necessario de a buscarem agora sometendo seus corpos a grandes trabalhos e perigos, não receando sua morte, se por algum caso acontecer por chegarem a aquello que seus avós percalçaram, cá por certo não lhes ficará pequeno encargo depois de vossos dias, de conseguirem vossas virtudes e parte de vossa honra. E pois que a Deus graças, por muitas partes do mundo é notorio como vós por vossos grandes merecimentos e trabalhosos encargos, cobraste tanta honra, que não tão sómente ao mais poderoso rei do mundo poderia abastar, mas ainda tres ou quatro seriam d'ello contentes, assim, senhor, me parece vossa ida escusada, se vossa mercê fôr, cá sobre todo deveis de consirar na edade em que sois, a qual creio que é pouco menos de cincoenta e dois ou cincoenta e tres annos, e como toda vossa mancebia despendentes em trabalhos por

defensão e acrescentamento de vossos reinos, a qual cousa prouve a Deus de vos poer em termo e fim bemaventurado. E pois a Elle prouve de assim ser, mais honesto e mais rasoado é que os annos que vos derradeiramente ficam pera viver despendaes em corregimento de vossos reinos e emenda de vossos pecados, porque assim como a Deus prouve de vos honrar o corpo em este mundo, que assim vos honre a alma no outro, antes que moverdes agora novas pelejas, das quaes se pode seguir por ventura que ainda que depois queiraes assocegar, o não possaes fazer, porque os feitos se aquecem muitas vezes por tal guisa que com umas guerras se começam outras, e são similhantes ao fogo que os lavradores põem aos matos, os quaes pensando queimar uma pequena mouta queimam suas sementeiras. E deveis ainda consirar como todas as honras d'este mundo caem ao ponto d'uma só hora, e por uma mui pequena desaventura perdem os homens mui grande parte de suas honras passadas, porque toda a boa andança dos homens commummente se julga pela fim: cá em nenhuma d'aquellas cousas que os homens esperam n'este mundo, não responde menos a sorte e a fortuna que os feitos das pelejas.

Porém de nossos filhos irem e cometerem qualquer cousa que lhe vós ordenardes, a mim me parece que é bem, e que vós fiqueis em vosso reino, e aquecendo, o que Deus não queira, que seus feitos não succedam segundo sua vontade e nossa, melhor é que vós tenhaes com que os vingar ao depois, que a contraria fortuna abranger assim a vós, como a todas as grandes pessoas do reino, cá necessario será se vós fordes, que não fique nenhuma pessoa no reino notavel sem vosso grande constrangimento. E assim, senhor, que

minha tenção é ser melhor ficardes, que por nenhuma cobiça de honra vos moverdes de partir de vosso reino.

«Todas vossas razões, senhora, disse el-rei, são pera consirar quanto pertence a aquelle que se movesse por caso d'honra, o que certamente não é em mim, sómente me lembra como sugei meus braços em sangue dos christãos, o qual posto que justamente fizesse, ainda me parece dentro em minha consciencia que não posso d'ello fazer cumprida pendença, salvo se os mui bem lavasse no sangue dos infieis, cá determinado é na santa escriptura, que a perfeita satisfação do pecado, é cada um por onde peca, por alli haver a pendença.

Pois que pendença posso eu fazer, de quantos homens por mim e por meu azo foram mortos, senão matar outros tantos infieis ou muitos mais se poder por serviço de Deus e exalçamento da santa fé catholica? cá posto que eu quizesse fazer similhante emenda por orações ou esmolas, não me parece que haveria perfeita satisfação, pois a pendença é desegual do erro, cá o officio de rezar principalmente é dos clerigos e frades e outras pessoas religiosas, e a esmola que áquelles quizesse fazer, são dinheiros de minhas rendas, dos quaes eu não posso sentir mingua, pois de outra qualquer parte meu estado ha-de ser governado, e ainda me parece que seguindo este feito perfaço todas estas cousas, porque assaz de esmola será buscar dinheiros e mantimentos pera governar tantas gentes, como eu com a graça de Deus espero de levar a esta santa romaria.

Pois quanto ás orações parece-me que assaz será Deus servido de similhante modo quando por sua graça aquellas casas em que se agora serve e adora

o nome de Mafamede, cuja alma por seus justos merecimentos é sepultada nas funduras do inferno, forem acompanhadas de clerigos e religiosos, que de noite e de dia se sirva e adore o seu santo nome.»

«Quanto senhor, disse a rainha, ao serviço do Senhor Deus, eu não fallo nenhuma cousa, antes me praz e lhe dou muitas graças por vos poer em tal proposito, cá não poderei torvar nem ser contraria a nenhuma cousa que a seu serviço toque, e Elle que é sabedor de todas as cousas, sabe certamente que em minha vontade não está o contrario.»

CAPITULO XX

Como el-rei pelo presente não quiz declarar á rainha que elle havia d'ir em aquelle feito, e como logo mandou encaminhar as cousas que pertenciam pera a frota.

QUEM poderia ouvir aquellas palavras, que entre aquelles senhores passavam, que não houvesse extremada folgança? por certo bem disse Salomão em seus proverbios que a maior parte da bemaventurança d'esta vida, pera ter qualquer homem, está em ter boa mulher, nem el-rei foi pouco ledo d'ouvir assim aquellas palavras á rainha, das quaes em sua vontade foi muito contente, empero não quiz determinar sua ida, consirando que se a rainha determinadamente soubesse que elle havia d'ir, que se lhe

recresceria mór trabalho de espirito, da qual cousa se lhe poderia seguir algum damno pela fraqueza de sua compreição, mas a ida de seus filhos ficou logo posta em determinação, e logo el-rei começou de encaminhar avivadamente o corregimento que pertencia pera sua ida, e a primeira cousa que logo mandou fazer foi provimento de suas tercenas, pera saber parte dos navios que tinha, e como eram repairados; mandou logo trigosamente cortar madeira pera refazimento d'algumas galés e fustas que lhe falleciam, pera comprimento do numero que elle entendia de levar, a saber, quinze galés e quinze fustas, e assim mandou logo apparelhar carpinteiros e calafates que obrassem nos ditos navios, e des-ahi guarnecimento pera elles com todas as outras cousas que lhe pertenciam.

Mandou mais el-rei apanhar quanto cobre e prata se pôde achar no reino, e assim mandou trazer outro de fóra, fazendo seu trato com os mercadores, pelo melhor modo que elle pode, em tal guisa que em mui breve tempo teve d'elle mui grande abastança, e João Affonso, vedor da fazenda, proveu logo todas as rendas da cidade e fallou com Ruy Pires do Landroal, que era thezoureiro da moeda, não lhe declarando porém o segredo, por tal guisa que lhe mandou que fizesse apparelhar as fornalhas todas da moeda, as quaes logo foram prestes, e despachadamente começaram de lavrar, e tanta trigança se punha n'aquelle lavramento, que tirando alguns dias de mui grandes festas, todos os outros continuadamente de dia e de noite lavravam.

Mice Carlos, o almirante, foi logo avisado por mandado d'el-rei que prouvesse todos os mareantes, cada um em seu estado, de guisa que despachadamente podesse fazer d'elles o que lhe el-rei mandasse.

Gonçalo Lourenço de Gomide, que era escrivão da puridade, mandou logo fazer cartas em nome d'el-rei pera o escrivão dos maravedis, e assim pera todos os coudeis e anadeis dos besteiros do reino, que fizessem logo seus alardos e lhe enviassem os cadernos d'elles, onde quer que elle estivesse, nos quaes declaradamente fossem escriptas as edades das pessoas e corregimentos que tinham pera serviço d'el-rei.

Mas quem poderia escrever a multidão das sentenças que se davam sobre aqueste feito, cá o rumor do povo era mui grande vendo o abalamento d'estas cousas, e posto que cada um em sua parte se trabalhasse de esquadrinhar aqueste segredo, não havia ahi algum que certamente soubesse determinar o logar pera onde aquelle corregimento era, e as sentenças que se davam ácerca d'ello leixamos pera outro capitulo, porquanto aquellas cousas não se faziam ainda tão trigosamente, como se ao deante fizeram, e deveis de saber que a diligencia que el-rei mandou poer na moeda e rendas, foi por não lançar pedidos, a qual cousa fez a dois fins.

A primeira porquanto aquelle feito principalmente era movido por serviço de Deus, e não queria el-rei que pessoa alguma de seu reino tivesse azo de receber algum escandalo. A segunda era porque se houvera de lançar pedidos, fôra necessario de fazer ajuntamento de côrtes, nas quaes de necessidade se houveram de declarar algumas congeituras, ou partes do feito, por tal guisa que se poderia entender a verdadeira determinação que el-rei sobre esto tinha.

Em este corregimento e cousas que el-rei assim mandou fazer, se pozeram bem dezoito mezes, no qual espaço os infantes fallaram a seu padre, pedindo-lhe por mercê que quizesse poer maior trigança n'aquelle

feito, cá posto que el-rei muito trabalhasse, a elles não parecia tanto que nas cousas que homem muito deseja, quando está em esperança de as cobrar, nunca o espaço pode ser tão pequeno, que lhe não pareça grande, e além d'esto uma das propriedades dos homens mancebos, segundo declara frei Gil de Roma, por authoridade do philosopho, na terceira parte do segundo livro do Regimento dos Principes, e Paulo Virguerio na Ensinança dos Moços Fidalgos, é serem trigosos e arrebatados em seus feitos, e esto por razão do esquentamento do sangue, que em elles naturalmente é n'aquella edade, e tanto lhes parecia aos infantes que esta cousa se fazia de vagar, que disseram a seu padre que pensavam que elle queria cessar do proposito que com elles determinára.

«Bem sabeis, disse el-rei, como antes que fallassemos á rainha, vos disse que não podia em este feito fazer nenhuma cousa que a primeiramente ella e o Condestable não soubessem, e pois da rainha houvemos seu prazimento, convem que fallemos ao Condestable, por cuja razão não posso mais trigosamente despachar meus feitos pera aviar o que me é necessario.

Os infantes disseram que era mui bem que sua mercê encaminhasse como se logo pozesse em obra de fallar ao conde, porque ao deante tivesse certa determinação do que haviam de fazer.

CAPITULO XXI

Como el-rei e os infantes determinaram a maneira porque se havia de fallar ao Condestable n'aquelle feito, e como lhe foi fallado e por que guisa.

EL-REI e os infantes eram áquelle tempo em Santarem, quando estas cousas entre elles foram falladas, onde determinaram que este feito não fosse fallado ao Condestable por escripto nem mensageiro, mas el-rei lh'o dissesse pessoalmente, e que pera isto se fazer mais fóra de suspeita, que o infante D. Duarte e o infante D. Henrique partissem logo caminho de Riba d'Odeana levando comsigo monteiros e caçadores que andassem assim despendendo dois ou tres mezes em seus desenfadamentos, até que el-rei e o infante D. Pedro passassem o Tejo, e se fossem chegando contra algum logar que fosse mais acerca d'onde quer que o Condestable entonce estivesse.

O infante D. Duarte avisou logo seus officiaes que se fizessem prestes pera continuarem seu caminho, e escreveu a Martim Affonso de Mello, porque era um fidalgo grande caçador e monteiro, fazendo-lhe a saber como elle e o infante D. Henrique seu irmão iam a folgar contra aquella parte, porém que lhe rogava que elle estivesse prestes com suas aves e cães, e isso mesmo avizasse a quaesquer pessoas que sentissem que tinham disposição para ello.

E logo os infantes partiram sem toda a sua gente

entender o tal segredo, sómente no monte e caça, e entretanto el-rei esteve em Santarem até que lhe pareceu que era tempo de partir, e tanto que se passaram dois mezes, logo na segunda semana do terceiro mez el-rei fez encaminhar sua partida, e por sua tenção ser melhor dessimulada, disse um dia contra o infante D. Pedro, de maneira que todos ouvissem.

«Já agora vossos irmãos cuidaram que não ha mais na caça nem no monte, que quanto elles sabem, empero meu filho, ainda eu quero vêr se lhe posso levar avantagem, porque vós outros mancebos, pensaes que nós, os velhos, não sabemos as cousas tão perfeitamente como vós, mas prazendo a Deus nos partiremos d'aqui e iremos vêr estes montes, onde eu achei muitas vezes mui grandes porcos, e se a Deus prouver de nos deparar cousa em que nos desenfademos, porém podemos vêr quando nos ajuntarmos quaes foram melhores monteiros.

Aquelles senhores e fidalgos que eram com el-rei, começaram muito de departir n'aquella montaria, de guisa que todo entendimento da côrte, não era por entonce em outra cousa senão em corregimento pertencente pera aquelle caminho.

Partiu-se el-rei logo d'aquella villa de Santarem, e o infante D. Pedro com elle, e correram logo aquella ribeira de Mugem, e des-ahi foram-se á ribeira de Sôr, que é acerca de Coruche, e repousaram alli algum pouco, por quanto o Condestable a aquelle tempo estava em Arrayolos, e encaminharam sua ida contra Montemór, e esto mui de vagar, e antes que partisse d'aquella ribeira de Sôr, disse el-rei contra o infante:

«Certamente eu acho já agora minha casa desfeita de bons cães, especialmente de alões, cá me parece que estes que trago, ou é porque os mais d'elles não

foram ainda encarniçados, ou porque por ventura não são bons de sua natureza, ou porque não tem conhecimento das matas d'esta terra, como tem das outras da Extremadura, onde foram criados.

«Pois, disseram alguns dos que alli estavam, senhor, seria bom mandardes de vossa parte saber a casa d'alguns fidalgos d'esta comarca, se tem alguns cães que vol-os enviem, especialmente pera aquella ribeira de Laver, em que sempre sois de achar grandes porcos e bons.

«Não parece que aproveitara, disse el-rei, por quanto o mestre d'Aviz que é um homem que sempre tem muitos e bons, sei que será já com meus filhos, ou lhe enviariam pedir os melhores cães que tivesse, cá assim fizeram a Martim Affonso de Mello, mas entendo, disse elle, que o Condestable terá algum bom, que nos possa enviar.

— Se vossa mercê fôr, disse o infante, escrever-lhe-hei eu, porquanto me vem mais a geito que a vossa mercê, por eu ser alongado de minhas terras, e vir á côrte desapercebido de similhantes desenfadamentos.

El-rei disse que era mui bem consirado, e todos os outros assim disseram, como se commummente faz ante os senhores que qualquer cousa que dizem em louvor ou doesto, todos conseguem seu proposito, e tanto se poz esto em uzança em nossos dias, que alguns fundando sobre ello interesse, filhavam similhante geito por officio, mas o que d'ello se seguiu fallaremos ao diante, depois do acabamento d'estas cousas, passando primeiro pelos feitos do reinado d'el-rei D. João e D. Duarte, porquanto em seus dias nenhum d'aquestes achámos que ante sua presença houvesse avantajado favor.

Ora tornando a nosso proposito, o escrivão foi

logo chamado, ao qual foi logo mandado que fizesse uma carta em nome do infante D. Pedro, pera o Condestable, na qual depois de suas encommendas lhe fazia saber como el-rei seu padre e elle eram partidos de Santarem com intenção de se desenfadarem por aquelles montes, e que porquanto elle viera de suas terras á côrte aforrado mais com intenção de desembargar seus feitos, que d'andar a monte, que lhe rogava que se tivesse um bom alão de filhar, que lh'o enviasse, porquanto os que seu padre trazia não eram taes que entre elles houvesse algum especial.

Esta carta foi logo feita e assignada, e o moço da estribeira prestes pera a levar, mas foi necessario levarem-na ainda á camara do infante pera lhe elle poer o sinete, e esto era porque além d'aquelles sellos que o seu escrivão trazia, costumava elle sempre trazer um com que sellava algumas cartas especiaes, que a ello prazia, e ao tempo que lhe houve de poer aquelle sinete, teve tal modo, que fez um escripto por sua mão mui secretamente, no qual fazia saber ao Condestable como el-rei seu padre era necessario fallar com elle algumas cousas sustanciaes e de grande segredo, porém que lhe encommendava que dissimulasse por alguma boa maneira, como bem podesse chegar a Montemór, onde el-rei seu padre logo havia de ser, a qual carta assim enviada, vendo o Condestable a alma que em ello vinha, como sages e discreto, calou mui bem aquelle segredo, fazendo ao moço algumas perguntas mui alongadas d'aquelle proposito, s. pela saude d'el-rei e de seu filho, e desahi dos desenfadamentos que trazia em suas montarias.

«Sei, disse elle, que el-rei meu senhor houve novas da boa esquença de seus filhos, que cá traz em seus montes, e quiz vir tomar sua parte, por lhe elles não

levarem avantagem, mas muito me peza porque não tenho agora taes cães com que lhe possa fazer serviço, empero entre estes que tenho, será buscado o melhor pera serviço do senhor infante D. Pedro, que m'o envia pedir; des-ahi fez logo fazer a resposta assim de praça, como o infante fez a que lhe enviou, dizendo que de seus desenfadamentos lhe prazia muito, mas que lhe pezava por não ter cousa especial, como elle desejava, pera lhe fazer serviço, empero que dos alões que havia em sua casa, lhe enviava o melhor, e que lhe pedia por mercê que qualquer outra cousa em que elle entendesse que o poderia servir, não o houvesse d'ello por escusado.

El-rei fazendo assim sua viagem, chegou a Montemór, e tanto que o Condestable soube que elle alli estava, disse contra os seus:

«Pois el-rei meu senhor alli é tão perto, que não são mais de tres leguas, ainda que grandes sejam, desmesura será não ir eu fallar-lhe, havendo tanto tempo que o não vi; porém encaminhou logo sua partida e foi fallar a el-rei, e tanto que chegou lhe foi fallado todo o feito passado, dizendo-lhe el-rei, que posto que algumas cousas tivesse começado d'ordenar, que não era porém com determinação de o feito se poer em execução, até ser fallado com elle, porém lhe rogava que lhe dissesse o que lhe d'aquelle feito parecia.

—O que a mim parece, respondeu o Condestable, é que este feito não foi achado por vós nem por outra nenhuma pessoa d'este mundo, sómente que foi revelado por Deus, querendo-vos abrir azo e caminho pera que lhe fizesseis este tão especial serviço, pera que vossa alma ante Elle possa receber grande merecimento, pois que a Elle praz de o servirdes n'este

feito, não ha mais que esquadrinhar, cá assim como a Elle prouve de o trazer ante os olhos do vosso entendimento, assim lhe prazerá por sua mercê de o trazer a proveitoso fim, e vós por mercê não leixeis d'obrar em ello, de guisa que por vossa mingua não falleça nenhuma cousa do que pera similhante feito pertence.

Em esto chegaram os infantes D. Duarte e D. Henrique, d'onde andavam em seus desenfadamentos, e sem outra mostrança de conselhos nem de falla certa, sentiram a vontade do Condestable, e brevemente se partiram cada um pera sua parte, el-rei e infante D. Pedro pera Santarem e os infantes D. Duarte e D. Henrique pera Evora, e o Condestable pera Arrayolos.

CAPITULO XXII

Como el-rei começou de ordenar mais trigosamente sua ida, e como se os infantes tornaram d'Evora, e como se os infantes D. Pedro e D. Henrique partiram pera suas terras, e cousas que lá fizeram.

O espaço que os infantes estiveram em Evora, foi pouco, que tanto que souberam que seu padre era em Santaram, logo partiram d'aquella cidade e foram pera elle, onde seu ajuntamento não durou muito porque o infante D. Pedro e o infante D. Henrique se foram logo pera suas terras.

El-rei e o infante D. Duarte, ficaram alli dando

aviamento mais trigoso ás cousas começadas, do que se até hi dera.

O infante D. Pedro e o infante D. Henrique, tiveram tal maneira em seu caminho, que se o desenfadamento de Riba d'Odeana foi grande, aquelle não foi menos, cá tanto que chegaram a Coimbra logo o infante D, Pedro fez buscar quantos desenfadamentos se poderam achar pera folgança de seu irmão e sua, e com esto grande abastança de viandas, de que sempre foram governados emquanto estiveram pelas terras do infante D. Pedro.

Por similhante fez o infante D. Henrique, tanto que entraram na comarca da Beira, onde elle tinha seu senhorio.

Mais fez ainda o infante D. Henrique por acrescentar seus desenfadamentos, cá ordenou como se fizessem umas nobres festas em Vizeu, pera as quaes mandou convidar o conde de Barcellos seu irmão, com todos os senhores bispos, fidalgos e outros bons homens que havia em aquella comarca, aos quaes fez saber como aquellas festas se haviam de começar em vespera de Natal e haviam de durar até dia dos Reis, porém que lhe prouvesse de terem tal maneira em sua vinda, que aquelle tempo fossem alli ou antes, se o fazer podessem, por azo de suas apozentadorias serem melhor aviadas, e pera esto mandou o infante a Lisboa e ao Porto por pannos de sirgo e de lã, e brosladores e alfayates pera fazerem suas librés e momos, segundo pera sua festa realmente pertencia, e des-ahi foram buscadas viandas por todas as partes mais abastadamente do que se poderam achar.

Foram ali trazidas muitas cargas de cera, que se despenderam em muitas tochas, assim de servir como de danças, brandões e vellas e outros, em tamanho

numero que quasi seria impossivel de se poderem contar.

Alli foram outrosim de todas as viandas de assucar e conservas que se poderam achar no reino, em mui grande abastança, e assim de todas maneiras de especies e outras fruitas verdes e secas, que compraram pera a festa ser bem abastada, e tambem vieram alli muitas pipas de malvasia, com outros muitos vinhos brancos e vermelhos, assim da terra como de todas as partes onde os havia melhores, e quando veio a vespera de Natal, eram já todas estas cousas prestes, e assim muitos corregimentos de justas e outros arreios de desvairadas maneiras, e a cidade e aldeias de arredor eram todas cheias de gente, de guisa que parecia a alguns estrangeiros que por alli passavam, que aquelle ajuntamento não era senão côrte d'el-rei.

Em aquellas festas houve mui grande prazer, porque havia em ellas muitos senhores e grandes com muitas maneiras de desenfadamentos, e sobre tudo a abastança que era mui grande, de muitas deleitosas viandas, cá não se acha que em todos aquelles dias houvesse nenhum fallecimento porque aquella festa em alguma parte podesse ser abatida. E deveis saber que o infante D. Henrique foi um homem cujos feitos e estado entre seus irmãos teve maior avantagem de realeza, leixando o infante D. Duarte a que por direita successão convinha de o fazer, e como quer que se estas festas começassem com intenção de não serem em ellas outras pessoas de grande estado, afóra aquellas que já dissemos, o infante D. Duarte que estava em Santarem com seu padre, tanto que soube as novas d'aquelle ajuntamento, houve mui grande desejo de ser em elle, e logo como passou dia de Janeiro, houve licença de seu padre e escolheu seis fidalgos,

os mais gentis homens de sua casa, com algum outro pequeno corregimento, e assim aforrado partiu de Santarem, e trigou tanto seu andar que posto que os dias fossem pequenos e os caminhos maus, chegou a Vizeu a taes horas, que ouvio o officio de vespera dos reis com seus irmãos. Mas quem poderia dizer o acrescentamento da festa que aquelles senhores fizeram com sua vinda?

Ao outro dia houve justas mui grandes, nas quaes justou o infante D. Duarte e aquelles gentis homens que com elle vieram, e da outra parte justaram os infantes e os mais d'aquelles fidalgos e gentis homens que eram alli com elle, e todo aquelle dia se despendeu em justas e danças e outros desenfadamentos.

Alli houve momos de tão desvairadas maneiras que a vista d'elles fazia mui grande prazer a quantos alli eram, e ainda a muitos de fóra que o souberam.

E no dia seguinte disse o infante D. Henrique ao infante D. Duarte, seu irmão.

—Senhor, pois que foi vossa mercê virdes a esta terra aonde nós estamos, não como cortezãos, mas como homens que continuadamente seguiamos o monte, será vossa mercê filhardes uma libré das que aqui temos feitas pera nós outros os monteiros.

O infante disse que lhe prazia muito, a qual libré foi repartida por alguns d'aquelles fidalgos e gentis homens, e posto que ella não fosse de muito finos pannos, era porém desejada de muitos, porque não a dava senão a especiaes homens.

CAPITULO XXIII

Como os infantes foram a Santarem todos tres, e da maneira que tiveram em seu caminho, e do que fallaram a seu padre tanto que chegaram aonde elle estava.

ACABADAS assim aquellas festas, como tendes ouvido, partiram-se os infantes com seu irmão, caminho de Santarem, e o conde de Barcellos e os outros senhores e fidalgos se espediram d'elles e tornaram-se pera suas terras.

Os infantes todos tres tiveram entre si esta maneira, a saber: o infante D. Henrique fez a despeza a seus irmãos emquanto foram pela comarca da Beira, e o infante D. Pedro depois que foram na Estremadura, e o infante D. Duarte emquanto estiveram em Santarem, esto todo fizeram entre si tão abastadamente, que o segundo não estudava em al, senão como sobrepujaria ao primeiro, e o terceiro ao segundo, empero tão grandemente foi todo feito e ordenado, que não tinham em que levar vantagem um ao outro.

Ah! Deus, diz o auctor, e como posso eu fallar em estas cousas, que se me não demovam as entranhas da vontade, pera haver d'ello uma saudosa lembrança, que assim como os enfermos se deleitam em consirar os deleites da saude, e os velhos em contar os bons aquecimentos das cousas passadas, onde se acharam, não menos folgança sinto eu em mim em consi-

rar e saber as cousas d'aquelle tempo, e ainda que naturalmente todos os homens depois que passam as primeiras tres edades, doestam muito aquelle tempo em que são, dizendo que viram outro melhor mundo, prasmando o presente, buscando-lhe novas maneiras de faltas pera ajudarem seu proposito, segundo nosso entender não é tanto pela maldade das cousas d'aquelle tempo, como pela fraqueza de sua edade, cá certamente não se póde aquesto entender em mim, por quanto a minha edade não é similhante á d'aquelles que disse, nem a Deus graças, não sou assim apassionado por enfermidades porque me annoje a vida presente, sómente me despraz porque não vejo um tempo similhante áquelle, cá todos os senhores do reino n'aquelles dias amavam muito seu principe e o principe a elles, entre os quaes havia uns geraes desenfadamentos, e os cidadãos tinham entre si concordia e amisade.

Como os infantes chegaram a Santarem, foram recebidos de seu padre e de toda outra gentileza da côrte, com mui grande prazer e alegria e desenfadamento, e o infante D. Duarte, em cuja pessoa e casa entonce era a gentileza do reino, teve encargo de fazer a custa a seus irmãos, emquanto estiveram em aquella villa com seu padre, e como quer que elles assim andassem em suas folganças e desenfadamento, não perdiam porém cuidado de acabarem este feito em que tinham fallado, parecendo-lhe que se alongava mais do que seu desejo queria, cá segundo achamos desde que n'este feito primeiro foi fallado até aquelle ponto, eram passados melhoria de tres annos, e acordaram entre si de fallarem em ello a seu padre, o que assim fizeram, pedindo-lhe por mercê que poesse aquelle feito em algum certo termo pera elles

encaminharem seus feitos, segundo lhe pertencia. Ao que el-rei respondeu e disse:

— Esto não foi ainda fallado a nenhum dos do meu conselho, e tenho terminado pera o S. João, a Deus prazendo, fazer ajuntamento dos conselhos em Torres Vedras, onde entendo propôr este feito e determinar o termo certo em que com a graça de Deus hajamos de partir.

E porque era já na quaresma, partiram-se os infantes D. Pedro e D. Henrique, e foram-se pera Tentuguel, onde juntamente tiveram a quaresma. E porque nossos feitos de todo levem sua direita ordem, diremos aqui o que falleceu em est'outro capitulo passado, por accrescentar no aviso bom que el-rei teve em sua ordenança.

Onde é de saber que querendo el-rei chegar a Montemór, que era vespera de entrudo, houve novas como seus filhos em aquelle mesmo dia chegaram a Evora, e porque sentiu que elles não poriam grão tardança de vir a elle sabendo sua vinda, e que por azo do Condestable que ahi havia de vir, teriam alguma presumpção os seus, mandou-lhe logo dizer que sem alguma tardança partissem logo d'alli e tornassem a continuar sua montaria, cá posto que fosse quaresma, a mancebia relevava todo, e que depois que assim andassem alguns dias, tornassem pera Montemór. A qual cousa os infantes pozeram em obra, e logo a quarta-feira, acabado o officio da cinza, partiram caminho de Beja, cá o outro tempo andaram por Elvas e por outros logares de Riba d'Odeana, e tanto que assim passaram alguns dias, fizeram volta pera Montemór, e no caminho acerca de Portel, mataram um mui grande urso, que enviaram a seu padre, mandando-lhe dizer palavras graciosas, de que seu

padre houve grande prazer, e do que se entre elles mais passou, fica no capitulo antes d'este.

CAPITULO XXIV

Como el-rei mandou chamar os de seu conselho e como os infantes tornaram á côrte, e das cousas que o infante D. Henrique requereu a seu padre.

Gonçalo Caldeira sómente foi aquelle a que a puridade d'este segredo foi revelada, o qual era escrivão da camara d'el-rei, esto porque Gonçalo Lourenço, escrivão da puridade, cujo creado elle fôra, não podia por si só escrever tanta escriptura, como pertencia pera este feito, e porém foi revelado assim a aquelle por sentirem d'elle que era homem que o guardaria, certamente elle tomou d'elle tamanho cuidado, que posto que depois da tomada de Ceuta muitos annos vivesse, nunca houve homem que em ello lhe ouvisse fallar senão por grande ventura, e ainda o que fallava com muita cautella e temor.

A aqueste Gonçalo Caldeira foi dado carrego de fazer as cartas porque el-rei mandou chamar aquelles do conselho que haviam de ser com elle em Torres Vedras, e com todo esto el-rei não cessava de encaminhar seus feitos o mais despachadamente que podia, e passada a festa da Paschoa os infantes partiram de Tentuguel e foram-se pera Cintra, onde seu padre *estava* e tivera aquella festa, e outrosim o conde de

Barcellos e o Condestable e o mestre de Christus, e o mestre de Santiago, e o mestre d'Aviz, e o prior do Hospital, e Gonçalo Vaz Coutinho, e Martim Affonso de Mello e João Gomes da Silva, com todos os outros senhores e fidalgos que haviam de ser em aquelle conselho, vieram-se chegando pera aquelle logar onde lhes era mandado que viessem, e chegando-se o tempo assignado, el-rei partiu de Cintra e foi folgando por aquella comarca de Lisboa caminho de Torres Vedras, e antes d'esto chegando el-rei a Carnide, o infante D. Henrique que muito desejava por seu corpo fazer alguma cousa avantajada, chegou a seu padre e disse:

— Senhor, primeiro que por estes feitos mais vades adeante, porque com a graça de Deus vão já por tal via que virão a boa fim, eu vos peço por mercê que me outhorgueis duas cousas.

A primeira que eu seja um dos primeiros que filhe terra, quando a Deus prazendo chegarmos davante da cidade de Ceuta, e a segunda que quando a vossa escada real fôr posta sobre os muros da cidade, que eu seja aquelle que vá primeiro por ella, que outro algum.

El-rei olhou contra elle com continencia toda cheia de rizo e lhe respondeu por esta guisa:

— Meu filho, vós hajaes a benção de Deus e a minha por terdes tão boa vontade pera meu serviço e pera acrescentamento de vossa honra, empero pelo presente eu não vos respondo a nenhuma d'essas cousas, mas prazendo a Deus eu vos responderei a ellas em outro tempo mais pertencente pera se dar que agora.

Assim chegou el-rei áquella villa de Torres Vedras, onde se ajuntaram com elle todos aquelles senhores que foram chamados pera aquelle conselho, e antes

que se alguma causa fallasse, disse el-rei ao Condestable.

— Porquanto este feito é assim grande e arduo, eu sou em mui grande duvida de o mover a estes como por nova determinação, cá posto que eu verdadeiramente d'elles conheça que são todos mui bons e desejosos de meu serviço, acho porém que todos os homens tem cada um seu desvairo nas condições e virtudes, e que assim não são todos em um coração e vontade, e pode ser que poendo eu este feito determinadamente em seu juizo, que a similhança do perigo com mingua da fortaleza poderá poer em alguns taes duvidas, que leixando-lhes homem limar por razão, farão aos outros tamanho receio, que pode ser azo d'este feito se leixar de acabar, porém queria saber a maneira que vos parece que devo ter pera me poder segurar d'aquesta duvida.

— Senhor, disse o Condestable, vossa consiração me parece mui boa, mas o remedio pera ello me parece que será bem que vós não movaes esta cousa, como quem a move novamente, mas como cousa que tendes determinada por justa e boa, cá pois vosso principal movimento foi por serviço de Deus, a elle principalmente deveis leixar a determinação do conselho, e o que a vós pertence é firme proposito pera o poerdes em fim com a sua graça e ajuda, e o que a estes de vosso conselho quizerdes dizer não seja pera vos elles aconselharem se é bem de se fazer ou não, mas sómennte que lh'o dizeis por seu aviso e assim por vos elles dizerem e conselharem os melhores azos e caminhos porque este feito se possa acabar, e pera se esto melhor encaminhar, vós ordenareis que eu falle primeiro no conselho que outro nenhum, e eu *com graça* de Deus ordenarei melhor minha falla por

tal guisa que nenhum d'elles não haja rasão depois que eu fallar contradizer nosso proposito.

A el-rei prouve muito d'aquelle conselho, e mandou logo chamar seus officiaes, aos quaes mandou que fizessem prestes aquellas cousas que pertenciam pera corregimento da casa em que elle havia de ter seus conselhos, a qual era uma salla dianteira, que está em aquelles paços de Torres Vedras, onde está a capella, e foi todo assim corrigido como cumpria á excellecia de seu estado, a saber, o assentamento d'el-rei em meio e os bancos dos outros d'uma parte e d'outra, e o dia em que esto houve de começar, era uma quinta-feira, na qual el-rei e seus filhos ouviram uma missa do Espirito Santo officiada com grande solemnidade, por tal que a sua santa graça lhe podesse dar verdadeiro conhecimento de todo o que n'aquelle feito, por seu santo serviço entendia fazer, e d'alli por diante ficou a el-rei sempre por devoção a ouvir similhante missa cada semana em aquelle dia, não tão sómente elle, mas todos seus filhos o costumaram sempre em suas capellas emquanto viveram.

CAPITULO XXV

Como el-rei tomou juramento aos do conselho e porque guisa, e das palavras que lhe disse ácerca de seu proposito.

VINDA a hora em que aquelle conselho havia d'haver fim, juntos aquelles senhores e fidalgos em aquella casa, antes que el-rei fallasse nenhuma cousa do que desejava, disse:

PRATICA D'EL-REI AOS DO CONSELHO

Aquellas cousas soemos haver por fortes e asperas as quaes por algum aquecimento contra nosso desejo novamente acontecem, porque a uzança das cousas gera menos prazo d'ellas e a vós assim parecerá algum pouco grave esta novidade, que hora entendo fazer, a qual por ventura cuidareis que é feita com mingua de fiança ou com alguma nova suspeita que tenho contra algum de vós, ou por ventura contra todos, o que certamente não é assim, ante vos tenho por bons e leaes e amadores de minha honra e serviço, e assim conheço que fui sempre de vós lealmente servido e aconselhado, cá se assim fôra que eu de vós tivera duvida ou suspeita, bem podera buscar azo pera que vos affastára de meus conselhos, mas esto que eu faço é uma amoestação, á qual o pezo e grandeza do feito requer, e Nosso Senhor Deus quando foi a sua *transfiguração* em o monte Tabor, não houve por

mal de amoestar aquelles tres apostolos que apartou comsigo, que calassem o segredo d'aquella celestial visão, como quer que estes eram os principaes que elle tinha emquanto a humanidade do seio dos seus conselhos e por testemunhas de seus segredos.

Porém antes que nenhuma cousa falle comvosco d'aquello sobre que fostes aqui chamados, quero que me façaes preito menagem que guardareis fielmente todas as cousas que eu de presente comvosco fallar, e que as não direis a nenhuma pessoa por palavra nem por escripto, antes affastareis todo azo e geito porque nenhuma cousa que ao dito feito pertença, se possa saber nem entender.

Todos disseram que lhe prazia, empero cada um era duvidoso entre si, pensando que cousa podia ser aquella sobre que se fazia tão novo fundamento, entonce lhe deu el-rei juramento no Lenho da Vera Cruz, sobre o livro dos Evangelhos, que guardassem assim todo aquelle segredo como dito é, esto assim acabado começou el-rei seu proposito em esta guisa:

«Amigos, este dia foi sempre de mim muito desejado, ca bem sabeis quanto minha vontade sempre foi chegada ao amor de todos os christãos, e isto podeis claramente entender, consirando como havendo guerra entre mim e o reino de Castella, quantas vezes fui requerido d'el-rei de Grada offerecendo-me gentes pera me ajudar a destruir e damnificar meus contrarios, á qual cousa sempre eugeitei conhecendo que posto que me trouvesse proveito, que não era razão tomar tal ajuda, sendo elles inimigos da nossa Santa fé; outro sim fui d'elles requerido pera lhe dar de mim ou de meus reinos paz perpetua ou treguas por algum tempo, offerecendo-me por ello a meu serviço por suas cartas e recados, a qual cousa menos quiz

outhorgar, havendo tal amizade e concordia por má e deshonesta, e que sendo a elles favor, que é vituperio de nossa fé, pois ainda d'elles em este mundo, segundo sua tenção é por seu doesto, e sabeis outrosim, que em todos os feitos passados posto que por graça de Deus sempre houvesse victoria de meus inimigos, nunca em meu coração pude desejar outra cousa, senão paz, não que esta cobiça houvesse por me haver por cançado de similhantes trabalhos, mas por me lembrar que eram christãos, cujo damno eu muito sentia, e como e quantas vezes eu esta paz desejei e busquei com elles, manifesto é ante o conhecimento de vós outros, e porque Nosso Senhor Deus verdadeiramente conhecia o meu desejo e com que intenção me movia a requerer a dita paz, prouve-lhe por sua mercê de a trazer a este fim que sabeis, a qual cousa eu não tive nem tenho por menos victoria do que tive o vencimento da batalha real, na qual se determinou grão parte de nossa duvida, e porque n'aquelles tempos passados eu semprs desejei de fazer um tal serviço a Nosso Senhor Deus, por cujo grande trabalho e perigo podesse satisfazer por merecimento alguma offensa se a contra sua vontade, por mim ou por meu azo tivesse feita, e trazendo assim este cuidado, muito a meude revolvia meu entendimento, esquadrinhando onde, ou como lhe poderia fazer aquelle serviço.

Empero não me podia vir á memoria logar azado em que o podesse fazer, e porque eu podesse entender que o meu trabalho e esquadrinhamento era de pouca sustancia e valor ante a sua perfeita e mui alta sabedoria, mui ligeiramente me apresentou ante a imagem do conhecimento, por azo não maginado nem pensado, como lhe este serviço perfeitamente poderia

fazer, filhando a cidade de Ceuta, mostrando-me logo certos azos e caminhos porque mais ligeiramente poderia acabar meu desejo, e porque sento e soube a grandeza d'aquella cidade e a multidão de gentes que em ella moram, e consirando outrosim como é nas partes d'além d'este nosso mar, retive assim este segredo sem vol-o divulgar, por duas causas, a primeira por saber se teria pejo no aviamento de meu feito, quanto as pazes de Castella, a segunda por haver certo conhecimento se haveria alguns impedimentos em minha passagem, e ora que já de todo sou avizado, fiz-vos ajuntar aqui por duas cousas.

A primeira por me ajudardes a dar graças a Nosso Senhor Deus, que me tão boa e tão honrada cousa trouxe a mão em que o podessemos servir, o que deveis fazer com muito boa vontade, porque todos os que aqui estaes fostes commigo n'aquelles meus primeiros trabalhos, por cuja razão eu sou muito ledo de haverdes isso mesmo commigo parte em qualquer cousa que eu faça, por salvação de minha alma.

A segunda pera receber de vós aviso e conselho como melhor e mais proveitosamente possa cobrar a fim do dito feito, e ainda a terceira, por vos avizar que vos façaes prestes das cousas que vos forem necessarias pera corregimento de vosso ida.

CAPITULO XXVI

Como o Condestable respondeu primeiro n'aquelle conselho, e das razões que disse, e como o infante D. Duarte e seus irmãos responderam, e porque maneira.

Posto que el-rei despendesse pouco tempo em aprender sciencia, todas suas palavras porém eram ditas com mui grande auctoridade, tanto que elle assim teve acabada sua razão, a primeira voz, que devera ser do infante D. Duarte, ficou ao Condestable, segundo por el-rei fôra ordenado, tendo-se tal maneira, que nenhum dos outros podesse entender que era feito de certa sabedoria, e como quer que o Condestable fingidamente refuzasse muito de o fazer, empero houve-o de fazer por rogo do infante, aprofiando sobre ello primeiramente algum pouco, aqui haveis de saber que sempre até aquelle tempo se acostumava nos conselhos dos reis fallarem primeirameiramente as maiores pessoas e des-ahi as outras, descendo cada uma por seu grau até á mais pequena, e d'alli avante ficou em uzo de fallarem primeiro as mais pequenas, e por similhante subirem ordenadamente pera cima, até chegarem á maior, a qual certamente é uma mui boa maneira pera todos os conselhos dos grandes senhores, posto que quando as maiores pessoas fallam primeiro, as mais pequenas tomam receio de contrariarem o que as maiores disseram, ainda que lhe pareça o contrario.

«Que argumento de palavras, senhor, respondeu o Condestable, posso eu fazer, nem outra alguma pessoa que aqui seja em vossa presença dirá que pareça razoada, sómente dizer-vos com o propheta, isto é feito do Senhor e é maravilhoso ante os nossos olhos, nem vós não queiraes metter este feito no conto dos outros, porque as outras cousas, sobre que vós filhaveis conselho, ainda que justamente o fizesseis, era porém pera buscar certos caminhos porque mais ligeiramente se podessem segurar vossa vida e honra, e assim de vossos sujeitos e naturaes, mas este feito sómente pertence ao serviço de Deus e salvação das almas, vossa e d'aquelles que vos em ello servirem, e quanto a alma é mais nobre que o corpo, tanto Nosso Senhor Deus toma maior cuidado de endereçar os conselhos d'aquelles que se movem pera sua salvação.

Porém eu não tenho nem sinto outro conselho que vos em ello dar, sómente que o carrego d'este feito principalmente leixeis a Deus, remerecendo-lhe o cuidado que teve e tem de vossa salvação, e eu de minha parte ponho lei a mim mesmo de lhe dar muitas graças por ello, pela parte que a mim acontece, e assim como vos servi em todas as outras cousas, assim vos servirei em esta ora, e ainda quanto a cousa é melhor e mais proveitosa, tanto porei em ello mór vontade e diligencia».

E acabando esta palavra se alevantou d'onde estava e foi poer os joelhos ante el-rei, e em lhe beijando a mão disse: eu vos faço esta reverencia, tendo-vos muito em mercê de me azardes cousa em que vos sirva em meu officio de cavallaria em que me Deus por sua mercê poz, sendo cousa tanto de seu serviço.

Depois que o Condestable acabou estas razões, fallou o infante D. Duarte por esta guisa:

«Pois que o Condestable que é um homem que foi em tantas e tão boas cousas, por seu corpo, onde ganhou tantas e tão grandes honras como tem por seus merecimentos, ha por tão bom vosso proposito e fundamento, não achando contradicção alguma, que posso eu hi dizer, que ainda por mim não fui em nenhuma cousa perigosa nem de temor, sómente folgar muito por me Deus trazer em que possa fazer de minha honra, e por ello dou muitas graças a Deus, e a vós senhor tenho em grande mercê por vos prazer de aviar cousa em que vos possa servir com tanto serviço de Deus e accrescentamento de minha honra.

E em acabando estas palavras, alevantou-se em pé e foi beijar a mão a seu padre el-rei, e por similhante maneira fizeram seus irmãos de cujas palavras não curamos fazer expresa mensão, porque commummente todas faziam a este proposito.

Ora qual pensaes que havia de ser nenhum dos outros, por ouzado que fosse em fallar, que tivesse atrevimento de contradizer o fundamento d'aquelle proposito? cá não entendaes que ainda que a intenção d'el-rei fosse tão boa como era, que ahi não houvera alguns debates, sobre que se poderam seguir algumas razões, se aquella maneira não fôra primeiramente consirada, porque assim como Nosso Senhor poz grande desvairo nas continencias dos homens, assim lhe prouve que nos entendimentos fossem deseguaes, e dizem os antigos que esta sómente é aquella cousa que no mundo foi melhor repartida, porque nenhum homem não tem tão pouco sizo, que se d'elle não contente sem cobiça da vantagem que d'outrem co*nheça, empero* foi requerido áquelles que dessem suas

vozes, cada um segundo melhor entendesse, mas não houve ahi algum que soubesse dizer o contrario.

Mas João Gomes da Silva, que era um homem forte e ardido, cujas palavras sempre traziam jogo e sabor, levantou-se em pé.

«Quanto eu senhor, disse elle contra el-rei, não sei al que diga senão ruços além, e esto dizia porque el-rei e os mais dos que alli estavam tinham já as cabeças cheias de cans.

El-rei e todos os outros começaram de se rir, e assim folgando, fizeram fim de suas fallas, quanto áquelle proposito.

CAPITULO XXVII

Como el-rei teve conselho sobre o encobrimento d'aquelle proposito, e como foi determinado que mandasse desafiar o duque d'Olanda, e da maneira que el-rei teve n'aquelle desafio.

Sobre estas cousas passadas, teve el-rei seu conselho porque maneira poderia melhor encobrir o avisamento de sua frota, porque todos tivessem em ello olho e perdessem o cuidado d'inquerir a certidão d'aquella viagem, e pera esto foi achado um mui proveitoso remedio, a saber, que o duque d'Olanda fosse logo desafiado, e pera esto ordenaram que Fernão Fogaça, que era vedor do infante D. Duarte, fosse portador d'aquelle desafio, e alli ficou

logo determinado que pera o outro S. João, que seria d'alli a um anno, fossem todos prestes, cada um onde houvesse de embarcar, e feita a embaixada que Fernão Fogaça havia de levar, foi logo despachado, de guisa que em breve tempo fez sua viagem, e tanto que chegou a casa do duque, fez-lhe saber como elle era alli enviado por parte d'el-rei D. João de Portugal, segundo lhe d'ello fazia certo por sua carta de crença, porém que lhe pedia por mercê que lhe assignasse tempo em que lhe podesse dizer cumpridamente sua embaixada.

O duque respondeu que elle se fosse por entonce pera sua pousada e que elle consiraria quando podia ser despachada, e que lh'o faria a saber.

Fernão Fogaça tanto que foi na pousada, mui secretamente fez saber ao duque como lhe era muito necessario de lhe primeiro fallar apartadamente, porquanto aquello que lhe entonce havia de dizer, era principal causa de sua vinda, e o que lhe depois havia de dizer de praça, era cautelosamente por melhor encobrimento de seu proposito.

Ao duque prouve muito de fazer seu requerimento e assim encaminhou como secretamente lhe desse audiencia, e tanto que Fernão Fogaça foi com elle, disse-lhe:

«Senhor, vossa mercê poderá bem saber como el-rei D. João de Portugal meu senhor, se faz ora prestes com todos os senhores de seu reino pera fazer um grande feito por serviço de Deus e accrescentamento de sua honra, e esto é que elle entende este anno seguinte d'ir sobre os inimigos da santa fé, e porquanto a elle prazerá muito de sua verdadeira intenção ser encuberta pera maior descuido dos ditos infieis, acordou *de* vos mandar desafiar, porque os que vissem

assim este corregimento, não tinham azo de suspeitar a certeza do que elle deseja, porém vos roga que vos praza receber este desafio como mostra de o haver por firme, pera cuja confirmação façaes alguma maneira de apercebimento, e que prazerá a Deus que lhe trará alguma cousa á mão pera accrescentamento de sua honra, em que elle vos poderá mostrar o agradecimento de vossa boa vontade e despeza que em vosso apercebimento fizerdes.

O duque respondeu que agradecia muito a el-rei de o querer fazer sabedor de tamanho segredo, o qual lhe certificava que elle o guardasse mui bem, e esto dizia o duque porque Fernão Fogaça lhe contou toda a verdade do feito, e que quanto era ao desafio, que daria acerca d'ello tal maneira, que elle houvesse por bem empregado o atrevimento que em elle tivera.

Tornou-se Fernão Fogaça pera sua pousada, e o duque ficou-se em seus paços, e a cabo de dois dias lhe mandou dizer que tivesse paciencia, porquanto elle queria mandar chamar seus conselheiros, em cuja presença queria ouvir a sustancia de sua embaixada, ca bem era de presumir, que um tão honrado principe, como o era el-rei D. João, não poderia a elle enviar senão cousa de grande pezo e auctoridade, e porém mandou logo o duque fazer suas cartas pera todos aquelles grandes senhores de sua terra, em as quaes lhe fazia saber como alli estava um embaixador d'el-rei D. João de Portugal, o qual lhe trazia uma embaixada, porém que lhes mandava que trigosamente fossem com elle, porquanto não entendia de ouvir d'ella nenhuma cousa fóra da sua presença.

Em esto fazia o duque duas cousas mui sages, a primeira fazia entender a aquelles que os tinha em grande conta, pois não queria ouvir similhante cousa senão

em sua presença, a segunda fazia grande serviço a el-rei, porque estando alli aquelles ao tempo do seu desafio, seria azo de ser divulgado com maior auctoridade e firmeza.

Depois que tudo foi prestes e o duque posto em seu estrado, fez chamar Fernão Fogaça, e lhe mandou que dissesse todo o porque alli fôra vindo.

«Senhor, disse elle, o muito alto e muito poderoso principe el-rei de Portugal D. João meu senhor, vos envia dizer por virtude da carta de crença a vossa mercê apresentada, que a elle são por muitas vezes feitas grandes querelas e queixumes por seus subditos e naturaes, de muitos roubos e damnos que lhe os moradores de vosso senhorio hão feito e fazem cada dia, não querendo leixar passar livremente as mercadorias dos ditos seus naturaes pelos mares e portos do vosso senhorio, e ainda por outros de fora, onde elles podem abranger, fazendo-lhe represalias injustas e não certas, sobre as quaes se hão socorrido a vossa mercê pedindo-vos direito e justiça, pois aquelles damnadores em o dito tempo eram vossos subditos e naturaes e habitantes em os ditos vossos senhorios, e vós poderoso de os castigar e corregir, na qual cousa não quizestes prover com justiça, antes pozestes os negocios em dilações transitorias, sobre o qual os ditos damnificados se tornaram a elle, não achando em vós satisfação nem justiça, no que se mostra vós dardes a ello favor e consentimento. Quanto mais que ainda se tem por certo que vossos officiaes em vosso nome receberam os direitos das mais das ditas cousas, no que se mostra vós dardes a ello favor e consentimento, porém sua alta senhoria, querendo prover sobre as ditas cousas vos requer que façaes logo emenda d'ellas com satisfação perfeita, cá de outra

guisa elle ha por desafiadas todas vossas terras com vossa pessoa e senhorio, pera fazer em ellas guerra por mar e por terra, e que porém vol-o faz a saber por serdes avisado de sua parte, como pertence a sua alteza de vos avisar em similhante caso.

Grande queixume mostrou o duque ouvindo assim aquella embaixada, e todos os outros que eram com elle por similhante guisa ficaram mui espantados, e entonce mandaram a Fernão Fogaça que se sahisse fóra da casa pera elles fallarem em aquelle feito.

O duque mostrava todavia que não podia haver nenhuma paciencia, dizendo que não tão sómente el-rei de Portugal, mas toda a Hespanha, não temia nenhuma cousa, e deveis de saber que esta desafiação trazia mui justa côr, porque certo era que os naturaes d'aquelle ducado faziam mui grandes roubos no mar em os navios d'estes reinos, mas tanto aproveitou aquella embaixada que já mais nunca se fizeram como se antes faziam, principalmente porque o duque ficou muito amigo d'el-rei, por aquella fiança que em elle tivera.

Alguns d'aquelles conselheiros houve alli que disseram que seria bem de o duque enviar a el-rei sua resposta branda, porquanto disseram elles:

«Senhor, este rei de Portugal é um homem forte e ardido e bem esquençado, e todos seus naturaes são homens que hão uzado as armas e estão agora bravos e orgulhosos pelas grandes victorias que houveram contra o reino de Castella, e sobre tudo el-rei é um homem que viu já muitas cousas, e posto que vos ora assim este recado enviasse, certo é que já terá todos os seus feitos corregidos, e antes que vos vós possaes aperceber, virá sobre vós com todo seu poder, cá bem ha dois annos, disse um d'elles, que eu ouvi a um

mercador que vinha de Bruges, que ahi novas eram que el-rei fazia repairar sua frota e mandava fazer outra de novo, com outros grandes corregimentos de guerra, de que se percebia caladamente, e pois elle tem pazes feitas com Castella, bem se mostra, segundo este recado, que a vossa honra se fazia toda esta festa, e por mercê não queiraes que pelo mal que quatro ladrões de vossa terra podem fazer e querem meter vossa pessoa e senhorio em prova não certa, ca esta experiencia não se deve fazer senão sobre os derradeiros remedios, pois em ella pende a honra e a vida.

Outros houve alli que razoavam pelo contrario, mas o duque todavia não podia abrandar de seu queixume; entonce fez chamar Fernão Fogaça, e com continencia mui aspera, começou de lhe dar sua resposta em esta guisa.

«Segundo parece este vosso rei ficou assim posto em orgulho dos bons aquecimentos que houve nos tempos passados contra seus visinhos, empero pois sesudo é, deve consirar que não morrem todos de sob uma massa, e que em este meu senhorio, assim ha homens que sabem o officio da cavallaria, como no seu, e que não tem menos vontade de me servir, que os seus tem a elle, porém vós lhe dizei que a mim praz muito de sua vinda, e que elle me achará prestes quando vier, e que lhe faço certo que o vá receber a qualquer logar onde sua frota vier portar.

E pera esto lhe mandou fazer sua carta de crença, e des-ahi mandou que se partisse quando quizesse, mas depois que foi noite mandou o duque por Fernão Fogaça mui secretamente, dando-lhe suas encommendas mui graciosas pera el-rei, com outras muitas palavras de regradecimento, e sobre todo fez-lhe mercê

e mandou que se tornasse muito embora pera seu reino, nem Fernão Fogaça não ficou tão simples que lhe mui bem não soubesse agradecer com suas boas palavras pela parte d'el-rei seu senhor toda a boa maneira que elle em aquelle feito tivera, e assim fez fim de sua embaixada.

CAPITULO XXVIII

Como Fernão Fogaça tornou com a resposta de sua embaixada, e como se as cousas passaram acerca do corregimento da frota emquanto elle fez sua viagem.

BEM mostrou o duque d'Olanda que tinha vontade de fazer prazer a el-rei, porque tanto que o embaixador Fernão Fogaça partiu fez logo saber a todos os logares de seu senhorio como por certos recados que havia d'el-rei de Portugal, era necessario de ser prestes, porquanto o mandara desafiar, e assim começou de se correger d'algumas cousas, de maneira que em todo seu senhorio não podiam al entender, senão que todavia tinham guerra aberta com Portugal.

El-rei, depois que Fernão Fogaça partiu, começou muito mais trigosamente de correger todas as cousas que lhe cumpriam pera bom aviamento de sua partida.

Mandou logo fazer prestes certos escudeiros com suas procurações abastantes, os quaes mandou por toda a costa de Galliza e de Biscaya e a Inglaterra e Alle-

manha, fretar navios grossos, quantos se podessem achar, a qual cousa não era, senão um manifesto pregão que corria por muitas partes da christandade d'aquela armada que el-rei assim fazia, e porque as novas de longe sempre fazem a cousa maior do que é, posto que o corregimento d'el-rei fosse mui grande, ainda a fama era maior.

E em se corregendo estas cousas e outras muitas, sobrechegou Fernão Fogaça com seu recado, do qual muito prouve a el-rei, e mandou que se divulgasse por todo o reino que os principaes capitães d'esta armada haviam de ser os infantes D. Pedro e D. Henrique, mas não quiz que se vulgasse determinadamente que haviam de ir sobre o duque d'Olanda, empero que em sua vontade bem lhe prazia que o cressem assim todos, porque similhante maneira de encobrimento fazia parecer a cousa mais certa a aquelles que o presumiam, e ainda que se determinadamente dissesse, não leixaram alguns de conhecer que a disposição d'aquella terra não requeria taes arteficios como el-rei ao presente mandava fazer, e consirando em ello poderiam conjecturar outra mais certa determinança, e tinha el-rei esta maneira, que quando lhe fallavam n'aquella ida, assocegava sua continencia por tal guisa, que lhes fazia entender que não era aquelle o logar certo pera onde elle fazia seu percebimento, e d'outra parte movia questões e fazia perguntas e figuras que queriam representar a conquista d'aquella terra de que elle desejava que se prezumisse.

Ora que seria que estando el-rei com estes ciumes d'aquelle segredo, chegou um homem pera arrecadar seus feitos, e trouxe-lhe a cidade de Ceuta toda debuxada, assim perfeitamente como ella está, e como quer que aquelle homem similhante intenção não trouvesse

de suspeitar alguma cousa d'aquelle segredo, foi el-rei posto em grande trabalho entre si, pensando mesmo que sua vontade era descuberta por presumpção d'alguns, a qual moveu aquelle homem de lhe trazer aquella figura parecendo-lhe que lhe prazeria com ella, segundo o desejo que tinha, empero el-rei teve tal avisamento ao tempo que lhe assim aquello foi apresentado, que não fez demonstração de nenhum contentamento, nem ainda, segundo cremos, fez nenhuma conta de similhante figura, antes a menos prezou de todo.

Bem poderemos certamente entender, que a vontade de Deus era de encaminhar todavia como el-rei houvesse a victoria d'aquelle feito, quando aquelle simples homem, fóra de nenhuma presumpção, que ao similhante negocio tangesse, movido por graça especial a qual elle não conhecia, nem sabia, lhe apresentava assim aquella figura porque mais ligeiramente podesse tirar algumas duvidas, se as em sua vontade tinha, ácerca da conquista d'aquella cidade.

Outrosim depois do acabamento d'aquelles conselhos, determinou el-rei como toda a gente da comarca da Beira e Traz os Montes e Entre Douro e Minho, embarcassem na cidade do Porto, e mandou ao infante D. Henrique que se fosse á comarca da Beira, e que fizesse ajuntar todos os coudeis e anadeis, e assim d'aquella comarca, como de Tras os Montes, e que por seus livros fizesse apurar toda a gente que fosse pera servir, dando-lhe os cadernos dos alardos, que já antes d'esto mandára fazer, os quaes tinha em si Gonçalo Lourenço, como dito é.

E por esta mesma guisa mandou ao conde de Barcellos que tivesse carrego da comarca d'Entre Douro e Minho, e a gente da Estremadura e d'entre Tejo e

Odeana e do reino do Algarve, determinou que embarcasse na cidade de Lisboa sob capitania do infante D. Pedro, ao qual leixou o carrego da operação das gentes d'estas tres comarcas, pela guisa que o tinham seus irmãos das outras, e porque os vassalos e toda outra gente que haviam d'haver contia e soldo, podessem aviar melhor seu corregimento mandou que lhe pagassem as ditas contias e soldos, e mandou outro sim ao infante D. Duarte seu filho, que por ello inteiramente tivesse carrego e regimento da justiça e da fazenda de todo o reino, e era o infante ao tempo que lhe este carrego foi cometido de edade de vinte e dois annos. E porque estes dois trabalhos são mui grandes e elle era homem mancebo e não os havia acostumado, tomou-os com tão grande cuidado, que em nenhuma cousa faltava, e punha tanta diligencia, que se levantava tão cedo a ouvir missas que pouco espaço depois do sol sahir era na rolação, onde estava continuadamente até ás onze e doze horas, e logo como acabava de comer, dava audiencia mui grande espaço, e sem filhar grande repouso tornava a desembargar petições ou prover feitos da fazenda, de guisa que pera seu descanço lhe ficava mui pequena parte da noite, o que foi causa de se lhe gerar doença de humor melenconico, a qual se lhe acrescentava muito mais com a continuação do trabalho, sendo elle homem muito gracioso e mavioso de condição, que nunca soube a nenhum homem dar má resposta, e aquella dôr segundo sua natural propriedade, é anojar-se da gente e querer sempre apartamento.

Eram em aquelle bom principe duas mui grandes pelejas, porque por sua condição queria estar entre gente e ouvir graciosamente seus requerimentos, e aquella triste enfermidade o constrangia a aborrecer

todas aquellas cousas. Empero tanta era a bondade e virtude em elle, que vencia a maldade da dôr e segun sua boa natureza e condição, de guisa que de mui poucos homens era entendido ter elle enfermidade.

Por certo, diz o auctor, grande resplandecimento fazia no mundo tanta bondade e virtude de principe, da qual me aparto dolorosamente, leixando de fallar em ella por tornar ás outras cousas, cá por certo bondades dos homens d'aquelle tempo eram nada em comparação da d'este principe. Mas do maravilhoso remedio que elle achou pera sua cura, seria proveitoso a qualquer que sente algum padecimento d'esta enfermidade, se lêsse por aquelle livro que elle compoz, que se chama o *Leal Conselheiro*, onde achará o remedio d'aquella cura cumpridamente escripto aos vinte e tres capitulos.

E assim foram repartidos os carregos do reino, pelos infantes e conde de Barcellos.

A el-rei sómente ficou cuidado de suas artilharias e armas, com todas outras cousas que pertenciam pera aviamento de sua frota, e pera estas cousas melhor se poderem encaminhar, foi-se el-rei chegando contra a cidade de Lisboa, pera d'alli mandar mais ligeiramente perceber todas as cousas.

CAPITULO XXIX

Como el-rei escreveu aos fidalgos que se fizessem prestes pera irem com seus filhos, e do grande trafego que entonce era no reino ácerca d'aquelle corregimento.

QUEM poderia em aquelle tempo fallar em outra cousa senão em armas e em apercebimento de guerra? cá logo el-rei escreveu a todos os senhores e fidalgos e homens de conta suas cartas de apercebimento, nas quaes lhe fazia saber como elle por seu serviço e honra do reino tinha ordenado enviar seus filhos, a saber o infante D. Pedro e o infante D. Henrique por capitães de sua frota pera o servirem no que elle mandasse, com os quaes lhe aprazia que fossem aquelles a que elle assim escrevia, e porém que lhe mandava que se fizessem logo prestes pera irem com elles em a dita frota, e lhe fazerem primeiramente saber as gentes com que o entendiam de servir pera lhe desembargar seus dinheiros e ordenados, pera corregimento seu e das ditas suas gentes, e com isto era o fervor tão grande no reino, que em todos os logares as gentes não trabalhavam em al, porque uns andavem em alimpar e correger suas armas, outros em mandar fazer biscouto e salgar carne e mantimentos, e outros em correger navios e aparelhar guarnições, de guisa que ao tempo da necessidade, não se achassem d'algumas cousas fallecidos.

Mas principalmente era este trafego na cidade de Lisboa e do Porto, porque commummente não havia ahi algum que fosse livre d'este cuidado.

Tanta e tamanha era a revolta, no corregimento d'estas cousas, que quando fazia tempo calado, claramente ouviam o ruido por mui grande parte dos logares de Ribatejo, e em verdade era formosa cousa de vêr, ca por toda aquella ribeira jaziam naus e navios, nos quaes de dia e de noite andavam calafates e outros meseiraes que lhe repairavam seus fallecimentos, d'outra parte jaziam muitos bois e vacas decepadas, e alli muitos homens a esfolar e outros a cortar e salgar, outros a meter em toneis e em botas, em que haviam d'ir.

Os pescadores e suas mulheres tinham cuidado de abrir e salgar as pescadas e cações e arrayas, e similhantes pescados, dos quaes todos os logares onde o sol tinha maior assocego, eram cheios.

Os officiaes da moeda, de dia e de noite nunca seus martelos estavam quedos, por tal guisa que ainda que um homem bradando dissesse alguma cousa entre aquellas fornaças, escassamente podia ser entendido.

Os tanoeiros não eram pouco trabalhados em fazer e repairar as vasilhas pera os vinhos e carnes e outros mantimentos.

Os alfaiates e tozadores em aparelhar pannos e fazer librés de diversas guisas, cada um segundo o senhor d'ellas lh'as mandava fazer.

Carpinteiros em encaxar bombardas e trons e endereçar todas as outras artilharias, as quaes eram muitas e grandes.

Os cordoeiros em fazer guindarezas e estrinques e cabres, e outra muita cordoalha de linho, que faziam

assim pera os navios da terra como pera os de fóra; cá todo se repairava em este reino.

Quem seria aquelle, que distinctamente podesse contar os trabalhos que havia entre aquellas gentes? Cá não era algum que fosse escusado d'aquelle encarrego, porque posto que os velhos por razão de sua edade soubessem que haviam de ficar, não tinham porém pequeno cuidado de esquadrinhar qual seria certamente a parte pera onde aquella frota havia de fazer sua viagem, e sobre isto tinham grandes departições, cá este officio principalmente deixa-o a natureza aos velhos, por razão das muitas cousas que viram e sabem, e porque são já livres das paixões, as quaes não leixam aos mancebos livre poder pera cuidarem direitamente as cousas e como quer que os seus cuidados fossem tão agudos, não havia ahi porém algum que podesse determinar a certidão d'aquelle feito, cá uns diziam que el-rei mandava a infanta á Inglaterra pera casar em aquelle reino mui honradamente e que iam seus irmãos com ella com aquelle poderio de gentes e corregimentos de guerra, pera ajudarem el-rei seu primo a conquistar o reino de França.

Outros diziam que iam sobre o reino de Napoles, porque a rainha estava viuva e que escrevera a el-rei que enviasse lá um de seus filhos pera casar com ella e receber o senhorio do reino, e que d'esta mesma viagem haviam de fazer similhante no reino de Secilia, e por isso enviava el-rei aquelles dois filhos, por razão dos dois casamentos.

Outros diziam que el-rei no começo da demanda que houvera com o reino de Castella, que prometera d'ir em romaria á casa Santa de Jerusalem, por tal que o Senhor Deus lhe desse victoria contra seus inimigos, e porquanto lhe o Senhor Deus dera assim

aquelle estado e os de seu conselho não eram em acordo que elle fosse fóra de seus reinos, e por tanto enviava lá seus filhos assim poderosamente por duas razões.

A primeira por cumprirem a romaria por elle e poderem passar por todos os logares sem receio de pessoa alguma, dizendo ainda que quando lá fôra o conde de Barcellos, que esta fôra a principal causa de sua ida, a saber, que o mandara seu padre com intenção de vêr aquella santa cidade e os portos e ancorações que havia em este mar Mediterraneo n'aquelle porto de Jafa, onde faz sua fim, e esto é quanto a este mar que entra pelo estreito de Ceuta, e a segunda era por trazerem aquelle Santo Sepulcro com todas as outras relíquias que se podessem achar em aquella cidade e termos d'ella.

Outros diziam que haviam d'ir sobre a cidade de Bruges, por certas razões que allegavam que el-rei tinha pera o fazer, as quaes aqui não declaramos por extenso, porque são tantas e com tantas particularidades, sem proveitoso effeito, que tivemos por melhor de as leixar, por dar logar a outras cousas.

Outros diziam que os infantes todavia haviam d'ir sobre o duque d'Olanda, pela guisa que já ouvistes, cá posto que aquelle segredo assim fingidamente fosse calado, aquelles que iam com Fernão Fogaça o contavam a seus amigos, e quanto lhes elles mais encommendavam que fosse sm segredo, tanto elles mais azinha o descobriam, porque aquella cousa é azinha quebrantada, que em si traz maior força de defeza quando por medo d'alguma pena se não leixa de quebrantar.

Outros disseram que por quanto em Avinhão n'aquelle tempo estava o Auti-Papa, que se chamava

Clemente VII, ao qual obedecia toda Hespanha, afóra este reino de Portugal, que el-rei como fiel e catholico christão que sempre tivera com o Papa de Roma, tendo verdadeiramente que aquelle era o direito Vigario de Nosso Senhor Deus em logar do Apostolo S. Pedro e verdadeiro pastor da egreja, enviava seus filhos, querendo desfazer tamanha divisão como estava entre os christãos, e os infantes iam assim poderosos porque se por ventura alguns d'aquelles seus subditos quizessem tornar a ello, que os infantes levassem tamanho poder, que lh'o podessem contrariar.

Outros disseram que aquella frota principalmente ia sobre Normandia, porque el-rei achava que tinha direito em ella, por razão d'el-rei D. Affonso, que fôra bisavô de seu padre el-rei D. Pedro, o qual fôra conde de Bolonha.

Outros fallavam outras muitas cousas, tão desvairadas, que seriam longas de escrever, porque é determinado na Santa Escriptura que onde verdade se esconde, alli se multiplicam muitas mais palavras, e como quer que assim estes desvairos e outros muitos havia entre elles, não era porém algum que podesse certamente nem assim apalpando fallar na cidade de Ceuta, sómente quanto achámos que um judeu servidor da rainha D. Filippa, que chamavam Juda Negro, que era grande trovador segundo as trovas d'aquelle tempo, em uma trova que enviou a um escudeiro do infante D. Pedro, que chamavam Martim Affonso d'Athouguia, contando-lhe as novas da côrte, disse todas estas cousas que dissemos e outras muitas, entre as quaes no derradeiro pé da quarta trova disse que os mais sezudos entendiam que el-rei ia sobre a cidade de Ceuta, mas esto entendiam que elle não o soubera *tanto por* nenhum signal certo que visse, quanto por

juizo de astrolomia de que elle era mui sabio e muito uzava.

CAPITULO XXX

Como em Castella souberam estas cousas e do conselho que acerca d'ello tiveram, e de como determinaram de enviar a el-rei seus embaixadores por firmarem as pazes.

Todos os homens, segundo sentença do philosopho no primeiro livro da transcendente philosophia, naturalmente desejam saber e aqueste natural desejo nos mostra o cego, a que Nosso Senhor Jesus Christo perguntou que era o que desejava?

Respondeu que lhe desse vista, não determinando que visse uma cousa nem outra, porque na Santa Escriptura por saber se põem vêr segundo diz o propheta no quarto verso do psalmo oitavo, «porque eu verei os ceus teus dos teus dedos obra», mostrando que aquella vista era perfeita sabedoria, que elle entendia percalçar depois do trespassamento d'esta vida, mas sobre esta sentença do philosopho se faz um formoso argumento, se por ventura este desejo a que assim nos move a natureza, é quanto ás cousas que pertencem á alma, ou quanto ás que pertence ao corpo.

Sobre o qual argumento brevemente entendamos que em ambas ha logar; tendo cada uma parte seus graus apartados, cuja declaração pelo presente não é pera nosso processo, e fallando d'este desejo que per-

tence ás cousas do corpo, saibamos que este desejo é partido em quatro partes, porque um desejo é aquelle que homem deseja saber, não sómente a outro fim senão por filhar em si um desenfadamento que o entendimento recebe quando ha perfeito conhecimento da cousa sobre que tem duvida, cuja experiencia cada um póde vêr em si, vendo novamente algum homem ou mulher que elle por ventura conhece, mas não é em certa lembrança d'onde nem de quando ha d'elle este conhecimento, e posto que lhe proveito nem perda traga, empero o natural entendimento totalmente deseja chegar a esta sabedoria, e cobrando-a sente folgança; outro saber é quando homem aprende alguma sciencia, por cujo fim espera receber honra ou proveito, e quando a percalça sente ledice por razão da honra e do proveito, mas não por outro fim.

Outro saber é quando algum deseja saber alguma cousa subtil qual se elle imagina que poucos sabem, e quando a percalça sente ledice, possuindo em si mesmo um intrinseco prazer, consirando como elle é em perfeito conhecimento d'aquello que poucos sabem.

O quarto desejo de saber é quando homem deseja de saber aquellas cousas de que não é certo, se lhe virá damno ou proveito, e muito mais ainda trabalha o entendimento por saber a certidão de que certamente espera de receber damno, que das outras de que se segue proveito, cá sómente o temor é azo de filhar os homens conselho, cujo movimento foi em alguns d'aquelles principaes do reino de Castella, que ouvindo as novas como este feito crescia cada vez mais, tiveram mui grande cuidado de saber o principal movimento d'el-rei.

Mas este desejo não era, salvo por aquella derradeira razão, que já dissemos, temendo o damno que lhe podia vir, e diziam entre si como podia ser que el-rei fizesse tamanha armada e tão grande ajuntamento de gentes pera ir sobre o duque d'Olanda, sendo entre elles tão poucas injurias passadas, que posto que el-rei o mandasse desafiar, seria a outro fim, mas não já que a sua verdadeira tenção fosse d'ir sobre elle, e sobre esta duvida alguns genovezes estantes na cidade de Lisboa escreveram a outros seus parceiros estantes em Sevilha, recontando-lhe todo o ardimento que se trazia em Portugal, acerca do aviamento d'aquella frota, e posto que se algumas cousas dissessem de desvairadas maneiras, os mais dos sezudos todos criam que se fazia pera irem sobre a cidade de Sevilha, porém que elles fossem avisados de tirarem d'alli sagesmente suas mercadorias e cousas em que entendiam receber algum damno em abatimento de sua fazenda, e com estes recados e muito mais com a presumpção que se fazia manifesta se ajuntaram aquelles vinte e quatro da quadra de Sevilha, e tiveram sobre ello grandes conselhos sobre os quaes escreveram ao conselho d'el-rei, a saber á rainha e alguns outros grandes senhores que eram com ella, porquanto o infante D. Fernando era já rei d'Aragão e estava em seu reino provendo sua terra.

Chegou assim este recado a Palença, onde el-rei estava, sobre o qual se fallaram muitas cousas, entre os quaes fallou primeiramente um bispo d'Avila, a quem aquelle recado de Sevilha especialmente fôra encomendado, porquanto elle era natural d'aquella cidade, e esto fallou elle assim porque muitos d'aquelles do conselho diziam que não era pera se fallar em similhante cousa, que bem era de presumir que se el-

rei D. João tivera vontade de cometer similhante cousa que não mandára lá seus embaixadores requerer paz.

PRATICA DO BISPO D'AVILA

«Senhores, disse o bispo, muitas mais vezes dão as cousas conselhos aos homens do que os homens o dão ás cousas, e sobre todo a experiencia, que é mestra de todas as cousas, não certa, e porém o que os de Sevilha requerem, não é sobre fundamento vão, que não ha nenhum tão simples em este reino, que não sinta que similhante ajuntamento como se faz no reino de Portugal, não seja muito pera temer e arrecear, cá não tão sómente nós outros que somos seus visinhos, mas ainda os alongados de seu reino, pensam similhante cousa e consiram bem o damno que se lhe pode seguir d'ello, cá aquelle é havido por prudente e sezudo que consira as cousas ante que venham, cá por isso disseram os velhos antigos, que o homem apercebido é meio combatido, e aquelle bom cavallheiro D. João Manuel portanto poz n'aquelle livro que fez, que se chama o Conde Lucanor, um exemplo que aconteceu á andorinha com as outras aves, que faz muito a este proposito.

Certo é que o reino de Portugal é cercado todo de mar d'uma parte, e d'outro o cercam estes nossos reinos, e ainda até agora não se acha que algum dos reis de Portugal tivesse outra conquista, em que tanto tempo nem tão grandemente trabalhasse, como a guerra d'estes reinos, leixando aquelle primeiro rei que se occupou em despejar muitos d'aquelles logares que tinham os mouros, e ainda d'aquelle não foi de todo livre, cá muitas cousas achamos nas chronicas antigas, *que se* passaram entre elle e este nosso reino, mas pera

que me detenho eu em estas cousas? Abaste o que já disse, a saber que elles não tem com quem hajam contenda senão comnosco.

Pois como pensaremos que el-rei agora haja de fazer armada pera ir buscar novas conquistas, não havendo nenhuma cousa pera ello, é bem pera crêr aquelles que não tem sizo, que el-rei haja de fazer uma armada em que ha quatro annos que entende e despende dinheiro, e não tão sómente abala pera ella as cousas de seus reinos, mas ainda manda por todas as partes da christandade buscar navios e armas pera ir sobre o ducado d'Olanda.

Por certo as imizades e os damnos não são passados entre elles tão grandes nem taes que por razão d'elles se houvessem de mover tamanhas cousas, nem ainda el-rei é homem que por similhantes cousas cometidas por pessoas vis e de tão pequeno preço, houvesse de mandar dois seus filhos fóra de sua terra com tamanho poder.

Mas por certo que o feito que assim anda calado, alguma grande cousa ha-de partir, e os genovezes estantes em Lisboa que similhante escreveram, alguma cousa conhecem e sabem porque deram tal aviso a seus amigos.

Porém meu conselho é que emquanto a cousa assim está, que a cidade de Sevilha seja logo avizada, que os muros sejam repairados e os almazens providos, e que as portas sejam mui bem fechadas e as chaves entregues a homens fieis, e que seja mandado a todos os fidalgos e cavalleiros comarcães d'aquella cidade que se venham pera ella logo e façam cumprir e guardar todas estas cousas, como sentirem que pertence pera segurança da dita cidade, e provejam todas as galés e navios que estiverem nas tercenas, que lhe

não falleça nenhuma cousa, pera se aproveitarem d'ellas quando cumprir.»

Depois que o bispo acabou sua falla estava alli entre aquelles senhores o adeantado de Caçorla, que era um fidalgo muito sezudo, posto que muito velho não fosse, o qual se estava sorrindo emquanto o bispo fallava.

«É bem, disse elle, que nós hajamos de tomar o temor por todos os outros a que por ventura maior parte pertence d'esto? Como podemos nós fazer nenhum movimento de nos aperceber, que não fizessemos mui grande injuria a el-rei de Portugal, tendo com elle nossas pazes e lianças firmadas e havendo ahi tão chegado divido, como ha entre nosso rei e seus filhos, e sendo elle um principe tão grande e tão nobre que hajamos de suspeitar d'elle que ha-de quebrar sua verdade e sua fé d'onde nunca se acha que similhante fizesse?

E o que os genovezes de Lisboa escreveram não é cousa razoada que por esso se haja de crêr, nem move o conselho d'el-rei, ca o feito d'aquelles não é outra cousa senão salvar aquelle dinheiro que tem, porque em elle está toda a sustancia de sua vida e honra.

Porém o que me a mim parece acerca d'ello é que nos não façamos mudança acerca de nenhuma cousa, porque se possa suspeitar que nós temos receio de cousa alguma que se n'aquelle reino faça, mas que hajamos nossas pazes por boas e firmes, como é razão que nunca Deus quizesse que a verdade sahisse em similhante caso d'entre os senhores e principes, cá se assim fosse grandes males se recresceriam d'ello.

E porque ainda estas cousas fiquem mais firmes e mais seguras, podemos enviar nossos embaixadores a el-rei por lhe tomarem juramento, segundo ficou de-

terminado quando seus embaixadores d'aqui partiram, e este movimento será justo e honesto, e poderemos por elle fazer dois grandes proveitos.

O primeiro será que se el-rei jurar as pazes, como é de crêr que fará, ficarão nossos feitos todos seguros. e se por ventura elle tem em vontade de fazer outra cousa, logo porá algumas escusas ao não fazer, do que se elle não póde escusar que não fique prejuro e infamado, e nós poderemos entonce entender por qualquer pequena duvida que elle ponha que todo seu fundamento é pera nos empecer, e entonce teremos razão pera nos percebermos descubertamente e sem nenhum prasmo».

Alli estavam n'aquelle conselho mui grandes senhores, ca estava o duque de Arjona e o mestre de Calatrava, e o prior de S. João, o conde de Benavente e o arcebispo de Toledo, e o bispo de Burgos e um deão de Santiago que era mui grande douctor, e assim outros muitos douctores e cavalleiros que alli leixára el-rei D. Fernando pera se determinarem as duvidas que sobreviessem ao conselho d'el-rei seu sobrinho, e estes todos fallaram entre si, havendo seus debates acerca d'aquelle feito, e finalmente acordaram que o conselho do adeantado era mui bom, e porém mandaram logo fazer a embaixada e elegeram pera ello o bispo de Mondonhedo e a Dia Sanches de Benavides.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDEX

PAG.

CAPITULO I — Do começo da historia e fundação de Ceuta 18

CIPITULO II — Em que se declaram as razões porque esta força foi começada tão tarde..... 23

CAPITULO III — Da tenção que el-rei houve de mandar requerer pazes a Castella 27

CAPITULO IV — Como os embaixadores foram a Castella e da resposta que houveram..... 30

CAPITULO V — Como os embaixadores tornaram de Castella e como as pazes foram divulgadas por todas as partes do reino..... 33

CAPITULO VI — Como el-rei D. João enviou requerer ao infante D. Fernando a conquista de Grada..... 39

CAPITULO VII — Como el-rei tinha vontade de fazer grandes festas em Lisboa pera fazer seus filhos cavalleiros, e como os infantes fallaram ácerca d'ello entre si, que similhante maneira de cavallaria não era honrosa pera elles..... 45

PAG.

CAPITULO VIII — Como João Affonso, vedor da fazenda, fallou aos infantes na cidade de Ceuta, e como os infantes fallaram a el-rei seu padre 44

CAPITULO IX — Como el-rei disse que não queria determinar alguma cousa d'aquelle feito até que soubesse se era serviço de Deus fazer-se, e como mandou chamar os letrados pera o saber 48

CAPITULO X — Como os letrados tornaram com resposta a el-rei dizendo que era serviço de Deus tomar-se a cidade de Ceuta 54

CAPITULO XI — Como el-rei moveu outras duvidas que tinha pera filhar aquella cidade 60

CAPITULO XII — Como os infantes fallaram entre si ácerca d'aquellas duvidas, e da resposta que trouxeram a el-rei 67

CAPITULO XIII — Como el-rei mandou chamar ao infante D. Henrique e das razões que lhe disse, e como determinou ir tomar a cidade de Ceuta 73

CAPITULO XIV — Como o infante D. Henrique levou as novas a seus irmãos e do grande prazer que houveram 77

CAPITULO XV — Como el-rei mandou chamar o prior do Hospital e o capitão, e o que lhe disse que haviam de fazer 80

CAPITULO XVI — Como o prior e capitão partiram pera Lisboa e da embaixada que levavam e das cousas que fizeram em sua viagem 85

CAPITULO XVII — Da resposta que o prior deu a el-rei ácerca de assentamento de Ceuta, e mais cousas que lhe encommendára 92

CAPITULO XVIII — Como el-rei disse a seus filhos que *duvidava muito* começar aquelle feito antes de primeiro o saber a rainha e o Condestabre 94

PAG.

CAPITULO XIX — Como a rainha fallou a el-rei no requerimento de seus filhos, e da rosposta que lhe el-rei ácerca d'ello deu 99

CAPITULO XX — Como el-rei pelo presente não quiz declarar á rainha que elle havia d'ir em aquelle feito, e como logo mandou encaminhar as cousas que pertenciam pera a frota 104

CAPITULO XXI — Como el-rei e os infantes determinaram a maneira porque se havia de fallar ao Condestable n'aquelle feito, e como lhe foi fallado e por que guisa 108

CAPITULO XXII — Como el-rei começou de ordenar mais trigorosamente sua ida, e como se os infantes tornaram d'Evora, e como se os infantes D. Pedro e D. Henrique partiram pera suas terras, e cousas que lá fizeram 113

CAPITULO XXIII — Como os infantes foram a Santarem todos tres, e da maneira que tiveram em seu caminho, e do que fallaram a seu padre tanto que chegaram aonde elle estava 117

CAPITULO XXIV — Como el-rei mandou chamar os de seu conselho e como os infantes tornaram á côrte, e das cousas que o infante D. Henrique requereu a seu padre 120

CAPITULO XXV — Como el-rei tomou juramento aos do conselho e porque guisa, e das palavras que lhe disse ácerca de seu proposito 124

CAPITULO XXVI — Como o Condestable respondeu primeiro n'aquelle conselho, e das razões que disse, e como o infante D. Duarte e seus irmãos responderam, e porque maneira 128

CAPITULO XXVII — Como el-rei teve conselho sobre o encobrimento d'aquelle proposito, e como foi deter-

PAG.

minado que mandasse desafiar o duque d'Olanda, e da maneira que el-rei teve n'aquelle desafio..... 131

CAPITULO XXVIII — Como Fernão Fogaça tornou com a resposta de sua embaixada, e como se as cousas passaram ácerca do corrigimento da frota emquanto elle fez sua viagem 137

CAPITULO XXIX — Como el-rei escreveu aos fidalgos que se fizessem prestes pera irem com seus filhos, e do grande trafego que entonce era no reino ácerca d'aquelle corrigimento..... 142

CAPITULO XXX — Como em Castella souberam estas cousas e do conselho que ácerca d'ello tiveram, e de como determinaram de enviar a el-rei seus embaixadores por firmarem as pazes 147